



Projeto Garoto Cidadão

Avaliação de resultados

Abril / 2022



FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral

Simone de Castro Tavares Coelho

Consultores responsáveis

Cintia Filpo

Cristina Meirelles

Gabriel Ligabue

Pesquisadores

Sérgio Meireles

Victor Barreto

Administração e Logística

Seila Meireles

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1. METODOLOGIA	4
2. PERFIL	8
3. A TRANSIÇÃO PARA O PRESENCIAL	21
4. GESTÃO	30
5. PLANEJAMENTO DO EDUCADOR	50
6. AS ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DO PROJETO	60
7. PROCESSOS AVALIATIVOS	97
8. RESULTADOS DO TRABALHO SEGUNDO PARTICIPANTES	108
9. OS DESAFIOS	128
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
ANEXOS	134

Apresentação

Este relatório tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada no mês de dezembro de 2021 com jovens, educadores, gestores, parceiros e responsáveis, procurando verificar os principais resultados no desenvolvimento do Projeto Garoto Cidadão.

Serão apresentados os resultados totais e relativos a cada uma das unidades onde o projeto é desenvolvido. Porém, vale enfatizar que não se pretende hierarquizar nem comparar desempenho entre as unidades, já que cada contexto é único e suas especificidades devem ser consideradas e respeitadas.

1. Metodologia

A pesquisa foi realizada utilizando abordagens quantitativa e qualitativa.

Para a abordagem quantitativa foram elaborados questionários estruturados para jovens, educadores e gestores, discutidos com os profissionais da Fundação. Os dois últimos foram colocados em ferramenta eletrônica e gerados *links* para preenchimento, distribuídos aos coordenadores de cada unidade que encaminharam aos educadores e gestores. Já o questionário para os jovens foi aplicado presencialmente por pesquisadores durante as respectivas visitas nas unidades. Os dados coletados, correspondentes às respostas aos questionários elaborados, foram extraídos na forma de banco de dados e organizados, sistematizados e analisados com o uso de ferramentas específicas.

Para a abordagem qualitativa foram realizados grupos focais com educadores e jovens representantes de todas as unidades e também com pais e responsáveis de Arcos, Araucária, Volta Redonda, Itaguaí e Congonhas. Ainda, foram realizadas entrevistas com coordenadores de cada unidade, representantes do poder público e parceiros da Fundação, a saber:

- Assistência Social de Araucária
- Casa da criança e CRAS de Volta Redonda
- Poder público de Itaguaí
- Poder público de Congonhas
- Poder público de Arcos
- UNAS da comunidade de Heliópolis em São Paulo

A Companhia Siderúrgica Nacional também foi ouvida por meio de representantes locais de Arcos, Araucária e Congonhas.

1.1. Universo pesquisado

1.1.1. Jovens

Participaram da pesquisa quantitativa 225 jovens, o que representa cerca de 30% do total de jovens participantes do projeto. As tabelas 1 e 2, que seguem, mostram os números de jovens que responderam à pesquisa por unidade, com detalhamento ao território de Heliópolis.

Tabela 1. Número de jovens por Unidade

	NA	%
Araucária	20	8,9
Arcos	26	11,6
Congonhas	20	8,9
Heliópolis	79	35,1
Itaguaí	24	10,7
Volta Redonda	56	24,9
Total	225	100

Tabela 2. Distribuição dos jovens nas unidades de Heliópolis

	NA	%
CCA 120	5	6,3
CCA Aziz	6	7,6
CCA Georgina	8	10,1
CCA Heliópolis	38	48,1
CCA Imperador	11	13,9
CCA Mina	11	13,9
Total	79	100



Aplicação de questionários com educandos, Volta Redonda

Participaram, ainda, dos grupos de discussão, um total de 55 jovens, distribuídos, conforme a tabela, a seguir.

Tabela 3. Número de jovens participantes dos grupos, por Unidade

	NA	%
Araucária	12	21,8
Arcos	09	16,4
Congonhas	08	14,5
Heliópolis	06	10,9
Itaguaí	10	18,2
Volta Redonda	10	18,2
Total	55	100

1.1.2. Pais / Responsáveis

Pais / responsáveis dos jovens também foram ouvidos na pesquisa qualitativa – exceto nas unidades de Heliópolis, conformando um total de 5 grupos, com 46 participantes.

Tabela 4. Número de pais/responsáveis participantes dos grupos por Unidade

	NA	%
Araucária	10	21,7
Arcos	09	19,6
Congonhas	09	19,6
Itaguaí	13	28,3
Volta Redonda	05	10,9
Total	46	100

1.1.3. Educadores

Participaram da pesquisa quantitativa 48 educadores, o que representa 76% do total. A tabela 5, que segue, mostra os números por unidade. O menor percentual de participação foi observado em Heliópolis (48% do total de educadores).

Tabela 5. Número de educadores participantes por Unidade

	NA	Universo total	%
Araucária	6	8	75%
Arcos	8	8	100%
Congonhas	8	10	80%
Heliópolis	10	21	48%
Itaguaí	9	9	100%
Volta Redonda	7	7	100%
Total	48	63	76%

Participaram dos grupos focais 41 educadores, com maior representação em Congonhas.

Tabela 6. Número de educadores participantes dos grupos, por Unidade

	NA	%
Araucária	6	14,6
Arcos	7	17,1
Congonhas	10	24,4
Heliópolis	7	17,1
Itaguaí	5	12,2
Volta Redonda	6	14,6
Total	41	100



Grupo focal com educadores, Arcos

1.1.4. Coordenadores

Os coordenadores das seis unidades responderam a um questionário online com perguntas específicas sobre gestão e foi realizada entrevista com o gestor do projeto pela FCSN. Incluímos também entrevistas com os coordenadores dos núcleos a fim de entendermos melhor o funcionamento geral desses espaços e suas dinâmicas.



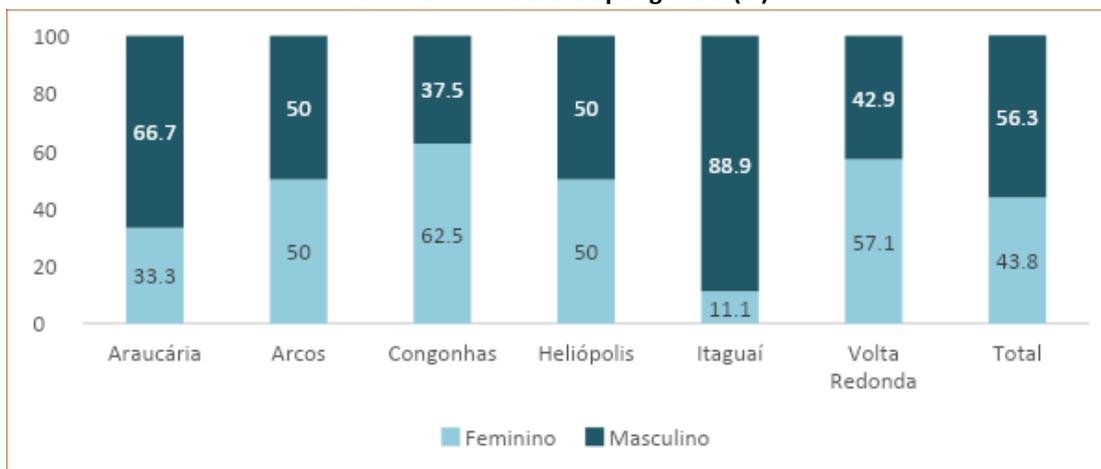
Entrevista com coordenadora, Volta Redonda

2. Perfil

2.1. Educadores

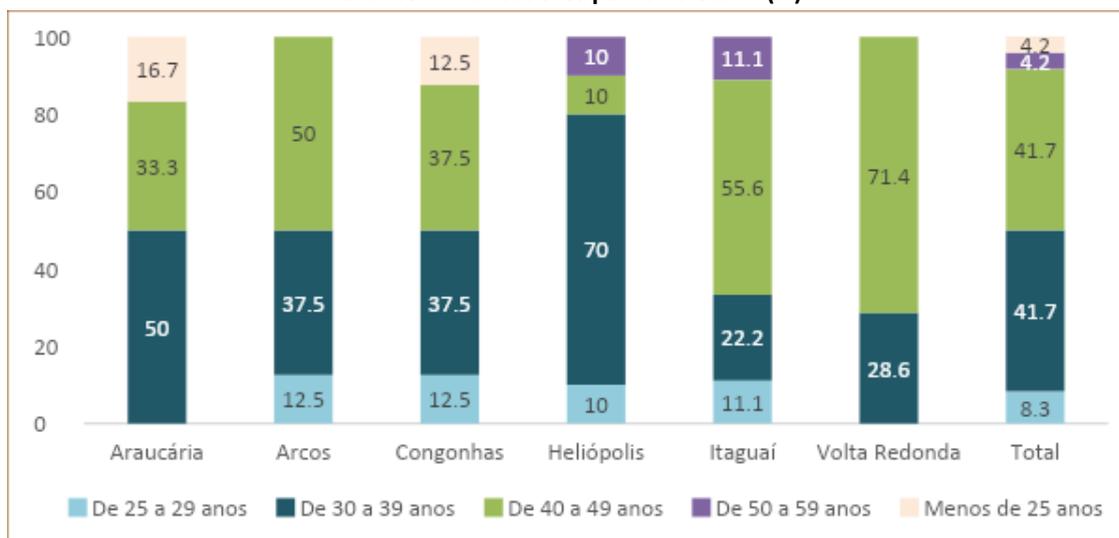
Entre os educadores, a maioria do conjunto (56,3%) é formada por homens, com destaque para Itaguaí com 88,9%. Nas unidades de Volta Redonda e Congonhas a proporção se inverte com maioria de mulheres e, em Arcos e Heliópolis o número de homens e mulheres está equilibrado.

Gráfico 1. Educadores por gênero (%)



No que se refere à idade, a maior parte dos educadores têm entre 30 e 49 anos. Em Volta Redonda, Itaguaí e Arcos predomina a faixa etária de 40 a 49 anos. Em Heliópolis e Araucária de 30 a 39 anos. Em Congonhas as duas faixas estão equilibradas, como mostra o gráfico que segue.

Gráfico 2. Educadores por faixa etária (%)



Todas as linguagens estão representadas na pesquisa. Em maior número, estão os professores de música, seguidos pelos de teatro e dança, como mostra a tabela 7.

Tabela 7. Educadores - linguagens

	NA	%
Artes visuais	3	6,3
Circo	1	2,1

Comunicação e expressão (Expressões da Arte)	4	8,3
Dança	7	14,6
DHC (Cultura e cidadania)	5	10,4
Música	21	43,8
Teatro	7	14,6
Total	48	100

Em relação à escolaridade, predominam aqueles com ensino superior completo (45,8%), seguidos pela formação específica na linguagem na qual atuam (33,3%). Heliópolis e Volta Redonda tem educadores nos níveis mais altos de escolaridade, com parcela dos educadores com titulação de mestrado.

Tabela 8. Educadores – escolaridade (%)

	Formação específica na Linguagem	Ensino Superior completo	Especialização (Lato sensu)	Mestrado completo (Stricto sensu)	Total NA
Araucária	16,7	33,3	50		6
Arcos	37,5	62,5			8
Congonhas	25	75			8
Heliópolis	20	50		30	10
Itaguaí	55,6	44,4			9
Volta Redonda	42,9		42,9	14,3	7
Total (%)	33,3	45,8	12,5	8,3	100
Total (NA)	16	22	6	4	48

O conjunto é composto por educadores experientes (68,8% têm mais de 10 anos como educador), como mostra a tabela 9.

Tabela 9. Educadores – tempo de experiência (%)

	Menos de 1 a 2 anos	Entre 4 e 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Mais de 10 anos	Total (NA)
Araucária		16,7	33,3	50	6
Arcos	25		12,5	62,5	8
Congonhas			25	75	8
Heliópolis		30	30	40	10
Itaguaí				100	9
Volta Redonda			14,3	85,7	7
Total (%)	4,2	8,3	18,8	68,8	100
Total (NA)	2	4	9	33	48

Além do tempo de experiência na função, a maioria dos educadores atua no projeto há mais do que 5 anos. A exceção fica para Heliópolis, onde a implementação do Projeto é recente. Em Araucária, Arcos, Congonhas, Itaguaí e Volta Redonda a maioria atua no projeto há pelo menos 2 anos.

Tabela 10. Educadores – tempo de atuação no Garoto Cidadão (%)

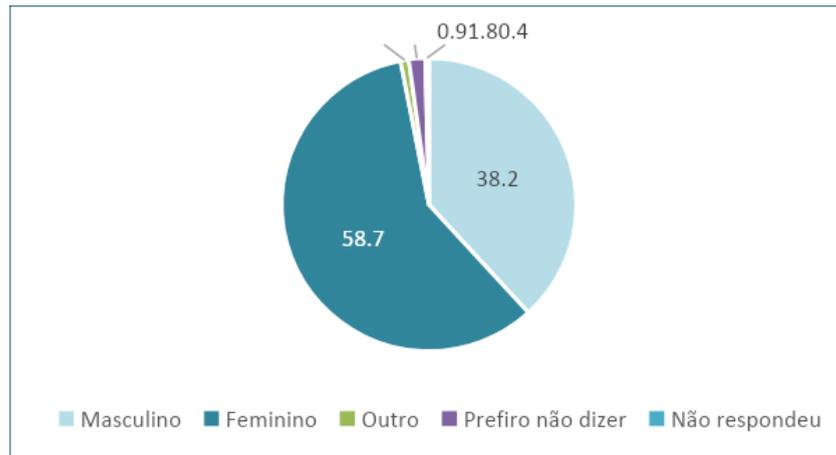
	Há 1 ano	Entre 2 e 3 anos	Entre 4 e 5 anos	Mais que 5 anos	Total (NA)
Araucária		50		50	6
Arcos	25	25		50	8
Congonhas		37,5		62,7	8
Heliópolis	20	80			10
Itaguaí		11,1	22,2	66,7	9
Volta Redonda			28,6	71,4	7
Total (%)	8,3	35,4	8,3	47,9	100
Total (NA)	4	17	4	23	48

Os educadores participantes da avaliação compõem um grupo formado por profissionais predominantemente do sexo masculino entre 30 e 49 anos, grande parte com ensino superior completo. Chama a atenção que a maioria tem mais de 10 anos de experiência na função e atua no Projeto há mais de quatro anos.

2.2. Jovens

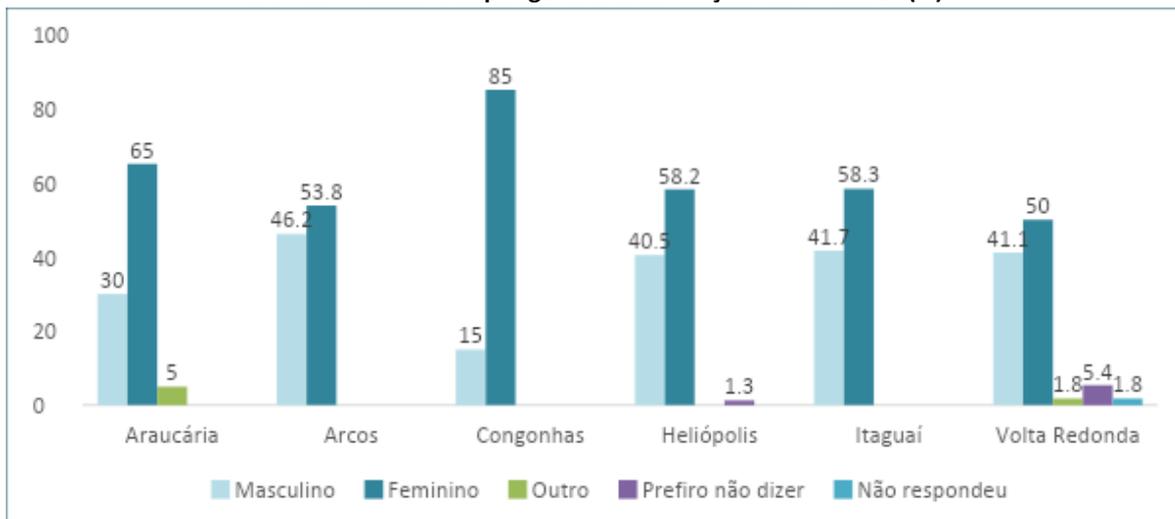
Entre os jovens que participaram da pesquisa, as meninas são maioria, compondo 58,7% do total, contra 38,2% do gênero masculino. Outros e jovens que não declararam gênero (“prefiro não responder” + “não responderam”) compõem 3,1% dos respondentes (Gráfico 3). O mesmo predomínio feminino, em proporção bastante semelhante, é observado na pesquisa qualitativa / grupos de discussão: 33 (60%) das entrevistadas são meninas e 22 (40%) são meninos.

Gráfico 3. Educandos por gênero (%)



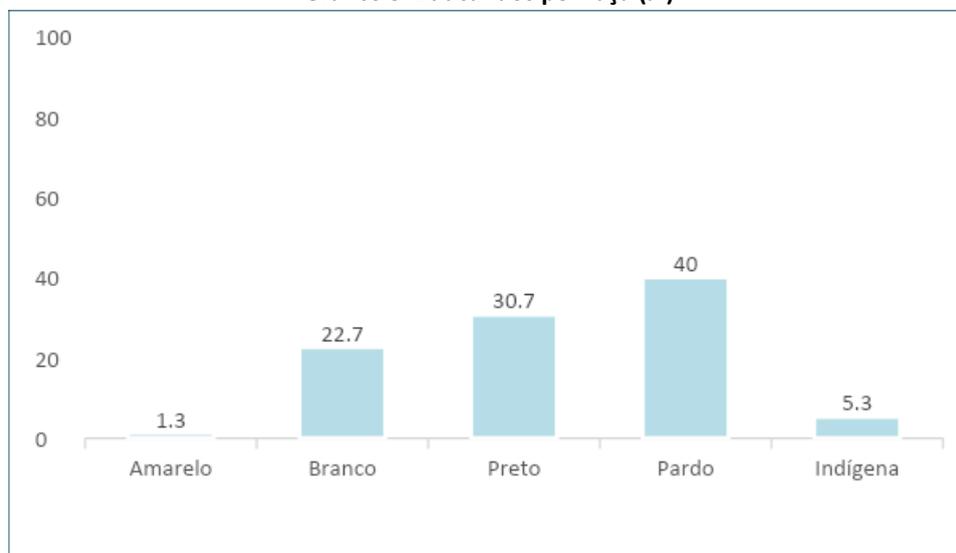
Quando analisadas as unidades separadamente, as meninas também predominam em todas elas, com destaque para Congonhas e Araucária, onde representam, respectivamente, 85% e 65% do total.

Gráfico 4. Educandos por gênero: distribuição nas unidades (%)



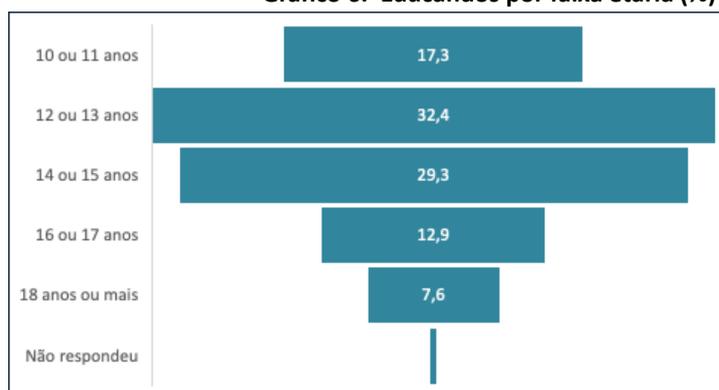
Na distribuição por raça fica evidenciado o predomínio de jovens pardos e pretos, com quase 71% dos respondentes nessa condição, proporção superior à observada no País¹.

Gráfico 5. Educandos por raça (%)



Em relação às idades, predominam os mais jovens: 79% dos respondentes têm menos de 15 anos. No oposto, 7,6% declararam ter idade superior a 18 anos (Gráfico 6).

Gráfico 6. Educandos por faixa etária (%)



¹ Segundo dados do censo de 2010, pretos e pardos representavam 50,7% da população. <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?indId=5&temaId=1&loId=1000>>, acesso em 11/02/2022.

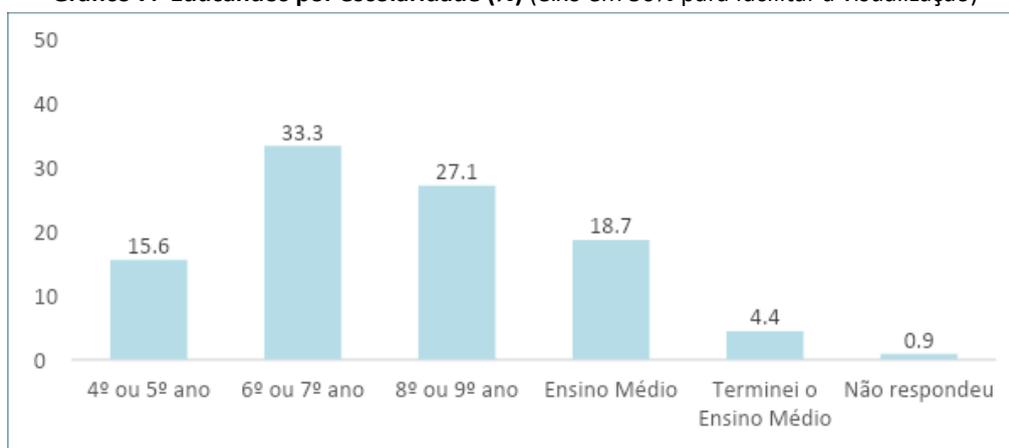
Proporcionalmente, as unidades de Heliópolis são as que possuem maior percentual de crianças e jovens na faixa etária de 10 a 13 anos, com quase 85% dos educandos nessa condição; e 100% com menos de 15 anos. Araucária e Congonhas, por outro lado, apresentam maior concentração daqueles com idades mais elevadas, acima de 16 anos. Pode-se, ainda, observar em Arcos, o maior equilíbrio entre as idades (tabela 11).

Tabela 11. Educandos por faixa etária: distribuição nas unidades (%)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total (NA e %)	
10 ou 11 anos		19,2	5	40,5		1,8	39	17,3
12 ou 13 anos	15	23,1	15	44,3	37,5	30,4	73	32,4
14 ou 15 anos	40	19,2	15	15,2	29,2	55,4	66	29,3
16 ou 17 anos	40	15,4	30		29,2	7,1	29	12,9
18 anos ou mais	5	23,1	35		4,2	3,6	17	7,6
Não respondeu						1,8	1	0,4
Total	20	26	20	79	24	56	225	100

A escolaridade parece condizente ao perfil etário, com ampla maioria (76%) cursando o Ensino Fundamental. Somente em Heliópolis, onde as idades se concentram nas faixas mais jovens (até 15 anos), não há educandos cursando Ensino Médio. Estes, por sua vez, estão mais concentrados nas unidades de Araucária e Congonhas, onde há educandos com as idades mais avançadas. A tabela com a escolaridade dos participantes da pesquisa distribuídos por unidade, encontra-se como Anexo 1, deste relatório.

Gráfico 7. Educandos por escolaridade (%) (eixo em 50% para facilitar a visualização)



A maior parte dos jovens participantes da pesquisa, está no projeto há pelo menos quatro anos, com entrada até 2018, sinalizando forte vínculo com a proposta.

Os que se matricularam no projeto no período da pandemia, representam 12% do total.

Tabela 12. Ano em que iniciaram a participação no projeto - Jovens

	NA	%
Entrei antes de 2017	59	26,2
Entrei em 2017	24	10,7
Entrei em 2018	49	21,8
Entrei em 2019	64	28,4
Entrei em 2020	4	1,8
Entrei em 2021	23	10,2
Não respondeu	2	0,9
Total	225	100

Na distribuição por unidades, Congonhas, Araucária e Arcos concentram o maior percentual de jovens com participação mais antiga, até 2018. No outro extremo, Itaguaí e Heliópolis apresentam os maiores percentuais de participação mais recente.

Em particular, chama a atenção o fato de mais de 60% dos educandos participantes da pesquisa em Itaguaí terem ingressado no projeto no período já de pandemia, em 2020 e, sobretudo, em 2021.

Também observa-se que, em Araucária, não há relato de ingresso no projeto posterior a 2018, entre os que participaram da pesquisa.

Tabela 13. Educandos por ano de ingresso no Projeto: distribuição nas unidades (%)

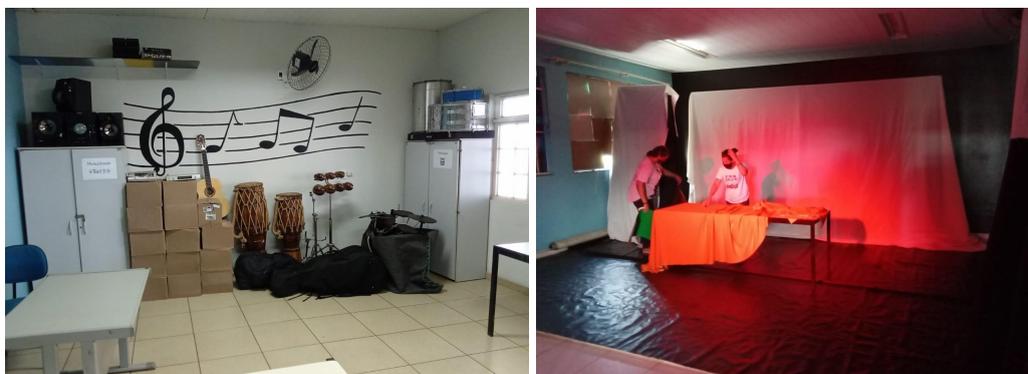
	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total (NA e %)	
Antes de 2017	65	50	70		16,7	26,8	59	26,2
Entrei em 2017	30	7,7	5		4,2	25	24	10,7
Entrei em 2018	5	26,9	5	32,9	8,3	21,4	49	21,8
Entrei em 2019		11,5	10	54,4	8,3	25	64	28,4
Entrei em 2020				2,5	8,3		4	1,8
Entrei em 2021		3,8	5	10,1	54,2		23	10,2
Não respondeu			5			1,8	2	0,9
Total	20	26	20	79	24	56	225	100

No geral, os jovens participam de atividades em mais de uma linguagem e todas elas estão representadas na pesquisa. As mais citadas são música (na qual participam 72,2% dos respondentes), teatro (59,2%) e dança (58,8%).

Circo e expressões da arte são as linguagens menos representadas na amostra, sendo que o circo está restrito à unidade de Itaguaí. Expressões da Arte e Cultura e Cidadania também não são citadas em todas as unidades. A primeira não está representada em Heliópolis e a segunda em Araucária. A tabela completa com os percentuais de participação nas linguagens por unidade, encontra-se como Anexo 2, deste relatório.

Tabela 14. Jovens e as linguagens das quais participam – Resposta múltipla

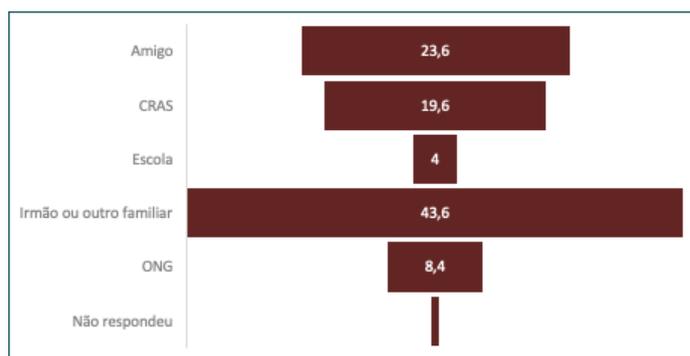
	NA	%
Artes visuais	112	43,9
Circo	8	3,1
Cultura e Cidadania	134	52,5
Dança	150	58,8
Expressões da Arte	61	23,9
Música	184	72,2
Teatro	151	59,2
Total	255	100



Salas de música e de teatro, Congonhas

Ainda, a maioria dos jovens (43,6%) indica ter tido conhecido o projeto por meio de irmãos ou outros familiares. Amigos e CRAS figuram em segundo e terceiro lugar, sendo responsáveis pela apresentação do Projeto para, respectivamente, 23,6% e 19,6% dos respondentes.

Gráfico 8. Como conheceram o Projeto - Jovens (%)



A despeito de corresponder a 19,6% do total de pesquisados, o CRAS não é citado entre os jovens das unidades de Arcos e Itaguaí. O coordenador de Arcos explica:

Olha eles têm vindo mais no boca a boca, em administrações passadas a gente perdeu o vínculo com o CRAS, o CRAS foi bem enfraquecido por algumas administrações, então a nossa porta de entrada com o CRAS ela foi fechada, então as crianças acabavam vindo pra cá pelo boca a boca mesmo e a gente está agora tentando organizar essa porta de entrada, como a gente está mudando de secretaria, está indo para a educação, a gente está esperando definir como que vai ser esse processo de entrada, pra gente poder definir os parâmetros de 2022, mas em 2021 a gente já percebeu uma receptividade muito grande do CRAS assim, em relação a gestões passadas. (Entrevista com coordenador, Arcos)

Também chama a atenção a baixa representatividade e o aparecimento pontual das escolas como meio de divulgação do Projeto para os jovens.

As informações apuradas nos grupos corroboram essas indicações, com os familiares aparecendo como o meio mais citado, além do CRAS e de amigos. A escola é citada somente em Congonhas e Itaguaí.

Ainda que os dados não se distanciem substancialmente, chama a atenção, nos grupos com os pais / responsáveis realizado em Congonhas, a atitude proativa destes que buscam pelo projeto a partir do encontro casual com jovens que os frequentavam.

Porque eu trabalhava com taxi, aí sempre conseguia quando tinha alguma corrida aqui do projeto, eu vinha buscar as pessoas, quando tinha distribuição de cesta básica, eu fiquei curioso em saber o que era. Aí quando elas [filhas] começaram a participar, eu vi o que é o

projeto; é uma das melhores coisas da vida delas. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Eu tenho comércio aqui no centro, eu via pessoas com os filhos com uniformes, e aquilo me chamava atenção, aí eu falei, uma hora eu vou perguntar. Aí eu perguntei pra uma mãe no centro da cidade, ela explicou o que era, onde era, e eu vim aqui. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Diferentemente do que dizem os jovens pesquisados, na percepção dos educadores, em todas as unidades, o encaminhamento das crianças e jovens ao Garoto Cidadão é feito prioritariamente pelo CRAS, em segundo lugar pelas famílias que já participam e conhecem o Projeto, seguido, em menor proporção, pelas escolas e organizações sociais. Se observado por unidade: exclusivamente em Araucária o encaminhamento das Promotorias é grande parte da origem dos estudantes; as organizações sociais em Heliópolis e Arcos; as escolas públicas em Itaguaí.

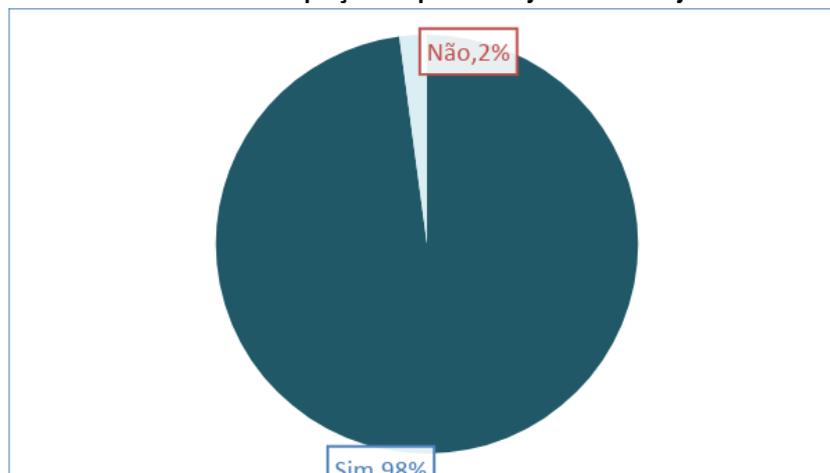
Tabela 15. Encaminhamento ao Projeto, segundo educadores (resposta múltipla em %)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
CRAS	100,0	87,5	100	70	88,9	100,0	89,6
Famílias que já participam	33,3	87,5	25	60	66,7	14,3	50,0
Organizações sociais	16,7	50	25	70	22,2	14,3	35,4
Escolas Públicas	33,3	37,5	25	30	88,9	14,3	39,6
Centros de acolhimento		12,5					2,1
Conselho tutelar					11,1		2,1
Promotorias	50	12,5		10	11,1	14,3	14,6
Medidas protetivas					11,1		2,1
Total (NA)	6	8	8	10	9	7	48

Os educadores foram solicitados a avaliar se o perfil e a origem das crianças e jovens estão adequados aos propósitos do Garoto Cidadão: 98% responderam afirmativamente (apenas um educador considerou não adequado) - gráfico 9 – por entender que o Projeto deveria estar aberto a todas as classes sociais.

Eu não acho assim “vamos fazer um projeto social para gente poder atender só aqueles menos favorecidos”, eu acho que o projeto tem que tratar todas as crianças, indiferente da situação social e dar para ela aquilo que a gente dá para qualquer uma outra criança independente da classe que ele ocupa dentro da sociedade. (Grupo Focal com educadores, Congonhas)

Gráfico 9 - Adequação do perfil dos jovens ao Projeto



Os coordenadores reiteram, nas entrevistas, essa indicação.

A porta de entrada desses meninos para o projeto é o CRAS, centro de referência da assistência social, além do CRAS a promotoria da infância e juventude, conselho tutelar e CREAS. Então todos os meninos que são atendidos pelo garoto cidadão, eles vêm até nós encaminhados por algum ator da rede de proteção que é quem tem essa expertise pra fazer um levantamento de quem são essas famílias. (Entrevista com coordenador, Araucária)

A grande maioria dos educadores entrevistados destaca que o público-alvo do Projeto são crianças e jovens em situação de vulnerabilidade e que isto está garantido, seja pela forma de encaminhamento e pela necessidade do cadastro no CRAS e, portanto, compatibilidade com seus critérios, seja pela região de origem dos jovens em bairros mais vulneráveis.

Para você poder participar tem que estar inscrito, vem pelo CRAS que é o Centro de Referência de Assistência Social, e tem que estar inscrito em algum programa social do governo, então a gente atende crianças em situação de vulnerabilidade social que é nosso público-alvo. (Grupo Focal com educadores, Congonhas)

A gente sempre procura cumprir esse papel, tanto que todos nossos educandos eles precisam ter o cadastro no CRAS, ele tem critérios de questão financeira, e aí a assistente social nos encaminha esse educando com esses dados. (Grupo Focal com educadores, Araucária)

Eles vêm encaminhados dos CRAS e a gente aqui atende todas as localidades que estão mais distantes do centro, que são as zonas, mesmo, de mais vulnerabilidade social. A condição de moradia é muito precária. A estrutura familiar é um responsável, geralmente a mãe ou avó e assim, vários irmãos. (Grupo Focal com educadores, Volta Redonda)

Os coordenadores entrevistados concordam que o perfil dos jovens está adequado aos objetivos do projeto e reiteram que a forma de encaminhamento por órgãos de referência na área da assistência social garante a credibilidade necessária e coerência da proposta com seus propósitos.

Eles vêm das regiões da cidade onde foi identificado que são as maiores zonas de vulnerabilidade social, a porta de entrada do Garoto Cidadão em todas as cidades, isso é uma realidade que você vai ver que são os CRAS. Então a gente entende que esse garoto que a gente recebe, o CRAS já filtrou esse perfil socioeconômico. (Entrevista com coordenador, Volta Redonda)

O perfil socioeconômico é esse, crianças que por algum motivo seja ele financeiro, emocional, psicológico, crianças que tiveram seus direitos violados. (Entrevista com coordenador, Araucária)

Olha, seguramente todos os educandos que são atendidos pelo projeto são credenciados pelos CRAS do município, se não é CRAS passa pelo Conselho Tutelar ou pela Casa de Passagem / Casa de Abrigo, mas a gente sempre tem essa referência de famílias que já são atendidas pelo centro de referência de assistência social e isso nos dá uma credibilidade de atuar exatamente com essas famílias que estão mais vulneráveis. (Entrevista com coordenador, Congonhas)



Unidade na comunidade de Heliópolis, região com alta vulnerabilidade social em São Paulo

Em algumas unidades educadores observam, apesar disso, melhoria socioeconômica neste perfil, atribuídas à conjuntura da cidade e da população em geral.

De 2006, quando o projeto começou, para agora eu acho que até a questão financeira da população deu uma melhorada, a gente tinha meninos com condições de vulnerabilidade maior, essa ainda é a prioridade, mas acho que a condição da cidade em si, dos empregos,

melhorou. Isto deu mais oportunidade para as famílias. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Educadores e coordenadores avaliam, entretanto, que o perfil socioeconômico dos estudantes não é necessariamente homogêneo, abrangendo desde a extrema vulnerabilidade a uma condição mais confortável das famílias.

Nós temos de tudo, nós temos crianças que tem uma situação financeira considerável e nós temos crianças com uma situação socioeconômica bem baixa, então nós temos de tudo aqui, nós temos crianças de escola particular, como de escola pública, temos todos os perfis. (Entrevista com coordenador, Arcos)

Educadores sugerem ainda que essa maior diversidade, mais recente, pode estar relacionada, de um lado, às questões da pandemia que agravou a situação de muitos, e de outro, ao trabalho à distância, *online*, que exigiu maiores recursos das famílias e atraiu jovens com mais estrutura.

Dentro das classes sociais que a gente atende tem uma variação, não são todos iguais.(...) a gente consegue ver diferenças entre a pessoa que está em risco financeiro, mas tem um pai e uma mãe atenciosos, tem apoio, tem amor, tem um celular, tem acesso, final de semana consegue ir ao shopping; e tem outras que já não, que está com frio, está de chinelo, às vezes está sujo, que às vezes não tem acesso ao básico, que vem pra comer o lanche, é muito pesado assim, quando a criança vem e pede: "aí, posso comer duas vezes?" (Grupo Focal com educadores, Araucária).

Com o online outros foram alcançados porque a Internet é mundial. Então hoje eu acho que já chega uma galera de uma classe social um pouco diferente. A galera ainda pobre, mas com acesso à Internet. A gente pode dizer que a galera que a gente deixou em 2019, que entrou ou que deveria entrar para o online em 2020, foram poucos que tiveram acesso à Internet (...). Tem acesso, mas é esporádico, tem que esperar o pai chegar ou às vezes uma tia. Então hoje eu acho que chega uma galera ainda pobre, mas com um nível de acesso, com um nível de recursos um pouco melhor. Mas de um modo geral a situação da molecada é bem precária. (Grupo Focal com educadores, Itaguaí)

A gente vai até a comunidade, então a gente sempre viu a situação deles e agora, dessa vez, percebemos que realmente está muito pior. A gente até se reuniu, assim independente, e está ajudando alguns alunos até com comida. (Grupo Focal com educadores, Volta Redonda).

Tenho um aluno que já está trabalhando com 14 anos e para mim foi uma surpresa, e é um reflexo da pandemia, ele não deixa de vir porque ele gosta muito, mas ele já tem as responsabilidades em casa que aumentaram. (Grupo Focal com educadores, Volta Redonda)

Educadores e coordenadores consideram que o perfil socioeconômico dos estudantes está adequado aos propósitos do Garoto Cidadão, o que é garantido pela forma de encaminhamento ao Projeto e a necessidade de que as famílias atendam aos critérios do CRAS. Observam, entretanto, uma mudança neste perfil a partir da pandemia (embora ainda dentro dos critérios): de um lado o agravamento das condições de parte dos estudantes, de outro a entrada de crianças e jovens advindos de famílias com mais estrutura, de modo a atender as necessidades que o trabalho à distância exigiu. Vale investigar os motivos do não reconhecimento do CRAS como principal forma de encaminhamento entre os jovens e seus familiares.

3. A transição para o presencial

Considerando que a pesquisa anterior tratou das questões relativas ao trabalho online², os educadores e coordenadores entrevistados foram solicitados a avaliar o momento atual que, em diferentes tempos conforme a unidade, representa a transição inversa: do ensino à distância para o presencial. Cada um dos pontos destacados abaixo, embora não necessariamente todos eles abordados em todas as unidades por ambos os públicos, compõem, no conjunto, as reflexões feitas sobre este momento.

- **A transição ainda está em curso:** a volta está acontecendo aos poucos, o híbrido permanece.

Ainda está sendo porque nós estamos voltando aos poucos. Eu acho que o projeto vai acabar acontecendo num formato híbrido, com grupos específicos retornando e alguns alunos sendo atendidos online, até que a gente consiga envolver de novo toda a família numa nova proposta que traga esses alunos para cá. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Bom, os que não voltaram, realmente foi por questões da família mesmo, que ainda não se sentiram seguros, e aí a gente manteve no online e os que não tem online, a gente leva alguma atividade impressa mesmo até a casa. (Grupo focal com educadores Araucária)

Quando a gente começa liberar realmente para as atividades presenciais, aí a gente encontra uma nova realidade de dor, que são jovens de bairros muito distantes do Garoto Cidadão, que faziam aula virtual e não tem condições de vir para o projeto para a aula presencial, aí a gente volta para atividade presencial, mas a gente também não quer deixar esse menino órfão, então a gente mantém algumas atividades virtuais, que são

² Garoto Cidadão - análise dos processos implementados em 2020 / Tessitura Conhecimento Social- maio 2021

disponibilizadas para manter esse atendimento online desse alunos, que são de longe. (Entrevista coordenador, Itaguaí)

- **A insegurança e receio com a volta:** a preocupação com a pandemia (educadores e pais); a dúvida quanto ao cumprimento dos protocolos por parte dos estudantes, entre outros, somaram-se à expectativa do reencontro com as crianças e jovens e fim das atividades online.

Toda vez que eu entrava em contato com a família que poderia ser o retorno, depois não poderia, depois sim, eles também ficavam nessa ansiedade, mas também tinha o medo de saber se o projeto ia cuidar, ia entrar no protocolo, perguntava até se era a mesma equipe que estava no projeto, porque eles têm essa confiança, e então foi bem conturbado. (Grupo focal com educadores, Araucária)

E estar com eles de novo está sendo demais assim, poder olhar no olhinho e ver fazendo as atividades aqui na sala, está sendo demais. (Grupo focal com educadores, Araucária)

- **Questões relacionadas ao engajamento e a frequência dos estudantes:** preocupação quanto à volta para o presencial; preferência de alguns pelo formato *online*; mudança de comportamento dos jovens em relação ao projeto; mudança da faixa etária dos antigos estudantes; a questão do interesse pelo projeto.

Então realmente estou preocupado, como vai ser esse retorno, se vai ter uma debandada, se eles vão ter uma dificuldade de retornar presencialmente no projeto, se esse projeto para eles hoje vai ter o mesmo valor que teve a dois anos atrás. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Me amedronta um pouco no sentido de se todos voltarão, se eles realmente vão dar valor ao que eles tinham aqui antes ou se agora ficou melhor ficar em casa ou na rua brincando ao invés de vir para cá, porque eles vão ter essa opção, né? Antes não, antes eles já cresciam assim: escola, projeto, casa. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Então, aqui em Itaguaí a gente perdeu uma galera até porque também alguns já estão com 18 anos, (...) Mas, nesse período aí a gente também conquistou muita gente nova, graças a uma parceria que nós fizemos com a escola, então tem uma galera supernova e super disposta, em especial os pequenininhos. Essa galerinha, para mim foi muito difícil fazer atividade online. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

Eu acho que é legal falar sobre os meninos que a gente perdeu para o tráfico, eu passei recentemente num CRAS aqui e vi um garoto lá, com arma na mão, vestindo até o casaco do Garoto Cidadão. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

Os meninos que queriam e tinham envolvimento maior estavam presentes, muitos desses se dispersaram nesse caminho online também. Mas também tivemos uns ganhos de alguns

meninos também que às vezes não eram tão participativos numa aula presencial, mas que começaram a ser mais participativos numa aula online. (Grupo focal com educadores, Congonhas).

E nesse percentual teve outros fatores, né? Um foi a idade, muitos completaram 18 anos outros tiveram que de fato trabalhar para ajudar a família em casa, alguns engravidaram ao longo do percurso e outros ficaram sem acesso total e perderam o contato mesmo, o vínculo, porque muitos relatos que a gente percebe, a prioridade para eles naquele momento era comida na mesa, então o acesso à internet ficou defasado então acabou que a gente não conseguia nem entrar em contato pra saber onde estava morando, então muitos mudaram porque tiveram que achar uma moradia mais barata, então teve outras questões também que influenciaram bastante nesse processo. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

- **As mudanças das crianças e jovens:** o reencontro acontece dois anos depois com alterações no desenvolvimento e novas experiências vividas, tanto para educadores como para coordenadores.

Quem era criança em 2020 quando fechou, já é adolescente, então também essa mudança deles nos pegou de surpresa.... (Grupo focal com educadores, Araucária)

Eu já pude observar que eles estão muito mais tensos nessa questão de aproveitar esse momento, então eu acho que se há um ponto negativo vários, mas levando para o lado negativo da pandemia, o ponto positivo da volta ao presencial, seria, na minha visão, esse afeto aflorado. Uma intensidade. Como uma intensidade muito maior, justamente por estar privado de uma coisa que é natural. (Grupo focal com educadores, Arcos)

O retorno foi muito feliz, porém desafiador, porque daí também enquanto equipe, coordenação, crianças, tivemos que trabalhar o contato com o outro, porque até então, um ano e oito meses estávamos isolados, e tivemos que aprender a conviver com o outro. (Entrevista com coordenador, Araucária)

- **A readaptação:** necessidade de “recomeçar do zero” em algumas linguagens.

Especificamente da área de teatro, foi que a parte remota na parte de teatro, não teve retorno, porque o teatro é muita espontaneidade, feição, por mais que você fizesse os vídeos, você não vê retorno. Aí quando teve o retorno presencial eu percebi que os educandos não haviam acessado os vídeos, então eles nem sabiam do que eu estava falando. Então eu senti que foi uma coisa de voltar para o zero, e começar um trabalho de novo como se estivesse iniciando de novo o teatro, e com essas restrições todas, então também se adaptar a isso, e replanejar, sem o tempo de planejamento, foi bastante complicado. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Quando fomos para o online, várias dificuldades que eles já tinham superado aqui, retornaram, que é a vergonha, timidez, a família vendo fazer aula de dança, que é botar uma roupa de dança para fazer atividade corporal, então todas esses pequenos asteriscos

que a gente já tinha superado com relação a atividade e a promoção de uma educação que contemple a dança e que o projeto era responsável (...) acabaram desaparecendo. (Grupo focal com educadores, Araucária)

Eu acho que até os que acessaram, a gente teve que retomar também, porque a gente sentiu que mesmo sendo participado, respondido, interagido de forma com a família ou sem, mesmo assim teve que começar de novo, trabalhar de novo, porque eu acho que no pessoal, temos as questões que conseguimos resolver na hora, momento pedagógico que você consegue aproveitar, que no virtual você não tem como qualitativamente saber como aquilo de que forma está sendo aproveitado. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

O que eu vejo, não é como dificuldade, mas talvez um desafio, do gap de aprendizagem que ficou nesse período. Os educadores tem me trazido de feedback que eu tenho achado bem interessante, por exemplo, os garotos que fazem teatro, eles estão sim voltando muito crus, mas a partir do momento que a professora estimula, é como se eles conseguiram recuperar esse aprendizado que ficou. Então isso é algo que me preocupa um pouquinho, porque cada um tem seu ritmo e tal. (Entrevista com coordenador, Volta Redonda)

- **O acolhimento:** crianças novas chegando e o reencontro com as que não participaram online.

Foi um desafio também porque receber novas crianças, tentar encontrar de novo as crianças que por algum motivo deixaram de participar um pouco do Projeto durante as nossas atividades online, isso aí foi um desafio. Ainda está sendo um desafio a gente poder atingir essas crianças de volta, mas está sendo muito bom, mas é uma reconquista, vamos falar assim. (Grupo focal com educadores, Arcos).

Mas quem retornou presencial são os novatos, não são os mais antigos. Quem veio para especialidade alguns antigos, mas quem tá fazendo as aulas aqui são alunos novatos. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

A gente priorizou os novos e aqueles que não tiveram acesso. E aqueles que tinham acesso a gente manteve online. São duas realidades né? (Grupo focal com educadores, Volta Redonda).

- **Estratégias para busca dos educandos:** o contato individual, que sempre esteve presente no Garoto Cidadão, tem sido a principal estratégia para a busca dos estudantes na volta ao presencial.

Para mim o que funcionou bastante foi a questão de utilizar o WhatsApp, porque a maioria, mesmo que eles não tenham o celular deles tem algum parente que tem, né? Então quando a gente voltou presencialmente, até aqueles que não faziam tanto pelo WhatsApp, mas sabiam, estavam lendo as mensagens ou a mãe estava no grupo vendo, já começaram a procurar e querer voltar. Para minha especialidade funcionou bastante o WhatsApp. (Grupo focal com Educadores, Volta Redonda)

É um processo que já acontecia no Garoto Cidadão. Nós já fazíamos visitas para matrícula quando era presencial, então esse processo de busca individual, isso já acontece, claro que agora a gente retorna porque tem esses anseios de será que eles vão voltar, como é que vai ser. E agora é essa comunicação mais online, pelo WhatsApp convidando individualmente. (Grupo focal com Educadores, Congonhas)

A gente começou a ligar para os pais novamente, para os alunos, falando que iam retornar as aulas presenciais e mesmo assim foi complicado porque ainda, querendo ou não, a gente está em processo de pandemia. Então, muitos pais, às vezes, não queriam que as crianças participassem presencialmente e a gente está construindo de pouco em pouco. Então os meninos estão chegando de pouco em pouco. (Grupo focal com Educadores, Arcos)

Embora a busca tenha sido ativa, em Arcos, o coordenador observa que, em alguns casos, também o acesso virtual aos estudantes teve que ser refeito.

O processo de busca foi por busca ativa, ligações, mensagem de celular, procurar nas redes sociais, porque além de perder o contato com essa criança, o contato físico, a gente também perdeu com o tempo um pouco do contato virtual, porque eles trocaram de número, não tinham mais telefone, não tinha internet porque a situação financeira não possibilitava isso. (Entrevista com coordenador, Arcos)

Na **perspectiva dos pais / responsáveis**, a volta ao presencial trouxe vários benefícios, sendo bastante pontual o temor do retorno.

Eu não queria que ele voltasse, porque ele não tinha tomado a vacina. Aí a Gisele sentou comigo, conversou, a gente vai ter todos os cuidados, e aí deixei ele voltar, quando ele voltou, ele chegou em casa dando pulo de alegria, porque estava muito legal. (Grupo focal com pais / responsáveis, Volta Redonda)

Em uma retrospectiva, sinalizam, de forma recorrente, como o período de isolamento foi complicado para os filhos. Distância dos amigos, falta de convivência e do trabalho coletivo, não contarem com internet e equipamentos adequados, dificuldade de se organizarem para fazer as atividades *online*, tanto do Projeto como das escolas, são alguns dos aspectos que marcaram os anos de 2020 e 2021...

Foi desafiador pra eles, porque além de cumprir horário, de ter várias reuniões online, a falta do afetivo, do coletivo, pra Leticia foi muito difícil, na parte de ensaio e organização do tempo pra estudar, porque daí a escola também estava online, também foi difícil, mas eu acho que o que mais pesou pra ela e pra todos, foi a falta da coletividade, de estarem todos juntos e fazendo o que eles gostam. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

Eu trabalho e preciso do celular para o trabalho, então justamente no horário da aula é o horário que eu mais precisava do telefone. (Grupo focal com pais / responsáveis, Itaguaí)

... trazendo desânimo, vontade de desistir do Projeto, desgaste emocional.

Minha filha, emocionalmente, ela ficou muito desgastada, ao ponto de ter uma queda muito grande. De eu ter que sentar e conversar, sentar e tentar explicar, aquilo que nem a gente mesmo sabia como seria o dia seguinte. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Esse período somente de aulas online foi bem estressante, porque meu filho desanimou, porque o professor não estava junto, não tinha amigos, foi bem difícil, com o passar do tempo tinha alguns ensaios, que foi o que motivou de novo. (Grupo focal com pais / responsáveis, Volta Redonda)

Nesse contexto, o retorno ao presencial foi muito prazeroso. Percebem a mudança na postura dos filhos e a vontade de retomarem os trabalhos.

No dia que nós voltamos (...) foi mágico assim, parecia realmente o primeiro dia de aula, e os professores os receberam muito bem e eles também, se sentiram acolhidos, foi bom, foi muito legal. (Grupo focal com pais / responsáveis, Itaguaí)

Aí veio uma semana sim e uma não, agora, e ele se transformou da água para o vinho, porque ele voltou a querer estudar, porque online ele falava que era muito chato, não conversava com ninguém, só fica olhando para o celular. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

A gente consegue ver a alegria estampada no rosto deles, o desejo mesmo de fazer, a empolgação. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

A postura dos educadores – atenta, preocupada em manter os grupos unidos e receptiva às demandas dos jovens –, tanto durante a pandemia como nos momentos de retorno, é percebida como mais um diferencial do Projeto, nesse contexto.

Qualquer outra diretora, professora, se o aluno quer sair da escola é vontade dele, já é jovem, tem 14 anos, 15 anos, a vontade é dele. Mas aqui [no projeto] não, aqui vinha o professor, vai a Lena, vai a Priscila, eles ligam, eles querem ajudar. Isso que eu acho legal, eles não são de desistir fácil, eles correm atrás do aluno pra fazer voltar, eu acho que por isso que tem tanta criança querendo entrar, não sair. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

Os meninos ficaram muito estressados em casa, a minha menina estava outro dia brava, xingando, aí falou: aí vou ligar pra Renata. (...) A professora do projeto. Aí ela fechou no quarto, de repente, eu escutei ela rindo lá, eu ainda chequei assim e falei, já deu uma melhorada, porque foi um momento muito difícil. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Os **jovens** também reconhecem a importância do papel e da postura ativa dos educadores durante a pandemia. Além das tentativas de se aproximar dos meninos, de não deixar que se distanciassem do Projeto...

A Lena que nunca desiste da gente, mesmo quando a gente está meio que se afastando, perdendo a vontade de fazer, por causa da aula online, ela está ali, pra gente voltar, os professores também. (...) eles sempre conversam com a gente, e desabafam com a gente, então eu acho que essa foi minha esperança, que não deixou eu cair e desistir. (Grupo focal com jovens, Araucária)

... percebem a ação criativa dos professores, trazendo propostas diferenciadas que conversavam com o contexto que estavam vivendo.

Na pandemia, uma coisa que está ali pra gente são os seriados, eu acho que todos aqui viram pelo menos uma serie, aí ela falou: 'vamos juntar a abertura de cada serie e fazer uma música, e ela começou ensinar, vamos tocar do Game of Thrones, La Casa de Papel' (...) Os professores sempre trazendo essa animação, o professor André de teatro que falou, vamos inovar, vocês vão fazer um monólogo. Aí eu falei, professor eu não sei fazer um monólogo. Aí ele falou, mas você vai aprender, e a gente fez. E isso é incrível, os professores tirando ideias inovadoras sabendo explorar, porque a gente estava em casa. (Grupo focal com jovens, Araucária)

No mais, as percepções quanto ao período vivido em casa e o retorno ao projeto se assemelham, em parte, às dos pais / responsáveis. Ressaltam, sobre o período que permaneceram em casa: o estranhamento de estarem isolados dos amigos e educadores, a dificuldade e o cansaço para realização das atividades *online*, o desânimo, a vontade de desistir.

Muitos não conseguiram [acompanhar] por causa de internet, celular muitas das vezes era emprestado de pai ou mãe. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Mesmo durante as aulas online, que a gente tentou segurar as pontas, a gente vai desanimando aos poucos e vai perdendo o brilho, né? Porque além de ter que fazer aula no colégio, chegava a hora do projeto, que a gente falava: meu deus, eu o projeto, outra tela na nossa frente... (Grupo focal com jovens, Araucária)

Ah, foi um período muito difícil pra nós, porque estamos acostumados a ver todos, todo dia, e pra fazer atividade online também era difícil, às vezes a internet caía, não dava pra assistir a aula e tudo, era uma confusão. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Bom, pra mim os recursos tecnológicos até que não eram maior problema, mas ficar afastada do projeto, dos amigos, dos professores, isso foi bem difícil. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Paralelamente, alguns jovens, em Araucária e Volta Redonda, enfatizam – como um lado positivo da pandemia – os aprendizados que tiveram, com destaque para a maior autonomia frente aos desafios colocados pelo projeto; mais tempo para estudar e rever conteúdos; e conhecimentos sobre ferramentas e recursos tecnológicos.

A gente viu uma oportunidade de estudar sozinho, pra melhorar o seu próprio som, a sua afinação. (...) Aprender a se virar, eu falo na parte da música, conseguir limpar o instrumento sozinho, sem precisar do professor, na afinação também, a gente aprendeu a se virar sozinho. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Eu acho que apesar das dificuldades, a gente aprendeu muita coisa nova, saber mais sobre tecnologia, mexer nas redes sociais, eu achei legal, mas é bem melhor presencial. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

No teatro, que eu participei bastante durante a pandemia, a gente conheceu a gente mesmo, a gente se descobriu, o professor deu a ideia da gente criar o nosso próprio roteiro, isso foi incrível, porque a gente viu uma capacidade nova que cada um tinha, pra realmente tipo, isso saiu da minha cabeça. Não é meu professor que me deu um roteiro que eu decorei e fiz, a gente criou o roteiro, a gente filmou, a gente editou, obvio que com o auxílio do professor. Mas é que nem o Luiz falou, a gente aprendeu a se virar, e isso é um grande aprendizado. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Eu acho que eu comecei a estudar mais, as coisas que eram passadas, de forma mais repetitiva assim, com a pandemia como era só um conteúdo e você ter que absorver o máximo daquele conteúdo, eu comecei a praticar mais e fazer mais vezes o que era proposto, eu acho que me ajudou bastante a conseguir memorizar melhor as coisas e aprender melhor as coisas. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

No processo de retorno ao presencial, fica, ainda, ressaltada a alegria da volta, marcada pelo acolhimento dos educadores, os reencontros e as medidas e cuidados necessários.

Quando soubemos da notícia, aquilo pra gente foi a maior felicidade, porque a gente ama esse lugar, aí quando a gente soube, todo mundo ficou muito feliz. (Grupo focal com jovens, Araucária)

E foi uma felicidade quando eu fui chamado. (...) Foi um período de tristeza, mas da dor vem a alegria, que estamos vivendo agora nesse período de volta. (...) Foi muito bom sentir o acolhimento deles novamente, uma alegria que eles deram pra gente, motivação pra poder continuar, e foi ótimo ter esse acolhimento deles. (...) Voltar e ver eles ali esperando a gente, com o carinho, emoção, é muito bom. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Foi bom. Eles [os educadores] acolheram, eles lembraram a gente, falaram que tem que ter distanciamento, máscara e tudo isso, pra gente poder voltar tudo ao normal logo, logo. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

A despeito da motivação para a volta, percebem mudanças, sobretudo, na composição dos grupos. Notaram a ausência de vários colegas, que atribuem – como fazem os educadores – às mudanças das condições de vida nos dois anos passados: idade, necessidade de trabalho, perda de interesse no projeto.

E os que saíram também, maioria já eram grandes, provavelmente estão trabalhando também. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Alguns estão até fazendo faculdade, né, estudando, essas coisas assim. Maioria está trabalhando. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Tem gente que perdeu interesse no projeto, porque tinha que fazer online, porque nem todo mundo tem acesso a internet e recursos pra fazer aula online. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

Que eu me lembre foram 4. (...) Sim, perdi muitos amigos, não a amizade, mas o contato, porque fazia parte do projeto e hoje não faz mais e quem sabe um dia volte, mas perdi bastante amizades. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

No momento da pesquisa a volta para o presencial ainda estava em curso. A nova transição mantém alguns dos desafios já vividos quando da passagem para o online, tais como inseguranças e ansios dos educadores, jovens e familiares, necessidade de replanejar, questões quanto ao interesse e engajamento dos educandos na mudança do formato. E acrescentam outros: a necessidade de acolhimento dos novos somada ao reencontro com os antigos já em nova fase de vida, a necessária retomada para os que não foram frequentes no *online*, bem como o investimento no formato híbrido. Para os jovens e seus familiares, o retorno ao projeto de forma presencial é motivo de alegria e tende a superar as inseguranças e os temores.

4. Gestão

Antes de iniciar a análise das estratégias e resultados do projeto, é preciso ter clareza das condições em que eles acontecem. Assim, foi importante averiguar diretamente com os gestores aspectos que facilitam a execução de atividades. Foi relevante também levantar, junto aos educadores e parceiros, suas percepções sobre esses mesmos aspectos.

A análise sobre os processos de gestão foi organizada em seis blocos analíticos: planejamento e cronograma de execução, gestão de relacionamentos institucionais, processos operacionais, ambiente de trabalho e desempenho da equipe, gestão de risco e *compliance*, sistematização e alcance de metas.

Cabe ressaltar que sendo apenas 6 coordenadores, suas respostas serão apresentadas em números absolutos. Serão incorporadas também as informações coletadas junto ao coordenador geral do projeto, Fábio Silvestre.

4.1. Planejamento e cronograma de execução

Um indicador importante referente a processos de gestão mais eficazes é a verificação do quanto o planejado foi efetivamente executado. Nesse sentido, vale verificar o volume de ações que tiveram de ser remanejadas, excluídas e ou incluídas, bem como o papel dos diferentes atores na definição desse cronograma.

Sabe-se que o cronograma de execução das ações forçosamente sofreu alterações em função da pandemia, com diferentes graus de ajustes e adequações entre as diversas unidades. Pelas

informações colhidas, os maiores impactos ocorreram em Itaguaí, em contraponto à unidade de Congonhas, onde o processo de adequação ocorreu de maneira mais rápida.

Em termos gerais, as readequações em função da pandemia não provocaram impactos negativos irremediáveis ao projeto. De qualquer forma, todos os seis coordenadores relataram ter havido alterações no cronograma, que, em quatro unidades, atingiu entre 20% a 80% das ações inicialmente previstas.

Tabela 16. Execução do Cronograma Planejado

Variáveis	Opções	Incidência
Execução do cronograma planejado	Foi preciso remanejar diversas ações, por questões internas do projeto (equipe, infraestrutura, etc.)	
	Foi preciso remanejar diversas ações, por questões internas e externas ao projeto (pandemia, por ex.)	6
	Não houve necessidade de remanejar ações	
Percentual de ações que foram CANCELADAS	Mais de 80%	
	Entre 20% e 80%	4
	Menos de 20%	2
Percentual de ações que foram ADIADAS	Mais de 80%	1
	Entre 20% e 80%	4
	Menos de 20%	1
Percentual de ações que foram INCLUÍDAS	Mais de 80%	1
	Entre 20% e 80%	4
	Menos de 20%	1

Segundo Fabio Silvestre, coordenador geral do Projeto Garoto Cidadão, não há um planejamento consolidado e fechado pela gestão central para todo o projeto. São propostos eixos de intervenção, diretrizes a serem seguidas e metas a serem alcançadas, que servem de base para o planejamento das unidades. As equipes têm flexibilidade para realizar mudanças e replanejar as ações em função de situações internas e externas, o que é confirmado pelos coordenadores:

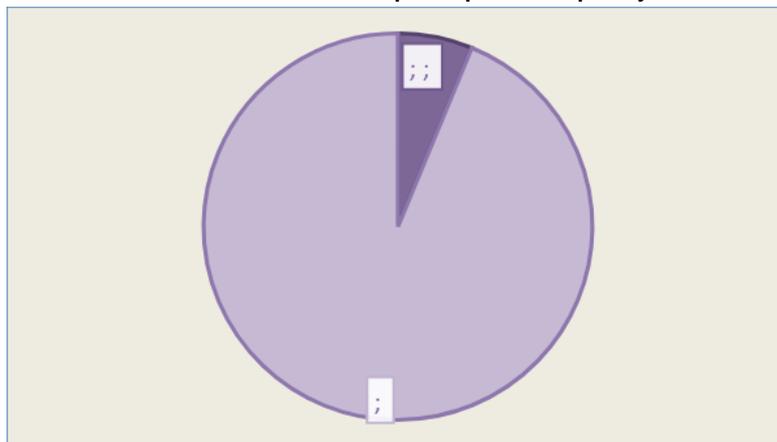
Nos anos anteriores antes da pandemia, sim, ele acontecia e ele acontecia de uma forma muito tranquilo, porque a gente tem um eixo norteador da fundação, todas as ações eram pensadas sobre esse eixo norteador, a fim de desenvolver esse processo, então a gente tem que ser uma linha, todos trabalham muito em cima desse eixo norteador. (Entrevista com coordenador, Arcos)

Anualmente a gente tem a oportunidade de vivenciar essas formações que são quando acontecem os encontros com a supervisão do projeto, que normalmente é uma semana de debates, de palestras. Então a gente tem a oportunidade de ouvir mestres em educação,

peças que fazem trabalhos muito significativos nas comunidades e a gente acaba trazendo isso para o nosso dia. Então, de repente o que é aplicado lá em São Paulo ou no Sul e a gente consegue fazer essa inter-relação com a região onde a gente atua. E umas das coisas também que eu acho que é muito interessante dentro do projeto é a autonomia que a gente recebe da supervisão, da presidência da Fundação porque apesar de a gente ter um norte, de a gente saber exatamente o que a gente tem que desenvolver, o tema do ano (...) qualquer que seja a concepção, a gente tem a autonomia de fazê-lo de acordo com o que a região te permite. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

De fato, todos os coordenadores declararam participar ativamente desse processo de planejamento, o que é convergente com a posição expressada por 93,8% dos educadores pesquisados, quando questionados sobre esse mesmo tema.

Gráfico 10. Se os educadores participaram do planejamento



A participação de parceiros locais, educandos e coordenação geral no planejamento, se dá de forma menos incisiva e normalmente sob consulta, segundo a maioria dos coordenadores. Isso não leva ao comprometimento das ações de planejamento pelas unidades, uma vez que os processos de decisão são normalmente compartilhados pelas diversas instâncias responsáveis.

Tabela 17. Como se dá a participação dos demais atores na definição do cronograma de execução

Variáveis	Opções	Incidência
Participação do COORDENADOR DA UNIDADE	Não participa	
	Participa sob consulta	
	Participa ativamente	6
Participação dos EDUCADORES	Não participa	
	Participa sob consulta	1

	Participa ativamente	5
Participação dos PARCEIROS LOCAIS	Não participa	2
	Participa sob consulta	3
	Participa ativamente	1
Participação da COORDENAÇÃO FCSN	Não participa	
	Participa sob consulta	4
	Participa ativamente	2
Participação dos EDUCANDOS	Não participa	
	Participa sob consulta	3
	Participa ativamente	3

4.2. Gestão de relacionamentos institucionais

Foi investigado também o relacionamento das unidades com os atores locais, o tratamento dado às suas demandas (se há processos estruturados para essa finalidade) e o caráter das eventuais manifestações desses atores em relação ao projeto e à FCSN. Na maioria dos casos, especialmente no que se refere aos organismos públicos municipais, esse relacionamento tem sido colaborativo e amistoso, segundo informado pelo principal gestor do projeto. Mudanças de atitude são observadas apenas eventualmente, quando da troca de grupos políticos nas prefeituras. Por esse relato, essas mudanças não impactam de forma mais profunda nas ações executadas, ainda que eventualmente seja necessário repactuar compromissos, pois a contínua articulação institucional das unidades com representantes das instâncias locais favorece a superação desses obstáculos.

Fabio Silvestre destacou as implicações desse processo de relacionamento institucional em uma unidade de alta complexidade como Heliópolis, onde as exigências de monitoramento dos parceiros e de articulação contínua se multiplicam, especialmente no que se refere às ações de engajamento e envolvimento comunitário, bastante influenciadas por organizações de grande penetração local, como UNAS e CRAS. De todo modo, existe, segundo os coordenadores das unidades, um instrumento formal de estabelecimento dessas parcerias e que, na maioria das vezes, é cumprido integralmente.

Tabela 18. Existência de instrumento de formalização da parceria com poder público e outros

Opções	Incidência
Não existe um termo de parceria formal estabelecido com os parceiros	
Existe um instrumento formal de parceria estabelecido com os parceiros, que é cumprido parcialmente	2

Existe um instrumento formal de parceria estabelecido com os parceiros, que é cumprido integralmente	4
--	---

Em relação à percepção dos coordenadores sobre a natureza de eventuais manifestações/attitudes, quando acontecem, são predominantemente de natureza política, pela independência e não subordinação do projeto a grupos e interesses políticos locais, posicionamento que pode gerar alguns riscos localizados, mas que configura uma situação bastante pertinente e adequada em termos de gestão do projeto.

Em certo momento, a gente recebe uma influência de um novo grupo de gestão do Garoto Cidadão, onde a gente tem uma política de trabalhar dos muros pra fora, então numa parceria mais efetiva com a comunidade, uma parceria mais efetiva com as escolas, com o poder público, com os parceiros no caso de Itaquai, o porto de Itaquai, o porto da CSN, e nesse momento a gente passa aí por alguns ciclos de formação e capacitação, desde da estruturação básica do Garoto Cidadão. (Entrevista com coordenador, Itaguai)

Ressalta-se, nesse aspecto, que cinco dos seis coordenadores avaliam que as manifestações recebidas dos parceiros e de outros atores locais sobre o projeto são em sua maioria positivas, o que se reflete no relacionamento dessas unidades com o poder público local. Durante as entrevistas com os parceiros, também foi identificada essa valorização, inclusive por representantes da própria CSN.

No momento que eu assumi a planta, a gente acabou se conhecendo ali, a equipe do projeto, entendendo algumas demandas, entendendo algumas necessidades (...) E a gente desenvolveu um programa de voluntariado, nós devemos ter reunido na época lá ao final de 2015, começo de 2016, próximo aí de 100 pessoas da comunidade e daqui da unidade, que trabalharam para promover diversas melhorias aí no projeto. A partir daí gerou-se uma interação, uma sinergia muito positiva, onde a gente passou a estar mais próximo aí do projeto, fazendo visitas in loco, trazendo os garotos do projeto em alguns eventos aqui para dentro da planta, atuando junto com o projeto junto a eventos na cidade, mostrando que realmente a gente tem patrocínio, mas principalmente vendo e acompanhando mais de perto quanto o projeto é transformador de vidas. Hoje eu posso dizer que gente tem uma relação bastante forte, bastante saudável, entre a unidade e o projeto social que é desenvolvido por conta da operação aqui em Araucária. (Entrevista gerente geral da CSN, Araucária)

Eu acho que o projeto Garoto Cidadão contribui muito com a nossa realidade de território e as crianças que têm oportunidade de vir, elas demonstram isso e as famílias agradecem muito. A gente acompanha essa família lá enquanto referência da assistência, a gente observa essa evolução, porque a criança que normalmente está lá próximo do CRAS, ela estuda por ali mesmo, ela vai na igreja ali mesmo, raramente ela sai dali e o Garoto Cidadão

oportuniza isso, tira ela daquele convívio maior, que não é ruim, é bom (...) Então é uma oportunidade muito interessante o Garoto Cidadão pra nós. (Entrevista com parceiro do CRAS, Volta Redonda)

Quando o André da CSN trouxe essa possibilidade (de ter o projeto) foi de muita alegria aqui, a gente sonhou muito junto, a gente discutiu junto, fez a seleção dos oficinairos junto. Então tem isso também que a gente acredita, tem o atendimento com a criança, porque os nossos parceiros já dizem o nome, parceria, então temos essa corresponsabilidade. Então eu acho que isso é de suma importância, o planejamento é construído, utiliza dessas linguagens, mas é em cima do dia a dia, da realidade dessas crianças, né? Enfim, é isso, foi fantástico, a gente ficou muito feliz. (Entrevista com parceiro da UNAS, Heliópolis)

O resultado é extremamente positivo, nós temos vários exemplos de crianças que já foram, que já estiveram dentro do Garoto Cidadão e hoje são profissionais reconhecidos no mercado, dentro da CSN nós também já tivemos pessoas que participaram do Garoto Cidadão e trabalharam conosco ou trabalham conosco dentro da planta. Um projeto que atende mais de 200 crianças, em uma comunidade onde nós somos 40 mil habitantes, então eu vejo que o resultado é extremamente importante. Inclusive ele é muito reconhecido pela comunidade de Arcos, tanto pela população, quanto pelos órgãos públicos também. (Entrevista com parceiro da CSN, Arcos)

Essa relação é classificada por cinco dos seis coordenadores como bastante ativa e colaborativa, sendo eles usualmente convidados a opinar ou a participar de eventos, conselhos, comitês e outros fóruns de discussão vinculados à administração pública.

Tabela 19. Relacionamento do projeto com poder público e outros parceiros locais

Variáveis	Opções	Incidência
Como se dá o relacionamento da unidade com o poder público local	É distante e se restringe a procurar resolver questões operacionais do projeto	0
	É amistoso e relativamente colaborativo, mas a unidade não é chamada a opinar ou a participar de eventos ou fóruns de discussão vinculados à administração pública	1
	É bastante ativo e a unidade é chamada a opinar ou a participar de eventos, conselhos, comitês e outros fóruns de discussão vinculados à administração pública	5
Como a unidade avalia as manifestações/ atitudes dos parceiros e outros atores locais em relação ao projeto e à FCSN	As manifestações/atitudes são em sua maioria negativas	0
	As manifestações/atitudes negativas e positivas se equivalem	1
	As manifestações/atitudes são em sua maioria positivas	5

Em qualquer ação do projeto, é importante que a gente estabeleça essas parcerias com grupos que já são referências da cidade. E aí o que a gente ganha com isso? A gente ganha a oportunidade de não só conceder e consumir essa cultura como também ser fazedores de

cultura. Então assim, grupos muito bacanas que se alinham ao que o Garoto oferece, mas também com esse olhar de que a gente não é amador, que a gente consegue entregar uma ação, um produto mais elaborado, algo que faz um sentido não só para as crianças e adolescentes, mas para a comunidade. (Entrevista com coordenadora, Congonhas)

Apesar do cenário positivo descrito acima, chama a atenção a posição expressada também por cinco dos seis coordenadores, de que não há instrumentos impressos/eletrônicos para registro e monitoramento das demandas dos atores locais.

Tabela 20. Tratamento das demandas – Instrumentos de registro para as demandas

Variáveis	Opções	Incidência
Se há instrumentos definidos para registro das demandas recebidas da comunidade e de parceiros locais	Não há instrumentos impressos/eletrônicos para registro e monitoramento das demandas	5
	Há instrumentos impressos/eletrônicos para registro e monitoramento das demandas, mas não são usados regularmente	
	Há instrumentos impressos/eletrônicos para registro e monitoramento das demandas, que são usados em todos os casos	1

Ainda, afirmam que o tratamento dessas demandas é muitas vezes realizado de forma menos sistematizada, mesmo que geralmente procurem informar a Coordenação Geral sobre a situação antes de responder ao demandante.

Tabela 21. Tratamento das demandas – Recebimento e tratamento

Variáveis	Opções	Incidência
Como a unidade, <u>recebe as demandas</u> da comunidade e dos parceiros locais	Informalmente, por meio de telefonemas e conversas não previamente programadas	1
	Formalmente, por meio de mensagens e correspondência impressa/eletrônica	3
	Por meio de processos estruturados e/ou reuniões especificamente planejadas para esse fim	2
Como a unidade <u>trata as demandas</u> da comunidade e dos parceiros locais	Procura resolver a situação localmente e só envolve a coordenação geral quando não consegue dar essa resolução	1
	Procura resolver a situação localmente, mas informa a coordenação geral sobre a situação antes de responder ao demandante	5
	Submete a demanda a um fluxo interno de encaminhamento já definido para o projeto e aguarda o resultado desse processo para responder ao demandante	

A ausência de registros formais sobre o desenvolvimento das relações estabelecidas é um ponto de atenção em termos de gestão do projeto. Registrar a movimentação dessas relações é importante para a sistematização do próprio projeto: reforça o aprendizado e amplia a base de conhecimento gerada por ele. Além disso, muitas vezes a experiência acumulada na resolução de uma questão localizada facilita a replicação da solução encontrada em situações semelhantes, evitando eventuais desgastes de relacionamento e o consumo adicional de tempo da equipe para tratar tais situações. Esse é um modo de explicitar e dar volume para uma tarefa de articulação política, importante aos objetivos do projeto.

4.3. Processos operacionais

Outro aspecto importante para a gestão é avaliar o nível de adequação da estrutura operacional das unidades (recursos, equipe e processos) e sua autonomia para tomar decisões a respeito de diversas questões que envolvem processos de gestão e controle operacional.

Apesar de cinco coordenadores apontarem que a estrutura operacional das unidades é suficiente para atender a maior parte ou a totalidade das demandas, prazos e metas previstos, essa percepção, se não é dissonante, também não é totalmente ratificada pelos educadores, pois para 8% deles a unidade nunca garante essas condições, para 44% garante só eventualmente e para 48% isso ocorre sempre.

De fato, segundo o coordenador de Arcos, problemas estruturais existem, mas busca-se resolvê-los e, no momento da pesquisa, estavam em tratativas de mudança da sede do projeto justamente para superá-los.

O nosso grande desafio aqui agora, eu acho que é realmente resolver essa questão de logística, da criança acessar o projeto com mais facilidade (...) a gente tem desenhado estratégias para melhorar os nossos números e atendimentos, um desses desenhos é o atendimento por tempo integral numa escola municipal com a mudança de endereço (...). A mudança foi proposta daqui, porque a gente tem uma quantidade de educandos para serem atendidos e aqui a gente percebe que não vai acontecer, justamente pela distância. Então, fazer essa interligação com a Secretaria de Educação do município, é aproximar de uma nova comunidade, é transformar o Garoto Cidadão também em um centro cultural, onde as

peças possam consumir cultura também, não só as crianças, que a comunidade seja beneficiada também de uma forma geral. (Entrevista com coordenador, Arcos)

Gráfico 11. Adequação da atual estrutura operacional da unidade (recursos, equipe e processos) para a execução do Projeto, segundo coordenadores

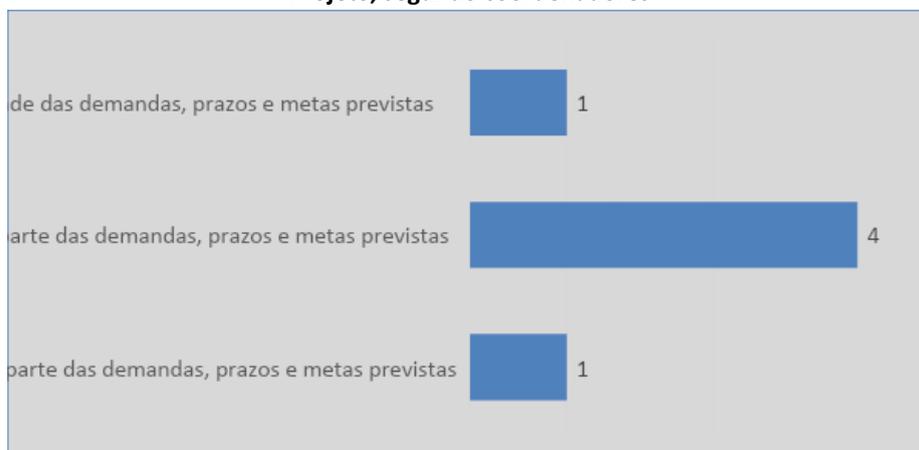
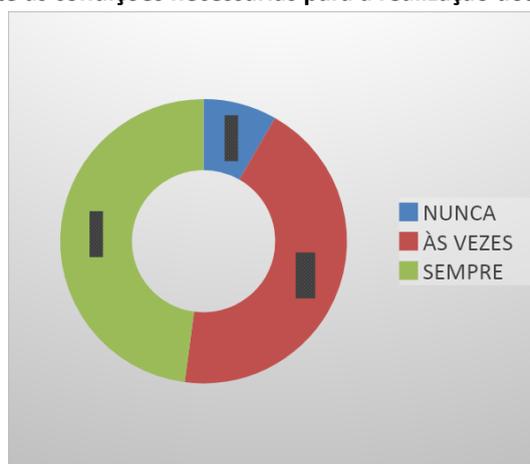


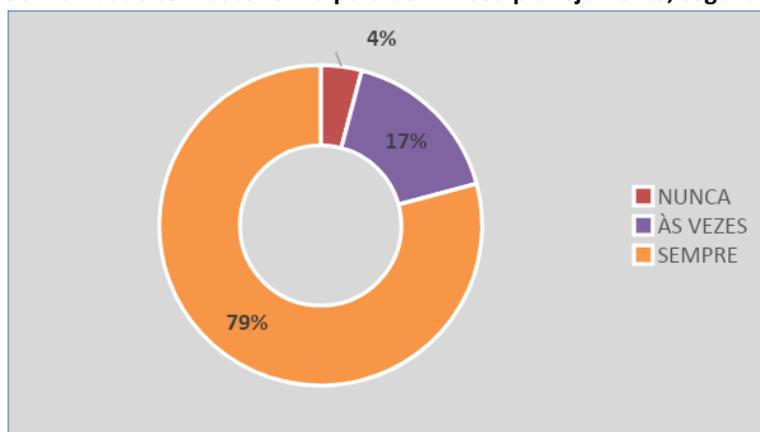
Gráfico 12. Se a unidade garante as condições necessárias para a realização dos trabalhos, segundo educadores



Esses dados configuram mais um ponto de atenção, mesmo porque, pelo que foi apurado, a disponibilidade dessa infraestrutura também depende de aspectos que até o momento não conseguiram ser completamente equacionados pela Coordenação Geral, como a questão da aquisição de bens e serviços, que continua vinculada às normas da empresa mantenedora da Fundação CSN, provocando eventuais atrasos e trazendo algumas dificuldades adicionais às unidades.

Em relação à autonomia das unidades para definir procedimentos e tomar decisões, percebe-se que, especialmente na questão do planejamento operacional das ações, a posição dos coordenadores e dos educadores consultados é convergente, com cinco dos seis coordenadores e 79% dos educadores destacando a autonomia que a unidade apresenta para realizar o planejamento e respectivos ajustes nos cronogramas das ações.

Gráfico 13. Se A unidade tem autonomia para definir seu planejamento, segundo educadores



Outro ponto a destacar sobre a autonomia das unidades é relativo à contratação e ou desligamento de pessoas da equipe, uma vez que os seis coordenadores citaram ter total autonomia para isso.

Tabela 22 - Nível de autonomia de decisões, segundo coordenadores

Variáveis	Opções	Incidência
Para definição de orçamento	Não tem autonomia para propor nem decidir	
	Pode propor, mas não decidir	5
	Tem autonomia para propor e decidir	1
Para contratar/ barrar fornecedores	Não tem autonomia para propor nem decidir	1
	Pode propor, mas não decidir	5
	Tem autonomia para propor e decidir	
Para contratar/ demitir pessoas	Não tem autonomia para propor nem decidir	
	Pode propor, mas não decidir	
	Tem autonomia para propor e decidir	6
Para alterar o cronograma do projeto	Não tem autonomia para propor nem decidir	
	Pode propor, mas não decidir	1
	Tem autonomia para propor e decidir	5
Para incluir/ excluir ações do projeto	Não tem autonomia para propor nem decidir	
	Pode propor, mas não decidir	
	Tem autonomia para propor e decidir	6
Para estabelecer parcerias	Não tem autonomia para propor nem decidir	
	Pode propor, mas não decidir	6

	Tem autonomia para propor e decidir	
--	-------------------------------------	--

Destaca-se a experiência de Itaguaí, onde o coordenador cita que os educandos também participam do processo seletivo, realizando entrevistas com os candidatos.

Uma característica que é bem marcante, quanto existe a necessidade de troca de algum profissional, ele não fica só na escolha da coordenação do projeto (...) Quando a gente encontrou um leque de profissionais, que tinham a competência necessária para atuar no Garoto Cidadão, a gente chama para uma entrevista, mas só que essa entrevista é feita com os alunos. Os alunos do projeto são os primeiros a entrevistar esse profissional que vai integrar a equipe, aí depois dessa conversa com os alunos, a gente tem uma impressão do profissional. Aí sim, qual está na escolha dos alunos? Porque a gente já fez um pré processo seletivo, então a gente vai estar de acordo com a escolha da coordenação, que foi feita em cima de uma característica determinada pela equipe, pelos pares que dão aula, mas na verdade, no final das contas, quem vai dar o aval que é esse que eu quero, é o educando do projeto. (Entrevista com coordenador, Itaguaí)

Ainda que essa autonomia contribua para que as unidades trabalhem com equipes mais coesas, caso os instrumentos de avaliação das equipes locais não sejam suficientemente transparentes e assertivos, essa situação pode gerar eventuais decisões arbitrárias por parte dos coordenadores, aspecto que deve ser também considerado pelos gestores do projeto.

Em outras questões, a maioria dos coordenadores cita possuir autonomia apenas relativa, pois são temas sobre os quais podem opinar e oferecer insumos, mas não tomam decisões finais, como na definição de seus orçamentos, no estabelecimento de parcerias e na contratação de fornecedores. Dadas às próprias características do projeto, são decisões tomadas regularmente pela Coordenação Geral. Algumas vezes isso pode se configurar em um problema, como no caso de Itaguaí: pais e educandos apontaram a má qualidade do “lanche” oferecido pela Prefeitura na atual parceria – questão delicada pois envolve articulação política importante ao projeto.

Antes o projeto era mais apoiado, os lanches eram melhores (...) se eu fosse citar sobre uma coisa negativa do projeto, eu citaria sobre os lanches das crianças, porque eu tive muito problema com a minha filha menor com colesterol alto, e quando ela vinha para o projeto, eu tinha dificuldade de mandar fruta ou alguma coisa para ela comer separadamente dos outros alunos. Uma vez teve uma avaliação de glicose e depois os professores verificaram que a glicose da menina subia por causa do lanche que ela tinha acabado de comer. Porque talvez se colocasse fruta ou alguma coisa mais saudável para as crianças comerem, em vez desses lanches, eram esses pacotinhos de batata frita. (Grupo focal com pais / responsáveis, Itaguaí)

O Lanche! Tem que melhorar cara, que isso? Tinha que ser um baquinho saudável, entendeu? Toda terça e quinta, ter que comer bolinho de indústria e todinho... Esses dias eu fui para a casa mal hein! Vou reclamar lá no Procon. Tinha que ser igual antigamente que todo dia o lanche era diferente! Tinha suco natural, hambúrguer, bolo formiga, todo dia era diferente!
(Grupo focal com jovens, Itaguaí)

Apesar da falta de autonomia nessas questões, a maioria dos coordenadores aponta que o relacionamento com a Coordenação Geral se dá de maneira constante e ela normalmente fornece o apoio necessário para que as unidades possam realizar as ações previstas.

A gente tem um canal muito aberto com todos eles (coordenação geral), desde sempre assim e isso de certa forma nos tranquiliza e nos dá o conforto também para gente conseguir desenvolver os trabalhos na localidade, na região. Quando eu disse lá atrás sobre a questão da autonomia, é algo que deixa a gente muito à vontade nas tomadas de decisões, o que é mais coerente, mas por premissa mesmo que eu tome alguma decisão que eu sei que possa impactar a própria relação da cidade à partir dos convênios, das parcerias, eu sempre gosto de relatar (...) Uma coisa que fica muito marcado para mim aqui desde quando eu tive a felicidade de ocupar a coordenação é exatamente isso, em uma das conversas eles disseram: “a gente precisa que você seja o nosso olhar aqui”, então eu sempre trago isso muito pro meu dia a dia (...) A gente dialoga bastante. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

Tabela 23. Processos de gestão

Variáveis	Opções	Incidência
São utilizados softwares específicos (de gestão de projetos, processos, CRM, etc.) para apoiar gestão do projeto pela unidade	O projeto não é gerenciado por meio de softwares específicos	6
	O projeto é gerenciado por meio de softwares específicos apenas parcialmente	
	O projeto é totalmente gerenciado por meio de softwares específicos	
Como é o relacionamento da unidade com a Coordenação Geral nas questões de dia a dia do projeto	Normalmente só ocorre quando surge uma situação específica que depende da Coordenação Geral para ser resolvida	
	Não é constante, mas a Coordenação Geral acompanha as ações executadas por meio de relatórios periódicos e fornece suporte à unidade quando demandada	1
	É constante e a Coordenação Geral apoia e monitora regularmente a execução das ações pela unidade	5

4.4. Ambiente de trabalho e desempenho da equipe



No que toca às equipes das unidades, a grande maioria dos seus coordenadores está há bastante tempo envolvida com o projeto e tem grande domínio de suas funções, segundo relato de Fabio Silvestre. Afirma também que houve uma reformulação da equipe em 2010, e depois disso poucas mudanças estruturais foram realizadas, com exceção da unidade de Arcos e da unidade de Heliópolis, que, por sua dimensão e complexidade de atuação, acaba por ser mais suscetível a alterações na equipe.

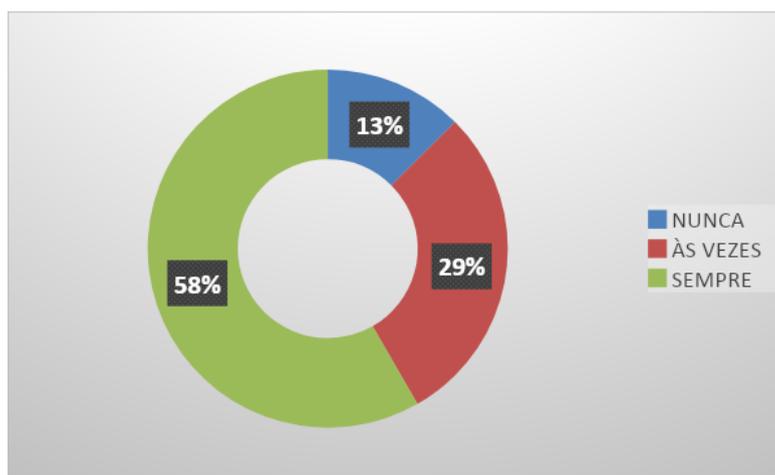
Um ponto a salientar diz respeito ao tema citado no bloco anterior, sobre a autonomia das unidades para contratar/demitir pessoas e a existência de sistemas estruturados de avaliação. Isso porque quatro coordenadores apontaram que essa avaliação é realizada por eles a partir da própria experiência e não por meio de instrumentos avaliativos do projeto, e os dois restantes indicaram não realizar uma avaliação mais abrangente, se limitando a verificar se as pessoas cumprem regularmente suas tarefas.

É importante para a coordenação geral do projeto investigar mais detalhadamente, os diferentes processos avaliativos em cada unidade, e buscar padronizar e sistematizar processos de gestão e avaliação interna.

Ainda em relação ao tema da avaliação, quando essa indagação foi feita aos educadores, 58% deles responderam que o coordenador avalia regularmente seu desempenho, 29% declararam que essa avaliação é realizada apenas eventualmente e 13% indicaram que nunca é realizada. Ou seja, de modo coerente com os percentuais apresentados, percebe-se que essa sistemática de avaliação não está ainda totalmente incorporada ao projeto e necessita ser objeto de mais atenção por parte de seus gestores.

Gráfico 14. Se o coordenador local avalia regularmente o desempenho e desenvolvimento dos profissionais com instrumentos formais de avaliação, segundo educadores





Do ponto de vista funcional, quando questionados se há pessoas com regimes diferentes de contratação (voluntários, estagiários, prestadores de serviço e celetistas) ocupando funções similares nas unidades, todos os coordenadores responderam não haver, o que configura uma situação bastante positiva, que sem dúvida contribui para reduzir riscos trabalhistas, ajuda a manter a coesão e favorece o trabalho coletivo da equipe.

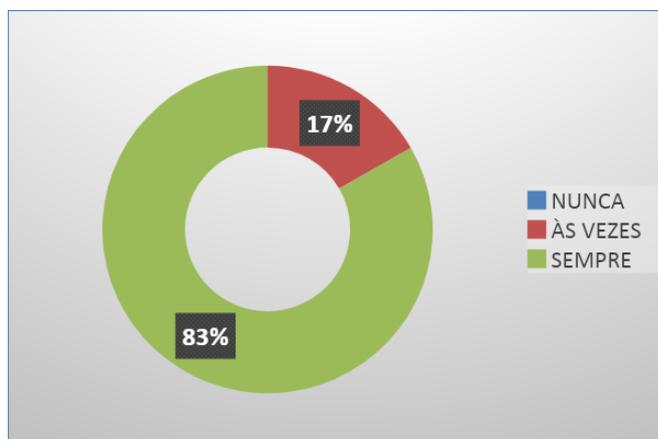
Tabela 24. Regimes de contratação e nível de qualificação

QUESTÃO	OPÇÕES	INCIDÊNCIA
Há pessoas com regimes diferentes de contratação (voluntários, estagiários, prestadores de serviço e celetistas) ocupando funções similares no projeto	Sim, inclusive por período superior a seis meses.	
	Sim, mas não por período superior a seis meses.	
	Não	6
Qual o nível da qualificação e de comprometimento da equipe local do projeto para o desempenho de suas funções	Menos de 30% dos profissionais apresentam todas das competências e nível de comprometimento esperado	
	Entre 30% e 60% dos profissionais apresentam todas das competências e nível de comprometimento esperado	
	Mais de 60% dos profissionais apresentam todas das competências e nível de comprometimento esperado	6

Outra informação importante em relação a esse aspecto é que todos os coordenadores também afirmam que mais de 60% dos profissionais envolvidos nas ações possuem o nível de competências e de comprometimento deles esperados.

Ainda, é também bastante reveladora a posição dos educadores em relação ao trabalho da coordenação em cada uma das unidades. Quando questionados como enxergam os coordenadores em relação às competências exigidas para exercerem essa função, 83% responderam que apresentam as competências necessárias e apenas 17% acreditam que isso nem sempre acontece.

Gráfico 15. Se o coordenador apresenta as competências necessárias para o desempenho das suas funções, segundo educadores



Essa posição é bastante condizente com o que esses educadores expressam em relação ao estímulo que recebem para se desenvolver profissionalmente: mais de 60% deles dizem serem encorajados a participar de atividades nesse sentido, terem oportunidades para se desenvolver de forma contínua e também que a unidade oferece condições para a troca de experiências e aprendizado entre membros da equipe, favorecendo o espírito e o trabalho coletivo. (Gráfico 16)

Com a nova proposta, veio um processo que trouxe autonomia para eles (professores), trouxe liberdade, ao mesmo tempo que trouxe muito inquietação, então eles tiveram uma resistência muito grande normal da vida eu acho. Qualquer situação nova que a gente precisa viver, cada um vai reagir de uma forma. Mas eu observei nessa época realmente muita resistência e não foi só de Volta Redonda, de todas as outras unidades. Então eu acho que eles precisaram viver na dor, a alegria dessa transformação. A partir daí, que eles saíram dessa zona de conforto, do comodismo, aí eu acho que realmente o projeto deslanchou, é a mesma coisa que hoje eu precisar contratar um profissional novo e ele vai vir dentro do seu quadradinho, eu vou ter que dizer, “epa” olha só, aqui a gente tem um outro formato, aqui a gente tem uma outra linha pedagógica, seria mais ou menos uma realidade que eu encontraria hoje. (Entrevista com coordenador, Volta Redonda)

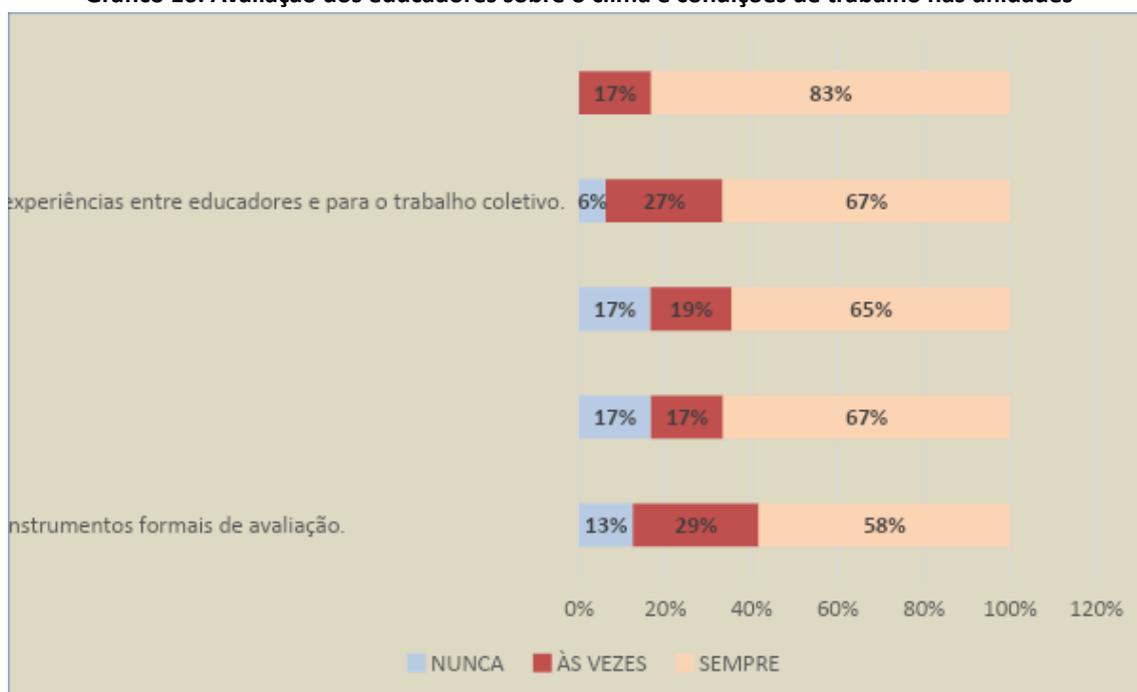
O conjunto de situações acima indicadas parece contribuir de maneira relevante para que o ambiente de trabalho nas unidades seja considerado amistoso e colaborativo por cinco dos seis coordenadores e por 83,3% dos educadores expressarem que o trabalho coletivo na unidade é fundamental para o desenvolvimento das suas atividades.

Tabela 25. Avaliação interna e clima de trabalho nas unidades, segundo coordenadores

QUESTÃO	OPÇÕES	INCIDÊNCIA
---------	--------	------------

Como é realizada pela unidade a avaliação da equipe envolvida na execução das ações	Não há processo de avaliação. Verifico apenas se as pessoas da equipe cumprem as tarefas designadas	2
	Faço uma avaliação diretamente com a pessoa avaliada, com base em minha experiência	4
	Utilizo instrumentos de avaliações próprios do projeto e eventualmente consulto outros públicos com quem a equipe se relaciona, como beneficiários e parceiros locais	
Quais as características do ambiente de trabalho durante as ações do projeto	Predominantemente conflituoso	
	Neutro, porém pouco colaborativo	1
	Amistoso e colaborativo	5

Gráfico 16. Avaliação dos educadores sobre o clima e condições de trabalho nas unidades



Possivelmente essa soma de fatores constitui uma das razões para o reduzido número de alterações na equipe nos últimos anos, apontando que a gestão de pessoas, em termos de capacitação para execução das funções e de cumprimento de obrigações trabalhistas, vem sendo satisfatoriamente equacionada pelos gestores do projeto.

4.5. Gestão de riscos e Compliance

Um aspecto importante no processo de gestão é a existência e execução de políticas que ajudem a prevenir situações de riscos legais ao projeto (questões trabalhistas, assédio, discriminação, entre

outras), além de políticas específicas para aquisição de bens e serviços e processos regulares de auditoria interna ou externa nas unidades.

No que se refere à gestão de fornecedores e aquisição de bens e serviços, inexistem, entre os pesquisados, reclamações quanto a cumprimento de prazos, preços exagerados ou quanto à qualidade dos bens e serviços entregues. Um único problema relacionado a fornecedores foi relatado durante todo o projeto, especificamente com um fornecedor de uniformes, sendo que o procedimento de compras segue o que é determinado pela empresa mantenedora da FCSN, o que até hoje não foi possível alterar. Tampouco o projeto foi objeto de reclamações ou de processos movidos por parte de algum fornecedor durante todo o período de execução.

Em relação a esse tema, o principal desafio continua a ser a falta de autonomia do projeto e das unidades na contratação de bens e serviços, que deve seguir a política da empresa mantenedora, segundo os relatos obtidos.

Quando os coordenadores foram questionados sobre a existência de procedimentos definidos para cada unidade lidar e ou prevenir situações de riscos oriundos de questões trabalhistas, de assédio, de discriminação, entre outras, as respostas obtidas foram menos conclusivas: 03 deles relataram haver procedimentos claramente definidos para lidar e prevenir tais situações, 02 relataram não existirem procedimentos para prevenir ou para lidar com essas situações e 01 deles respondeu que só há procedimentos definidos para uma das duas situações, ou para lidar com elas ou para preveni-las.

De qualquer modo, o conjunto de respostas aponta que esse tema deve ser trabalhado de forma mais estruturada pelos gestores do projeto, para que todas as unidades possam adotar políticas mais claras em relação a esse assunto, que hoje ocupa grande visibilidade na sociedade.

Outro ponto a salientar diz respeito ao processo de auditoria nas unidades. Apenas uma das seis unidades respondeu que passa por esse tipo de processo. Entende-se que em função das características do projeto essas auditorias não sejam tão necessárias, uma vez que as unidades têm pouca autonomia em aspectos contábeis e financeiros.

Tabela 26. Gestão de risco e auditoria

QUESTÃO	OPÇÕES	INCIDÊNCIA
Existem procedimentos definidos para a unidade lidar e ou prevenir situações de riscos legais ao projeto, como questões trabalhistas, assédio, discriminação, etc.	Não existem procedimentos definidos para lidar com essas situações e nem para preveni-las	2
	Existem procedimentos definidos somente para lidar com essas situações ou somente para preveni-las	1
	Existem procedimentos definidos para lidar e para prevenir tais situações	3
A unidade segue alguma política específica de aquisição de bens e serviços para o projeto	A unidade não realiza diretamente a aquisição de bens e serviços para o projeto	1
	A unidade segue recomendações da Coordenação Geral para aquisição de bens e serviços para o projeto	1
	A unidade segue uma política específica, declarada e obrigatória, para aquisição de bens e serviços para o projeto	4
A unidade passa por processos regulares de auditoria	Não	5
	Sim, por equipe interna da FCSN	
	Sim, por equipe de auditoria externa à FCSN	1

Tratando-se de um projeto já consolidado, acredita-se que auditorias de qualidade poderiam constituir um importante instrumento para ajudar no fortalecimento das unidades, uma vez que fornecem mecanismos para avaliar a eficiência dos processos, auxiliando seus gestores a identificar se as estratégias aplicadas estão trazendo resultados. Em caso de desvios, elas podem ajudar a identificar as causas e a tomar ações corretivas necessárias de forma mais tempestiva e pertinente.

4.6. Sistematização e alcance de metas

Observa-se que há uma preocupação do projeto em produzir evidências de sua execução, assim como eventuais intercorrências e resultados, sendo que todas as unidades realizam registros periódicos por meio de relatórios e de material áudio visual.

Esse relato condiz com as respostas dos educadores, pois 71% deles indicaram que tais registros são realizados regularmente e incorporados ao planejamento e os 29% restantes relataram que são realizados eventualmente, concluindo-se que essa é uma atividade rotineira nas unidades.

No que se refere ao tema da mobilização comunitária, os dados obtidos revelam uma situação mais preocupante, **tendo sido apenas a unidade de Congonhas** que afirmou que as ações de mobilização realizadas, contam com participação ativa da comunidade. Em duas das unidades –

Volta Redonda e Araucária - essas ações sequer vêm sendo realizadas e nas outras três a participação da comunidade vem sendo muito baixa.

Sem dúvida a pandemia impactou diretamente as ações voltadas para a relação externa. Entretanto, essa relação é um ponto que merece atenção dos gestores do projeto, pois tratam-se de ações vinculadas diretamente à obtenção de resultados.

O cenário é ainda mais complexo em relação à criação de Conselhos de Representantes pelas unidades. Apenas Congonhas está em processo de formação desses Conselhos, enquanto as outras cinco sequer implementaram esse tipo de ação na unidade. Nessa unidade, a coordenadora aponta para a participação ativa do projeto nas campanhas promovidas pelo conselho da Secretaria de Assistência Social do município:

Por exemplo, dentro da Secretaria de Assistência Social as campanhas de abuso sexual, violência contra a criança e o adolescente, trabalho infantil são campanhas que já fazem parte do nosso planejamento anual e sem falsa modéstia, como a gente tem uma atuação muito impactante, a gente consegue participar inclusive de pensar quais estratégias que a gente quer fazer para que essa campanha tenha um resultado positivo, então a gente sempre participa com o conselho para tentar fazer uma programação mais redonda, mais abrangente, mais impactante. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

Ainda em relação ao tema da articulação e mobilização comunitária, é pertinente destacar que, ao longo do tempo, em decorrência da relevância e protagonismo que o projeto assumiu junto a alguns municípios, o papel das unidades se ampliou naturalmente. Assim, elas passaram a contribuir mais significativamente em processos regionais, como a formação de conselhos tutelares, a curadoria de projetos e o chamamento das famílias para participarem do processo de construção das vivências dos jovens. Acredita-se que o reforço desse papel por parte das unidades pode ajudar na obtenção de resultados mais promissores nas outras ações de mobilização citadas acima.

Tabela 27. Ações de mobilização e representação nas unidades

QUESTÃO	OPÇÕES	INCIDÊNCIA
---------	--------	------------

Como vêm sendo implementadas as ações de difusão e mobilização comunitária pela unidade	Não estão sendo realizadas	2
	Estão sendo realizadas conforme planejado, porém com baixa participação comunitária	3
	Estão sendo realizadas conforme planejado, com participação ativa da comunidade	1
Em relação à criação do Conselho de Representantes pela unidade, qual a situação atual	Esta ação não vendo sendo implementada pela unidade	5
	O Conselho está em processo de criação	1
	O Conselho já foi criado e encontra-se atuante	

4.7. Considerações gerais sobre os processos de gestão

Os seis indicadores de gestão discutidos anteriormente, quando considerados em conjunto (gráfico 17 e tabela 28) nos permite ter uma visão global da gestão geral do projeto, visualizando-se mais facilmente as áreas com maiores problemas.

Gráfico 17. Síntese indicadores de Gestão

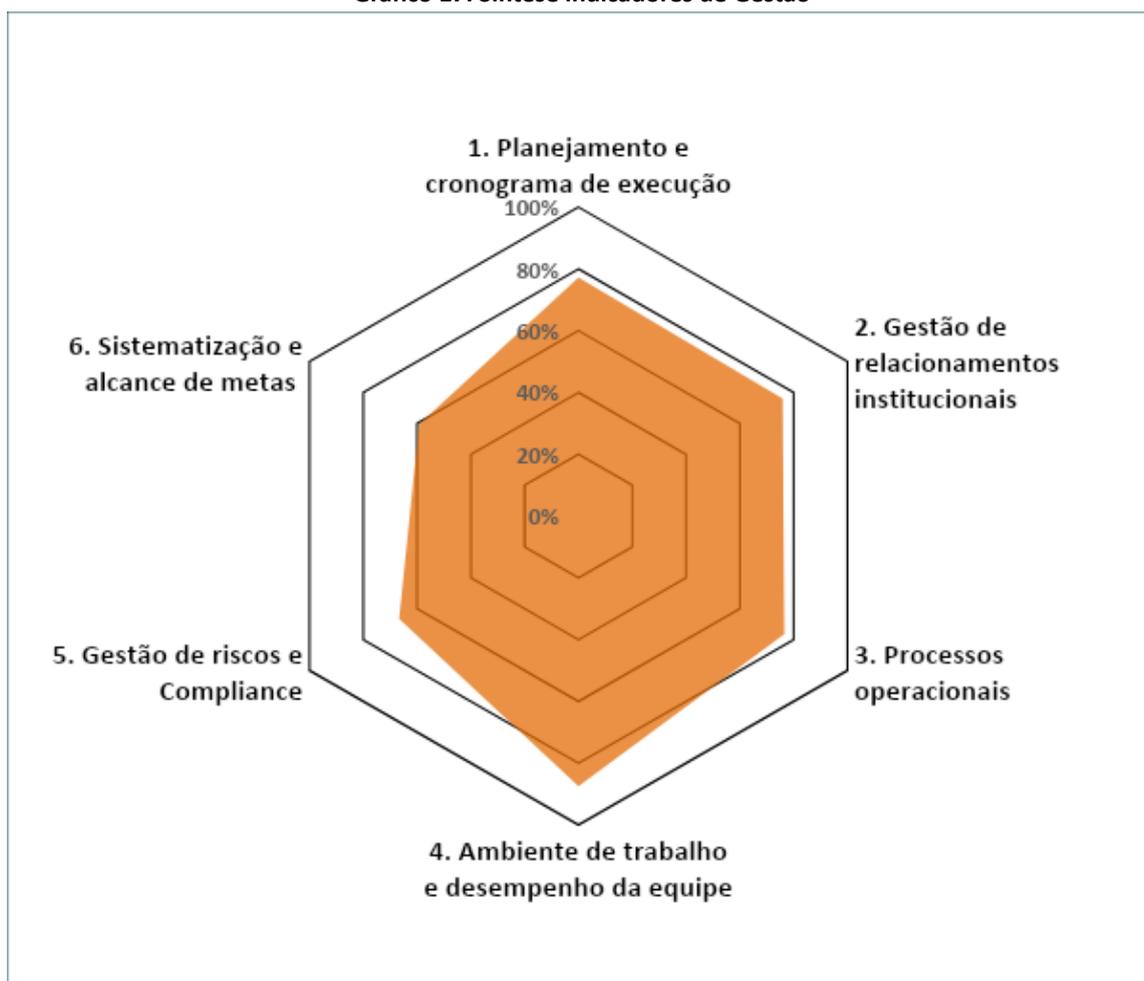


Tabela 28. Síntese indicadores de Gestão

BLOCO DE ANÁLISE	%
1. Planejamento e cronograma de execução	77,1
2. Gestão de relacionamentos institucionais	75,9
3. Processos operacionais	76,5
4. Ambiente de trabalho e desempenho da equipe	87,5
5. Gestão de riscos e Compliance	66,6
6. Sistematização e alcance de metas	59,2

Como pode ser observado, o gráfico indica que o projeto apresenta processos de gestão predominantemente satisfatórios, se pensarmos no conjunto das unidades, ficando menos próximo do ideal nos blocos temáticos 5. Gestão de Riscos e Compliance (66,67%) e 6. Sistematização e alcance de metas (59,26%): no bloco 5. pela alta incidência de respostas sobre a ausência de auditoria na maioria das unidades e, no bloco 6., pela dificuldade que enfrentam no campo da mobilização comunitária, inclusive para estruturar os Conselhos de Representantes.

Em relação à análise da gestão financeira do projeto, esse tema foi especificamente abordado na entrevista com seu principal gestor, por trata-se de um projeto já bastante consolidado e submetido ao crivo das leis de incentivo federais, o que naturalmente exige que sejam realizados um bom planejamento orçamentário e um contínuo monitoramento da destinação dos recursos, situação devidamente equacionada pela equipe de gestores da FCSN.

Nesse sentido, o principal desafio relatado pelo gestor do projeto é sua vinculação à política de aquisição de bens e serviços da empresa CSN, o que implica em menor autonomia, causando maior dificuldade e eventualmente uma diminuição na velocidade de obtenção de suprimentos para as diversas atividades previstas pelas unidades executoras. Alguns procedimentos pontuais foram adotados pela Coordenação Geral, como o fornecimento de pequenos adiantamentos às unidades para a realização de compras emergenciais, porém a situação ainda não conseguiu ser resolvida de modo mais abrangente, com a adoção de uma política própria do projeto para esse fim.

De modo geral, após o levantamento e análise dos principais elementos relacionados à gestão do projeto, percebe-se que seus principais desafios nesse campo se relacionam à sua complexidade e abrangência de atuação, que naturalmente elevam seus riscos financeiros, vinculados à capacidade de manter o investimento em todas as frentes abertas (que se tornam cada vez relevantes, até pelo próprio sucesso alcançado até agora pelo projeto) e também os riscos diretamente relacionados às ações dirigidas ao público-alvo beneficiado. Cabe aqui ressaltar que o questionário apontou maior fragilidade exatamente no campo dos riscos menos tangíveis.

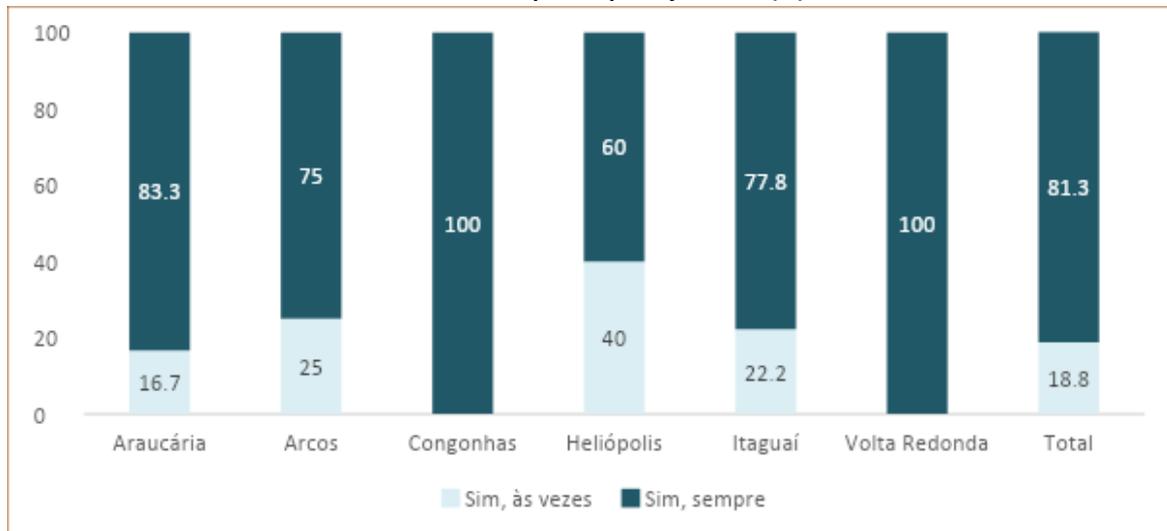
Assim, parece importante que os gestores do projeto aprofundem e acelerem a implementação de políticas de prevenção de riscos legais (trabalhistas, de assédio, injúria, discriminação, preconceito, entre outros), principalmente no momento em que a sociedade e o mundo corporativo em geral, no qual a mantenedora da FCSN se insere, está cada vez mais sensibilizado e sendo cobrado por questões relacionadas às diretrizes ASG (Ambiental, Social, Governança).

Por fim, seria significativo uma atenção especial aos temas da inclusão e diversidade, que impactam diretamente no processo de recrutamento e seleção de equipes e no planejamento orçamentário que contemple a utilização de ferramentas de acessibilidade no conjunto de ações realizadas junto ao seu público-alvo.

5. Planejamento do Educador

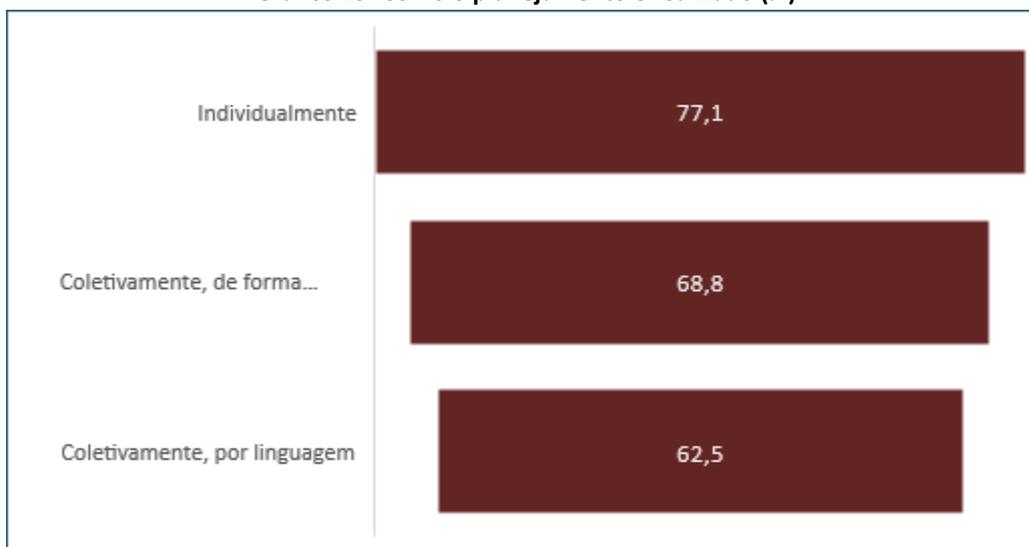
No item anterior foram abordados temas relativos ao planejamento e gestão de processos, importantes para garantir as condições necessárias para a execução das atividades. Mas tão ou mais importante são as atividades de planejamento das atividades pedagógicas em si. Nesse sentido, a grande maioria dos educadores afirma que sempre têm autonomia para realizar o próprio planejamento pedagógico. Em Congonhas e Volta Redonda, 100% dos educadores consideram que sempre têm autonomia, enquanto em Heliópolis 40% consideram que ela existe às vezes.

Gráfico 18. Autonomia para o planejamento (%)



O planejamento é realizado tanto individualmente, quanto coletivamente, por linguagem e/ou de forma interdisciplinar.

Gráfico 19. Como o planejamento é realizado (%)



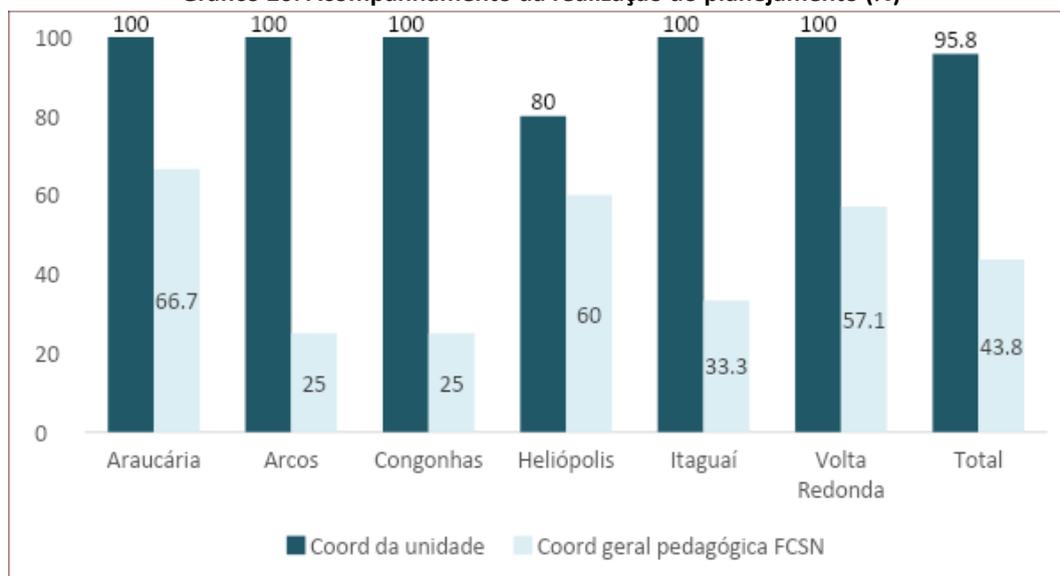
As opiniões dos educadores sobre a periodicidade do planejamento variam, divididas principalmente entre semanalmente e mensalmente, exceção para Araucária onde, para 50% dos educadores, ele é feito semestralmente.

Tabela 29. Periodicidade do Planejamento (%)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Semanalmente	16,7	87,5	37,5	30		57,1	37,5
Mensalmente	16,7	12,5	37,5	50	22,2	28,6	29,2
Bimestralmente					33,3		6,3
Trimestralmente	16,7		12,5				4,2
Semestralmente	50		12,5	20	22,2		16,7
Anualmente					22,2	14,3	6,3
Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

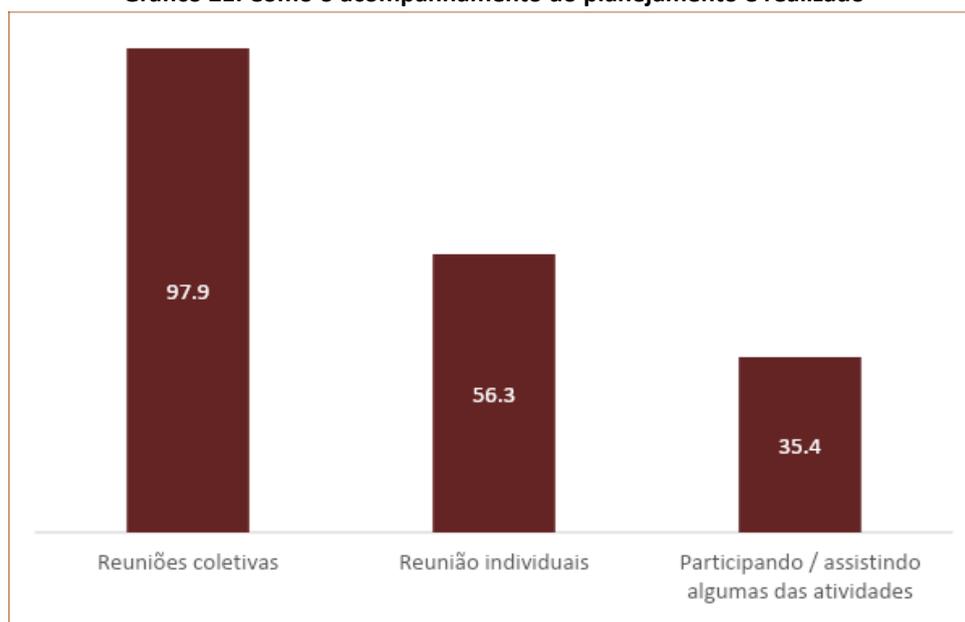
Segundo a maioria dos educadores, a realização do planejamento é acompanhada pelo coordenador da unidade e, para 43,9%, também pelo FCSN.

Gráfico 20. Acompanhamento da realização do planejamento (%)



O acompanhamento do planejamento pelo Coordenador da unidade, segundo os educadores, é feito prioritariamente em reuniões coletivas e, em segundo lugar, em reuniões individuais.

Gráfico 21. Como o acompanhamento do planejamento é realizado



Também, a forma de acompanhar a execução do planejado pelo coordenador é, segundo educadores, através de reuniões coletivas e individuais, mas também por meio de relatórios e assistindo e participando de algumas atividades. Em Itaguaí e Volta Redonda as reuniões individuais têm menor incidência. Também em Itaguaí há menor participação do coordenador assistindo as atividades.

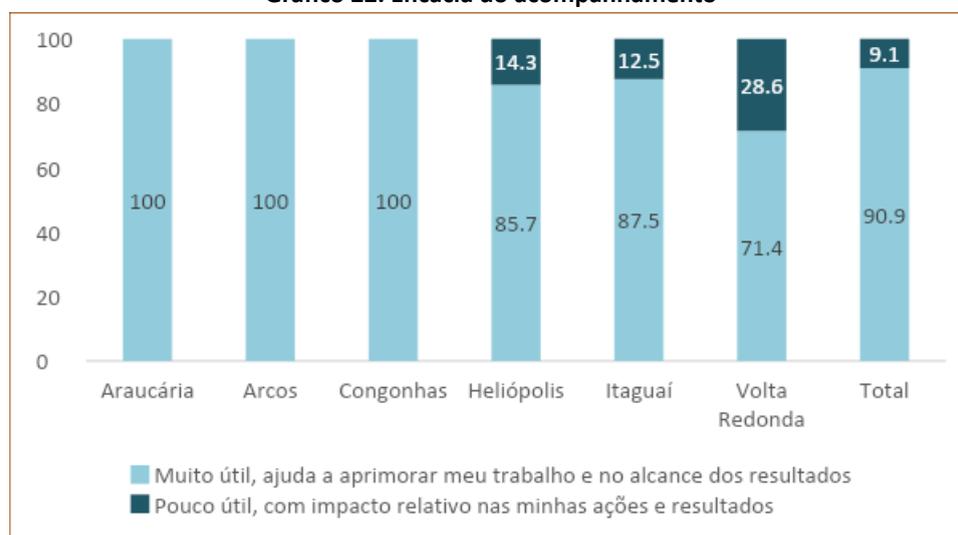
Tabela 30. Acompanhamento do coordenador da execução das atividades (%)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Relatórios	66,7	62,5	100	71,4	75	100,0	79,5
Reuniões individuais	100,0	87,5	75	71,4	37,5	42,9	68,2
Reuniões coletivas	83,3	87,5	100	85,7	75	100,0	88,6

Participando / assistindo algumas das atividades	100,0	87,5	62,5	71,4	37,5	57,1	68,2
Total (NA)	6	8	8	7	8	7	100

A grande maioria dos educadores valoriza o acompanhamento realizado pelos coordenadores afirmando ser este muito útil, ajuda a aprimorar o trabalho e o alcance dos resultados.

Gráfico 22. Eficácia do acompanhamento



A avaliação dos educadores sobre o cumprimento do planejamento 2021 se divide entre: “cumpri 50%” e “cumpri 75%”. Apenas 18,8% dos educadores consideram que o planejamento foi totalmente cumprido.

Tabela 31. O quanto cumpriu o planejamento 2021

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguai	Volta Redonda	Total
Cumpri menos de 25%		12,5		10			4,2
Cumpri cerca de 25%				20	22,2	14,3	10,4
Cumpri cerca de 50%	33,3	37,5		40	33,3	57,1	33,3
Cumpri cerca de 75%	33,3	37,5	75	10	33,3	14,3	33,3
Cumpri totalmente	33,3	12,5	25	20	11,1	14,3	18,8

Total (NA)	6	8	8	7	8	7	100
------------	---	---	---	---	---	---	-----

Educadores de Heliópolis consideram que o planejamento não está ocorrendo como deveria: faltam os momentos em grupo e falta articulação entre o planejamento e a agenda do CCAA e a do Garoto Cidadão.

São muitas avaliações de que, em Heliópolis, pelo fato de o Projeto estar localizado em espaços diferentes, não consegue funcionar como as demais unidades, resultando em desorganização. Citam ainda a falta de recursos, além das agendas distintas e a falta de planejamento comum. Aparentam também as diferenças entre orientações pedagógicas, convivendo no mesmo espaço.

Falta muito apoio para o planejamento, e precisa ser remunerado. Precisamos de um momento, seja em grupo com a linguagem, seja individualmente, para estruturar uma aula, uma estratégia. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Falta articulação entre a agenda do CSN e a agenda da entidade da Unas, surge uma ideia e eu fico sabendo no dia com o arte educador, porque eu troquei ideia com ele na sala, ou seja, não tem um momento de sentar o coordenador do CSN, com os coordenadores dos sete CCAs e eles limparem essa agenda, porque aí eu acho que já ajuda muito nessa questão de você entender o que é CSN, o que é Unas, porque a Unas tem uma agenda muito dinâmica. Então essa agenda precisa casar, e eu sinto nessa necessidade de isso aí ser melhor organizado, precisava criar um espaço de discussão. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Parece que a gente caiu como uma bigorna aqui na comunidade, e essa bigorna é uma bigorna de aço assim, está dura de absorver, está dura de as pessoas penetrarem e ela acaba sendo mais um incômodo, do que justamente uma coisa que flui. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Tem problemas com recursos que não chegam, material, essa parte estrutural, falta unificar os planejamentos, mas tem um ponto que dificulta muito esse trabalho aqui em Heliópolis, é essa realidade que a gente tem do projeto Garoto Cidadão ser fragmentado. Em outros locais do Brasil, o projeto está no mesmo lugar, então aqui, tudo que a gente pede, tudo que a gente solicitou de material é vezes sete. Mas de novo, se a função CSN, não previu essa realidade de São Paulo, era então algo que estava fadado a dar errado, porque são CCA com estruturas diferentes, as vezes dentro de um mesmo espaço, temos aqui o CCA Heliópolis, o imperador é totalmente diferente do que se encontra aqui. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Para qualificar mais todas as atividades e o engajamento das crianças, dos adolescentes, é preciso entender o que é a dinâmica do CCA, o que é a dinâmica da CSN. Por exemplo, na CSN tem uma ideia que eu acho que é super bacana, quem quer fazer faz. No CCA não existe essa ideia, todos fazem, então já é uma divergência que na atividade hoje do Gilmar todos

fazem, na atividade do Tom, é só quem quer, porque? Então a gente precisa sentar e lapidar essas coisas. Tipo: eu não quero fazer teatro, legal, mas o CCA tem espaço para uma outra atividade para aquela criança que não quer fazer o teatro? (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Avaliam que seria necessária uma **coordenação exclusivamente pedagógica** e que fizesse a ponte com as demais ações das unidades onde o Projeto está inserido.

É necessário ter uma coordenação pedagógica, um projeto que atende tantas crianças e tantos lugares diferentes, com tantos educadores, eu vejo a necessidade de ter uma coordenação pedagógica, focada no ensino, no pedagógico, não assim com uma pessoa só, é muita coisa para uma pessoa só dar conta, administrativo, contratação, questão trabalhista e tudo mais e dar conta de questão pedagógica, impossível. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

E isso só vai acontecer com coordenação pedagógica, com todos os coordenadores com a coordenação do CSN, sentando e discutindo, os educadores e arte educadores sentando, refletindo sobre isso, buscando estratégias em conjunto, porque não é uma parte e outra parte, são todos, todos precisam se debruçar sobre isso. Eu acho que estamos numa realidade que está feita para não dar certo, sabe? (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Para os educadores das demais unidades o planejamento é feito de maneira coletiva, existe autonomia e boa interação com os coordenadores. Em alguns casos valorizam a presença do coordenador nas aulas e o acompanhamento feito.

Eu me sinto mais à vontade de conversar hoje com esse coordenador, do que antes. Eu acho que é essa questão da presença que as colegas falaram, ele está mais presente. Ele está todo dia aqui, ele vai nas salas, às vezes vai para não falar nada, vai lá só para dar um oi, observar o que está acontecendo, às vezes conversa com um menino, às vezes pergunta para a gente também. Eu acho isso importante porque assim a pessoa está a par do que está acontecendo. E ele, como coordenador, eu acho que uma das funções dele é essa, acompanhar o trabalho de perto. (Grupo focal com educadores, Arcos)

A nossa relação com a administração perpassa por esse lugar também que é de generosidade, que é se comunicar aqui, se entender (Grupo focal com educadores, Araucária)

E a nossa relação aqui com a nossa coordenadora, a gente tem muita autonomia para fazer o que a gente quer...Por mais que a gente tenha planejamento. ...acha bacana. Então, se a gente sugere – Ah, preciso de tal, tal, tal coisa. A gente apresenta. Ela, inclusive, na primeira reunião do ano ela já fala assim: “Gente, eu trago ideias para as ações desse ano”. Então é a gente que elabora praticamente tudo (Grupo focal com educadores, Volta Redonda).

A coordenação nossa aqui do Garoto Cidadão Congonhas é impecável, a gente é ouvido, a gente propõe, a gente tem 125, 200% de apoio dentro das condições da Fundação e a gente se sente no mesmo patamar, tanto na coordenação da cidade quanto na coordenação da Fundação. Nós somos muito próximos, é realmente uma equipe. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

A gente tem uma coordenadora aqui que a gente sonha, começa a colocar o sonho no papel e faz com que ela sonhe junto também, então ela acaba vindo e ela briga com a gente por esses sonhos (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Bom, interação existe, não só com a coordenação local como com a coordenação nacional. É muito fácil o acesso a todo mundo. Tudo é sempre proposto de forma coletiva, não sei se é tão eficaz. Mas no que diz respeito a relação e planejamento são coletivos sim, acho que sempre se procura fazer de forma coletiva. Mas é preciso mais presença, que esteja aqui todos os dias para que possa ter as demandas mais organizadas. (Grupo focal com educadores, Itaguaí).

Entretanto, educadores de Itaguaí também consideram que o coordenador poderia estar mais presente, ou que poderia existir uma pessoa para a coordenação das atividades pedagógicas com um todo, sobretudo as interdisciplinares, o que, aparentemente, fica a cargo dos próprios educadores.

O que falta para a gente é ter uma pessoa na equipe que possa nos ajudar na execução do planejamento. Que essa pessoa faça as conexões porque nós sentamos e damos aulas e além disso se sentar, dar ideia, show de bola. Isso está fechado, isso faz parte do processo, mas a gente liderar uma organização do conjunto todo, a gente como educador não consegue fazer isso. E aí falta justamente essa parte. Não estou falando de uma gestão. Gestão a gente tem. Estou falando da questão do funcionamento das oficinas e dos projetos ligados direto a Oficina como os recitais, como os produtos que tem que ser montados. A gente carece sim de alguém que faça esse meio de campo, que fique à disposição para fazer esse meio de campo. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

Porque ele vai fazer essa conexão interdisciplinar e fazer os produtos acontecerem. Tem muitas atribuições, porque uma coisa é dar aula para o aluno, fazer acontecer a oficina dentro da minha aula, outra coisa é essa oficina integrar com o Teatro, integrar com outra oficina. A gente precisa dessa pessoa, que essa pessoa faça, não é planejamento porque o planejamento vai continuar sendo coletivo, mas que essa pessoa de fato trabalhe fazendo isso no dia a dia, porque não dá tempo para a gente fazer. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

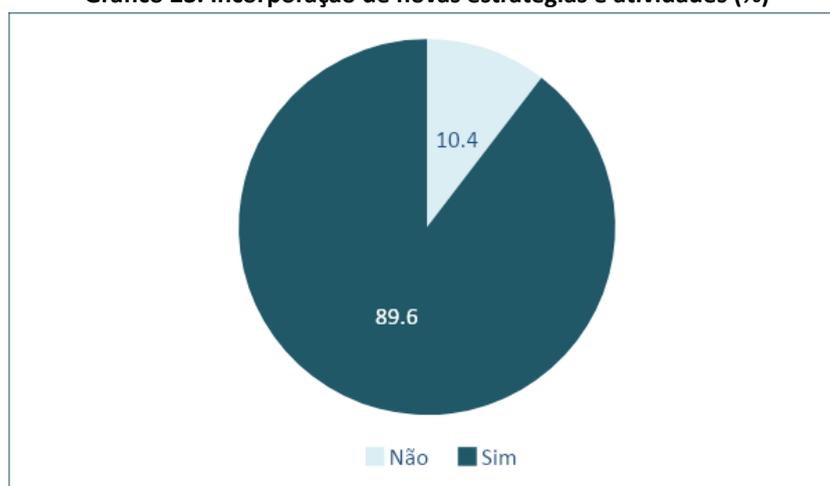
Nota-se uma distinção entre a forma de realização do planejamento da unidade como um todo e o planejamento pedagógico. Enquanto no primeiro a participação dos educadores está garantida nas

reuniões coletivas, o segundo parece, em algumas unidades, estar a cargo dos próprios educadores. De todo modo, há consenso quanto a presença e participação dos coordenadores das unidades na realização do planejamento, embora não quanto ao acompanhamento de sua realização, o que refletiria a falta de uma coordenação estritamente pedagógica que pudesse, mais do que acompanhar o planejamento, fazer as pontes e interseções necessárias entre as diferentes linguagens e ações. Vale notar que Heliópolis se distingue dos demais, não só por ser o mais recente, mas também pelas suas características, distintas das demais. Ao que parece o desenho do Garoto Cidadão precisaria sofrer alguns ajustes para uma execução mais exitosa em Heliópolis.

5.1. Incorporação no planejamento de novas estratégias pós pandemia

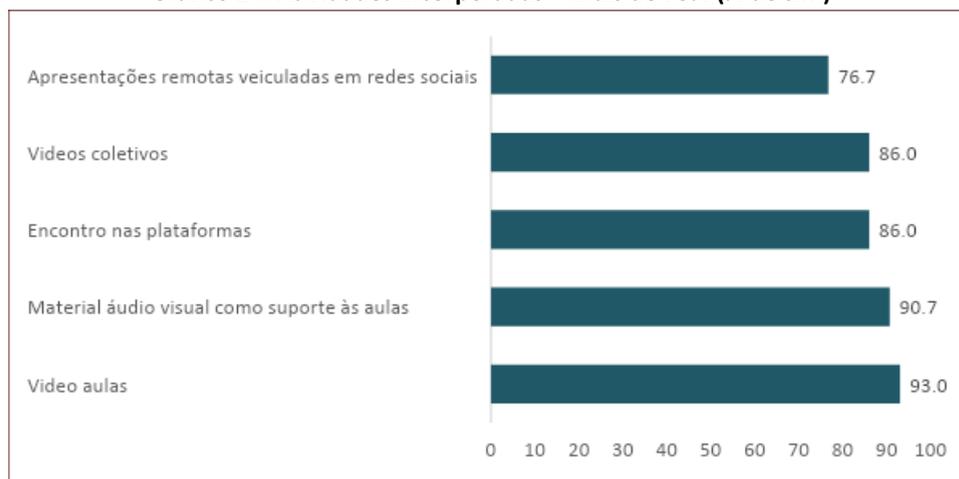
Já foi visto que o período de pandemia afetou a execução das atividades, obrigando educadores a reverem suas estratégias didáticas, a serem criativos, de modo a atender ao contexto. Interessante constatar que, segundo os próprios educadores, a maioria incorporou no próprio planejamento novas estratégias e atividades com base na experiência do trabalho *online*.

Gráfico 23. Incorporação de novas estratégias e atividades (%)



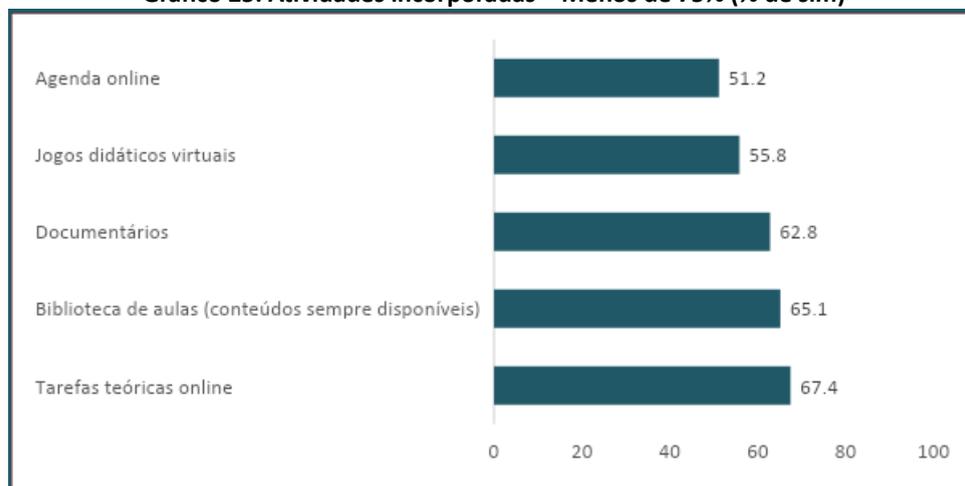
Entre as mais citadas estão os vídeos aula e o material áudio visual além de: assistir espetáculos remotos, atendimento individual ou em pequenos grupos pelo *WhatsApp*, jogos e vídeos explicativos, atividades de fomento à leitura, entre outros.

Gráfico 24. Atividades incorporadas – Mais de 75% (% de sim)



Em percentuais um pouco menores, mas ainda citados por pelo menos a metade dos educadores estão as tarefas *online*, a biblioteca de aulas e assistir a documentários.

Gráfico 25. Atividades incorporadas – Menos de 75% (% de sim)



Quando voltamos para o presencial, deu essa ideia mais clara do que realmente funciona no online, o que não funciona, porém o que eu vejo hoje é que o ensino realmente vai ser híbrido daqui para frente, por exemplo, algumas coisas que eu não consigo fazer na aula presencial por falta de tempo às vezes, eu vou conseguir fazer no modo online. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

Às vezes a gente tem uma aula sobre um determinado assunto que precisava de mais explicação. Com essas aulas gravadas, que são lançadas na plataforma que a gente está usando, a criança tem a possibilidade de rever essa aula e tirar a dúvida. Eu acho bacana e aí a gente acaba criando um grande banco de dados. (Grupo focal com educadores, Arcos).

A arte pra mim é olho no olho, presença, vibração, mas assim tem ações que são pontuais anuais relacionadas à um vídeo, a um documentário, funciona muito mais e isso a gente consegue extrair, sabe? Vão ter ações que vão permanecer porque fica mais plástico, passa melhor a mensagem, atinge maior um público, mas os espetáculos, as peças, os festivais, a gente gosta do público, da presença, da troca, ao vivo. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda).

Esse vínculo do WhatsApp, de a gente conseguir trocar documento, informações e estar mais próximos deles, eu acho que isso a gente manteve. Não funcionou para a gente essa questão das vídeos-aulas, isso não funcionou porque com o tempo isso foi cansando todo mundo. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda).

Os educadores lembram que, neste período de transição para a volta do presencial, muitas atividades precisaram ser retomadas ou revistas.

O planejamento que a gente tinha pensado para as atividades online teve que ser então replanejado para as atividades presenciais, para ver como desenvolvê-las presencialmente, com os protocolos que teriam que ser cumpridos, e lidando com uma série de outros fatores. Por exemplo, eu acho que um fato que é bem emblemático nesse sentido, é que a musicalização com a utilização de flautas, foi algo que no presencial a gente teve que desconsiderar, por conta das implicações no momento. Foi preciso pensar em outras atividades que pudessem cumprir o mesmo objetivo. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

6. As estratégias e atividades pedagógicas do projeto

6.1. Pressupostos e estratégias didáticas

Foram listados seis indicadores relacionados aos pressupostos centrais e estratégias didáticas do Garoto Cidadão. Os educadores foram convidados a indicar sua concordância ou discordância das afirmativas. A maioria concorda com eles (quando elaborados no positivo) e discorda (quando no negativo) demonstrando consonância com os pilares do Projeto. Vale notar que temas ligados ao **autoconhecimento e fortalecimento da identidade do educando**, bem como sobre **os direitos e**

deveres das crianças e adolescentes são os mais internalizados e utilizados nos projetos e atividades.

Tabela 32. Estratégias didáticas

		Total
		%
Estratégias que estimulam o autoconhecimento e fortalecimento da identidade do educando são incluídas em todos os meus projetos/atividades.	Concordo totalmente	87,5
Conscientizar sobre os direitos e deveres das crianças e adolescentes é uma das prioridades no meu trabalho.	Concordo totalmente	87,5
Nem sempre é possível utilizar práticas que promovam o respeito às diferenças.	Discordo	77,1
Todas as ações visam desenvolver a criatividade dos educandos.	Concordo totalmente	77,1
Realizo um trabalho de fortalecimento afetivo que transpassa todas as atividades propostas.	Concordo totalmente	66,7
Estratégias para desenvolver a autonomia das crianças e jovens não são possíveis de serem incluídas em todos as atividades/projetos.	Discordo	62,5

No entanto, quando analisamos as respostas dos educadores por unidade, percebemos algumas diferenças em relação à absorção desses princípios: principalmente parte dos educadores de Arcos não estão tão convictos de determinados aspectos. (tabela 33)

Tabela 33. Estratégias didáticas por unidade, segundo educadores

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Estratégias que estimulam o autoconhecimento e fortalecimento da identidade do educando são incluídas em todos os meus projetos/atividades.	Concordo parcialmente	0	25	25	10	11,1	0	12,5
	Concordo totalmente	100	75	75	90	88,9	100	87,5
Nem sempre é possível utilizar práticas que promovam o respeito às diferenças.	Discordo	83,3	62,5	75	90	66,7	85,7	77,1
	Concordo parcialmente	16,7	37,5	25	10	22,2	0	18,8
	Concordo totalmente	0	0	0	0	11,1	14,3	4,2
Realizo um trabalho de fortalecimento afetivo que transpassa todas as atividades propostas.	Concordo parcialmente	16,7	37,5	37,5	40	33,3	28,6	33,3
	Concordo totalmente	83,3	62,5	62,5	60	66,7	71,4	66,7

Todas as ações visam desenvolver a criatividade dos educandos	Concordo parcialmente	16,7	12,5	37,5	30	22,2	14,3	22,9
	Concordo totalmente	83,3	87,5	62,5	70	77,8	85,7	77,1
Estratégias para desenvolver a autonomia das crianças e jovens não são possíveis de serem incluídas em todos as atividades/projetos.	Discordo	66,7	50	62,5	60	55,6	85,7	62,5
	Concordo parcialmente	16,7	0	25	40	22,2	14,3	20,8
	Concordo totalmente	16,7	50	12,5	0	22,2	0	16,7
Conscientizar sobre os direitos e deveres das crianças e adolescentes é uma das prioridades no meu trabalho	Concordo parcialmente	16,7	25	12,5	10	11,1	0	12,5
	Concordo totalmente	83,3	75	87,5	90	88,9	100	87,5
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

Educadores entrevistados destacam que o Projeto trabalha com base nos quatro pilares da educação, com a pedagogia do Paulo Freire (embora alguns considerem que sejam sinônimos), e com a pedagogia de projetos. O foco está na autoestima, nas relações interpessoais e na cidadania. Ressaltam ainda que, atualmente, o tema mais importante é relativo ao uso da tecnologia na educação.

Então eu acho que é partindo de uma metodologia, de uma pedagogia, que se pauta em Paulo Freire, mas eu acho que antes disso ela dialoga com as nossas experiências de vida. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

E a isonomia no tratamento de todos, todos são tratados iguais, independente das suas diferenças e sobretudo a parte do afeto, como Paulo Freire. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Nós nos aproximamos de uma visão de mundo voltada para as ações que Paulo Freire sugeriu. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

É igual ao Paulo Freire, isso aqui não é um depósito bancário, eles têm história assim como nós também temos a nossa história, então a gente troca, nós somos uma troca de experiência aqui. (Grupo focal com educadores, Arcos)

Então acredito que todos aqui tem muito essa coisa básica de abaixar, olhar no olho, de entender com quem está trabalhando e não tratar como número, valorizar o que eles trazem também. (...) o que me importa é que ele desenvolva a sua autoestima, sua segurança, a sua inter-relação pessoal. Que você consiga falar para os outros o que você sente, que consiga dar limite para os outros, então é esse trabalho social mesmo de formar artista e cidadão assim, principalmente cidadão, né? (Grupo focal com educadores, Araucária)

Os quatro pilares da educação, pedagogia de projetos, atualmente a gente tem falado mais de tecnologia, tecnologia no mundo, tecnologia e mundo, então cada ano a gente trabalha com um eixo diferente que vai norteando os trabalhos. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

É uma forma de não ficar distante dessas possibilidades tecnológicas, mas buscar também uma reflexão sobre o nosso fazer aqui, então a gente faz as coisas dentro do campo virtual, para ampliar a capacidade de comunicação e de conhecimento. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

De modo geral, ressaltam que as atividades são pensadas com base em um tema ou eixo, que é institucional, a partir do qual cada linguagem adapta para sua área. Ainda, consideram positiva a não “escolarização” do trabalho que realizam, ou seja, não é uma visão estritamente *conteudista* e sim ações que incluem, necessariamente, a dimensão socioeducativa das crianças e jovens.

Eu acho que um dos fatores que é bom aqui no Projeto é que a gente não tem a obrigatoriedade de ter que passar tal conteúdo em tantos dias. A gente está aqui não só pela aula, mas também pelo socioeducativo. Então, por exemplo, às vezes tem algumas situações que tem não só o desenvolvimento do menino dentro da área, mas também o sociocultural, o socioeducativo. (Grupo focal com educadores, Arcos)

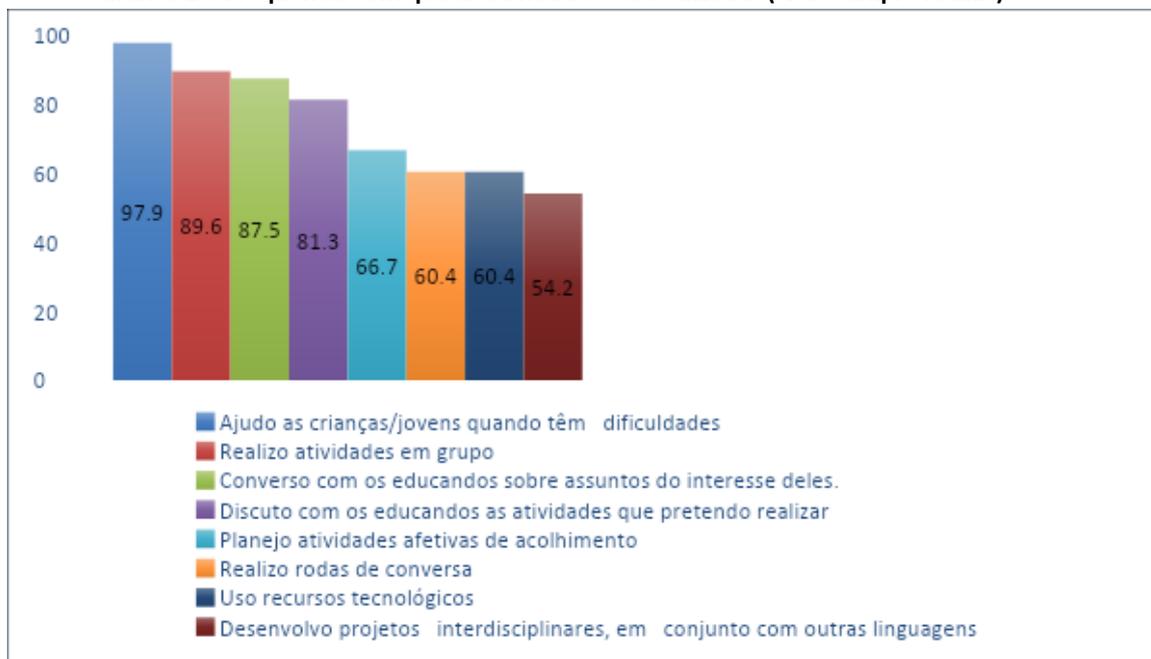
Os pressupostos pedagógicos que norteiam as atividades realizadas pelos educadores parecem bem internalizados no grupo que participou da pesquisa. Partindo de referenciais teóricos como Paulo Freire, os quatro pilares da educação e pedagogia de projetos, valorizam o desenvolvimento dos estudantes na dimensão socioemocional, bem como a conscientização acerca dos direitos e deveres, entre outros.

6.2. Atividades implementadas

Em relação à frequência das ações e atividades listadas no gráfico abaixo, a maioria dos educadores avalia que elas “sempre” são realizadas com ênfase especial (acima de 80% de sempre realizo) para o apoio às crianças quando elas têm dificuldades; a realização de atividades em grupo; a conversa sobre assuntos do interesse dos estudantes; e a discussão com os educandos sobre as atividades que pretendem realizar. Vale notar que o desenvolvimento de projetos

interdisciplinares, em conjunto com outras linguagens, é o indicador com menor percentual de “sempre realizo”.

Gráfico 26. Frequência com que as atividades são realizadas (% de sempre realiza)



6.2.1. Atividades coletivas, interdisciplinares e uso de recursos tecnológicos

Quanto à realização de atividades em grupo, se observado por unidade, Heliópolis apresenta menor percentual de “sempre realizo” (70%) comparativamente aos demais. Em relação aos projetos interdisciplinares, que são, como dito acima, os menos realizados no conjunto das unidades, Araucária e Volta Redonda são exceções, a maioria dos educadores avaliando que sempre realiza. Ainda assim, entre os participantes do grupo focal de Congonhas, educadores valorizam a atividade:

A gente tem bem forte essa coisa de misturar as aulas, de juntar as coisas, por conta do espetáculo, mas também por similaridades, por exemplo, na cênicas, a gente ama fazer uma aulinha junto, botar a galera da dança pra fazer teatro, trocar, misturar, e temos reuniões sempre de equipe toda, pra bisbilhotar o que cada um está pesquisando, fazendo, nem só focado no espetáculo, mas pra caminharmos juntos. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Também o uso de recursos tecnológicos sofre variações conforme a unidade, em Heliópolis para 70% dos educadores e em Araucária para 50%, eles são utilizados apenas “às vezes”.

Tabela 34. Atividades em grupo, interdisciplinares e uso de recursos (educadores - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Realizo atividades em grupo	Às vezes		12,5	12,5	30			10,4
	Sempre	100	87,5	87,5	70	100	100	89,6
Desenvolvo projetos interdisciplinares com outras linguagens	Às vezes	16,7	50	50	70	55,6	14,3	45,8
	Sempre	83,3	50	50	30	44,4	85,7	54,2
Uso recursos tecnológicos	Às vezes	50	25	37,5	70	44,4		39,6
	Sempre	50	75	62,5	30	55,6	100	60,4
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

Independentemente das linguagens nas quais participam e confirmando a resposta dos educadores, a maioria dos jovens indica realizar atividades em grupos e, em menor grau, atividades conjuntas com outras linguagens. Embora a cultura do fazer coletivo faça parte da proposta do Projeto, sua execução não é tarefa fácil, principalmente por não haver a figura do coordenador pedagógico que faça a articulação entre as diferentes linguagens. Quando elas acontecem, é, em geral, por iniciativa dos próprios educadores.

Agora nas últimas apresentações, a professora Marcia está incluindo, está abrangendo todas as linguagens aqui do projeto, né? Dança, música e agora os poemas que são maravilhosos, está tudo junto agora. (Grupo focal com jovens, Araucária)

São muitos os depoimentos dos educadores nos grupos focais sobre as atividades que realizam no Garoto Cidadão e que demonstram o entusiasmo e engajamento nas ações. As *Cartografias Afetivas*, o *Bibliotecando e Brincando*, são alguns exemplos.

Nós estamos construindo junto com essa garotada uma biblioteca virtual onde todos os exemplares, esses 374 exemplares entram na rede, ficam ali à disposição de quem quiser ter contato e mais 34 mil exemplares virtuais no portal que tem novelas, filmes, séries e livros de todos os tipos à disposição. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

A situação em Heliópolis é, nos dois casos, um pouco diferenciada: a frequência das atividades em grupo e, principalmente, das atividades multilinguagem parece mais reduzida.

A utilização de recursos tecnológicos também é apontada como frequente, sendo Heliópolis, mais uma vez, um ponto de diferenciação: ¼ dos jovens sinalizam nunca fazer uso de recursos tecnológicos e pouco mais da metade utilizá-los com frequência reduzida., o que também é confirmado pelos educadores.

Tabela 35. Atividades em grupo, interdisciplinares e uso de recursos (jovens - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Realiza trabalhos / atividades em grupo	Nunca				1,3			0,4
	Às vezes		23,1	10	35,4	16,7	19,6	22,7
	Sempre	100	73,1	90	62	83,3	80,4	76
	NR		3,8		1,3			0,9
Realiza projetos / atividades com outras linguagens	Nunca	5	11,5	5	16,5	12,5	5,4	10,7
	Às vezes	50	23,1	30	49,4	33,3	42,9	41,3
	Sempre	45	61,5	65	32,9	54,2	51,8	47,1
	NR		3,8		1,3			0,9
Costuma usar recursos tecnológicos	Nunca				25,3	4,2	3,6	10,2
	Às vezes	5	38,5	15	51,9	37,5	46,4	40
	Sempre	95	61,5	85	22,8	58,3	50	49,8
	Total (NA)	20	26	20	79	24	56	100

6.2.2. Atividades de escuta e acolhimento

Sobre as rodas de conversa chama a atenção a avaliação dos educadores em Arcos (para a maioria elas são realizadas apenas às vezes ou nunca) e em Araucária (50% avaliam que realizam às vezes) -resultados que diferem das demais unidades onde, segundo a maioria dos educadores, sempre são realizadas.

Em relação à atenção dos educadores aos assuntos de interesses dos estudantes não é notável grande variação entre as unidades, a maioria afirmando que as conversas sempre são realizadas.

Tabela 36. Realização de atividades de escuta (educadores - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Realizo rodas de conversa	Nunca		12,5					2,1
	Às vezes	50	50	37,5	40	33,3	14,3	37,5
	Sempre	50	37,5	62,5	60	66,7	85,7	60,4
Converso com os educandos sobre	Às vezes		25	12,5		33,3		12,5

assuntos do interesse deles.	Sempre	100	75	87,5	100	66,7	100	87,5
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

Entre os jovens, espaços de fala e de escuta também estão presentes e a maioria considera que as rodas de conversa acontecem sempre. As conversas sobre assuntos de seu interesse são mais frequentes em Araucária, Arcos e Congonhas. Em Heliópolis e Volta Redonda, contrapondo a opinião da totalidade dos educadores, menos da metade dos jovens indica que essas conversas acontecem sempre.

Tabela 37 – Realização de atividades de escuta (jovens - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Realiza rodas de conversa	Nunca		3,8				1,8	0,9
	Às vezes		38,5	35	29,1	45,8	17,9	27,1
	Sempre	100	57,7	65	68,4	54,2	80,4	71,1
	NR				2,5			0,9
Conversa com você sobre assuntos do seu interesse	Nunca		3,8		10,1	4,2	1,8	4,9
	Às vezes		15,4	15	49,4	45,8	57,1	39,6
	Sempre	100	80,8	85	39,2	50	41,1	55,1
	NR				1,3			0,4
	Total (NA)	20	26	20	79	24	56	100

Nos grupos focais realizados com os jovens, fica evidente que o projeto é, sem dúvida, um local que prima pela capacidade de escuta. Sentem que podem confiar; falar livremente, sem estarem sujeitos à juízos de valor. Percebem-se ouvidos e acolhidos nas suas demandas: sejam elas relacionadas às aprendizagens das linguagens, ao projeto ou decorrentes de outros âmbitos da vida.

[Conversamos sobre] outras coisas também, todo tipo de coisa. (...) eles atendem a gente muito bem, acolhem a gente quando a gente precisa de alguma coisa, mesmo sendo pessoal. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

Aqui é um lugar que temos voz, a gente pode falar tudo que a gente pensa, porque muitas vezes as pessoas julgam a gente: 'ah você é adolescente, você não sabe de nada, eu sou mais velho, me respeita e pronto'. Não. Aqui eles dão lugar pra gente, eles escutam a gente, e é muito bom ser ouvido. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Eu acho que eles são pessoas assim, que se você olhar, você não vai ter receio de estar com alguma coisa, você vai querer contar pra eles, são muito acolhedores. Você tem certeza que vai poder confiar, que eles vão te acolher, te entender. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Porque ela ajuda a gente nas aulas dela, mas ela também faz perguntas fora, do nosso pessoal mesmo, quando a gente está triste, ela conversa com a gente como amiga mesmo. Sai do profissional e vira nossa amiga, nossa irmã. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Para a maioria dos educadores, em todas as unidades, a definição das atividades a serem realizadas é sempre discutida com os estudantes, percentuais menores de sempre são encontrados em Arcos e Itaguaí.

Tabela 38 – Discussão sobre as atividades (educadores - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Discuto com os educandos as atividades que pretendo realizar	Às vezes	16,7	37,5		20	33,3		18,8
	Sempre	83,3	62,5	100	80	66,7	100	81,3
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

Ainda relacionado aos espaços de escuta e também de participação sobre as atividades a serem realizadas no projeto, no conjunto das unidades, mais de 80% dos jovens afirmam que os educadores sempre discutem, com o grupo, as atividades que pretendem desenvolver, percentual equivalente ao observado pelos educadores.

Em percentuais menores de “sempre” está a permissão para que o grupo escolha as atividades que irá realizar. A exceção fica, novamente, para Araucária e Congonhas.

Tabela 39 – Discussão sobre as atividades (jovens - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Discute com o grupo as atividades que pretende realizar	Nunca		7,7		1,3	4,2		1,8
	Às vezes		34,6		10,1	16,7	19,6	14,2
	Sempre	100	57,7	100	88,6	79,2	78,6	83,6
	NR						1,8	0,4
Permite que você - ou seus colegas -	Nunca		3,8		1,3		3,6	1,8
	Às vezes	5	53,8	30	81	58,3	66,1	60,4

escolham as atividades que irão realizar	Sempre	95	42,3	70	15,2	41,7	30,4	36,9
	NR				2,5			0,9
	Total (NA)	20	26	20	79	24	56	100

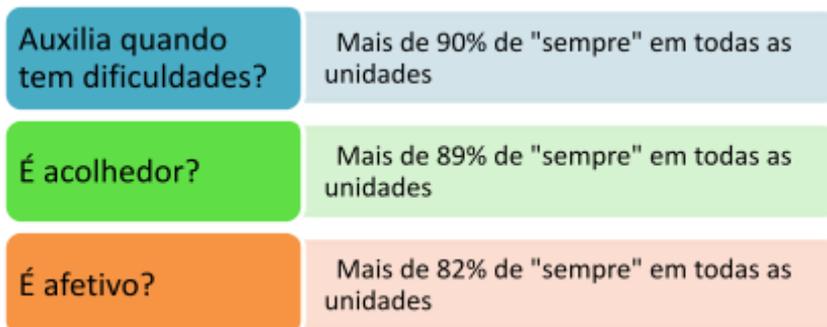
Educadores informam que sempre ajudam as crianças/jovens em caso de dificuldades em todas as unidades. E, embora a maioria sempre realize atividades afetivas de acolhimento, é em Araucária e Arcos que os percentuais de sempre são menores.

Tabela 40 – Ajuda e acolhimento (educadores)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Ajudo as crianças/jovens quando têm dificuldades	Às vezes					11,1		2,1
	Sempre	100	100	100	100	88,9	100	97,9
Planejo atividades afetivas de acolhimento	Nunca					11,1		2,1
	Às vezes	50	50	25	10	44,4	14,3	31,3
	Sempre	50	50	75	90	44,4	85,7	66,7
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

Na percepção dos jovens, a relação com os educadores se revela bastante próxima. Auxílio nas dificuldades, acolhimento e afetividade são qualidades reconhecidas por mais de 80% dos jovens em **todas as unidades**.

Esquema 1 - Destaques educadores



Nesse contexto, são vários os depoimentos em que jovens referem relações de amizade e/ou de afeto com os educadores e a preocupação que eles têm em fortalecer os jovens para lidar com problemas e momentos de tristeza.

Eles são mais que educadores pra gente, eles são nossos amigos, a gente pode contar a qualquer hora. Se a gente está mal, eles falam, ah vem aqui, (...) vamos tomar um sorvete, sei lá, conversar. (...) Como eu sinto saudades de 2019, todo dia que a gente chegava aqui os professores recebiam a gente com um abraço, não tinha um que escapava do abraço dos professores. é algo que eu sinto muita falta. (Grupo focal com jovens, Araucária)

O Bruno ele é um dos professores mais atenciosos, carinhosos, e que se ele te ver triste, ele é o primeiro a falar com você, de saber o que está acontecendo. Ele é um dos mais presentes assim. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

6.2.3. Projeto de vida

Como mais uma estratégia para o desenvolvimento integral dos jovens estão as atividades relacionadas à construção do Projeto de Vida.

Durante a pesquisa qualitativa, os coordenadores de Itaguaí e Congonhas explicaram como surgiu essa ação no Projeto Garoto Cidadão.

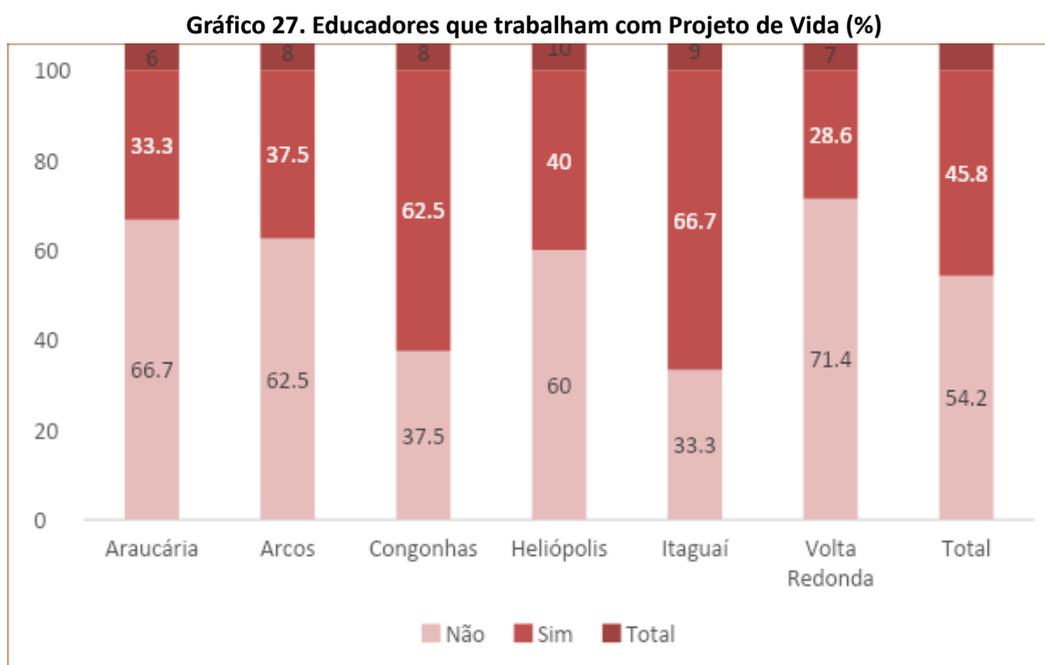
O projeto de vida surgiu de uma demanda passada, onde a gente (...) percebia que os adolescentes com 14 anos de idade, eles estavam chegando no auge, num momento muito positivo do seu desenvolvimento cultural, do seu desenvolvimento artístico e eles precisavam sair do projeto. Essa foi uma demanda levada aos educandos no encontro nacional do Garoto Cidadão, (...) que nós precisávamos atender um pouco mais, por mais tempo, (...) foi quando a gente começou a trabalhar com educandos até 16 anos de idade. Aí a gente percebeu a necessidade de trabalhar além do produto cultural, da formação cultural, de começar a pensar o que esse garoto e essa garota iam ser no futuro, quais são as escolhas realmente? Será que todos os alunos vão ser músicos profissionais? Não é uma realidade, nem todos os alunos vão ser atores e nem todos os alunos vão ser dançarinos. (Entrevista com coordenador, Itaguaí)

A gente tem aluno que quer ser médico e a gente não vai ter como auxiliá-los para que eles sejam médicos, então a gente vai dizer que ele vai precisar fazer um curso pré vestibular, que ele vai precisar fazer o ENEM, quais são os caminhos para ele fazer o curso de medicina, (...) então no projeto de vida, o professor que trabalha direcionando essa atividade, ele vai ter uma escuta individualizada com esse educando e vai trabalhar junto com ele, quais são os processos que ele deve desenvolver fora do Garoto Cidadão, para que ele possa atingir esse projeto de vida. (Entrevista com coordenador, Itaguaí)

A gente começou a fazer esses encontros pontuais dentro do projeto de vida que a gente deu esse nome com a professora de Desenvolvimento, Habilidades e Competências da época que hoje é Cultura e Cidadania e ela começou a fazer esses encontros para falar sobre mercado de trabalho, primeiro emprego, ENEM, começamos a fazer o intercâmbio com as universidades para falar sobre sonhos e entender um pouco o que seriam esses sonhos dos garotos e até onde eles concebiam esses sonhos como realizáveis ou não, quais eram os

caminhos que eles precisavam fazer para alcançar, então as conversas em sala normalmente iam para esse rumo. Fazer o primeiro currículo. Falar das suas fraquezas, das suas potências, então muito isso. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

Entre os educadores que participaram da pesquisa avaliativa, a maioria não trabalha com projeto de vida, exceção feita às unidades de Congonhas e Itaguaí.



Os que trabalham com Projeto de Vida foram solicitados a avaliar os resultados para os jovens. Para a maioria o Projeto de Vida “ajuda muito” o jovem:

- 1º A resignificar as suas histórias (95,5%).
- 2º No desenvolvimento pessoal e social (86,4%).
- 3º A tomar decisões; a identificar seus interesses (81,8%).
- 4º A identificar seus potenciais; identificar seus desafios; a se conhecer e entender suas histórias; no desenvolvimento profissional (77,3%).
- 5º A fazer escolhas responsáveis; a resolver problemas (72,7%).
- 6º A lidar com situações inesperadas (68,2%).

7º A conseguir uma atividade remunerada (63,6%).

A tabela com os percentuais de todas as unidades encontra-se como Anexo 3, deste relatório.

A gente consegue mostrar para esse menino todas as possibilidades, fazê-lo sonhar com essa possibilidade, a faculdade não é tão difícil assim, você consegue, talvez você vá para uma federal, como eu fui, você vai ter um suporte, vai ter uma bolsa de estudos, vai ter uma alimentação gratuita, não é tão difícil assim. A gente consegue colocar esse sonho dentro da cabeça dele aos pouquinhos. Em uma situação como a pandemia, a gente perdeu muitos que a gente não estava ali fazendo essa força tarefa todos os dias (Grupo focal com educadores, Congonhas).

Outros educandos que dançaram, que atuaram, que tocaram em outros espetáculos já estão trabalhando (...) então acredito sim que o projeto tem encaminhado para resultados. (Grupo focal com educadores, Araucária)

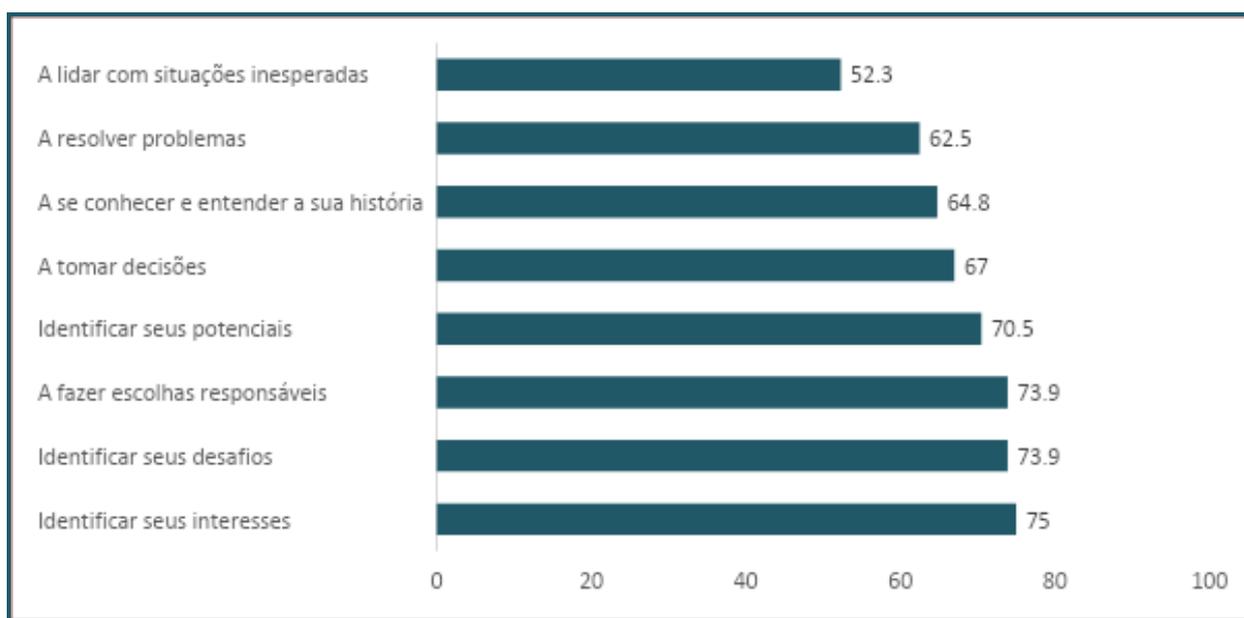
Entre os jovens participantes da pesquisa, somente 88 (39% do total) participam das atividades de Projeto de Vida. Dentre esses, não há representantes de Heliópolis e os jovens de Volta Redonda estão em maior número.

Tabela 41. Jovens participantes de Projeto de Vida

	NA	%
Araucária	12	13,6
Arcos	18	20,5
Congonhas	10	11,4
Itaguaí	14	15,9
Volta Redonda	34	38,6
Total	88	100

A avaliação dos jovens em relação a esse trabalho é bastante positiva e coincide, em vários pontos, com a percepção dos educadores. Consideram que essa atividade os “ajudou muito”, especialmente a: identificar seus interesses, desafios e potenciais, a fazer escolhas responsáveis e a tomar decisões.

Gráfico 28. O quanto as atividades de PV o ajudou (jovens - % de ajudou muito)



Eu acho que ajuda, sim, nessa parte, como se diz, de ter responsabilidade, pensar melhor antes de fazer alguma coisa também, pensar nos atos, né? Essas coisas assim. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Também nos grupos focais, especificamente os jovens de Volta Redonda enfatizam a importância das atividades de PV e ou do “avançado” para auxiliá-los na reflexão e no preparo para o mundo do trabalho.

O meu projeto de vida, eu estou começando a fazer um curso de unha, pra começar a juntar um dinheiro pra daqui 3 anos, eu conseguir fazer minha faculdade de psicologia, uma de engenharia, então sendo que temos que tudo se preparar agora, se queremos alguma coisa no futuro. Então eu já estou fazendo curso pra daqui um tempo fazer minha faculdade. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

O avançado é um grupo de pessoas que estão se preparando pra ir para o mercado de emprego, pra você se especializar mais, conhecer mais sobre o mundo lá fora, porque quando a gente sair do projeto, a gente não vai ter mais o apoio que temos aqui dentro. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Avançado abre várias portas, ensinam a gente a ter calma, paciência e ir para o mercado do emprego e tudo mais, e ter bastante - como posso dizer? - gratidão por eles, porque as pessoas mais novas do garoto cidadão, elas vão experimentando cada especialidade, pra ver o que elas mais se identificam, pra fazer a especialidade, e tudo mais, e é isso. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

A percepção de menor auxílio do Projeto de Vida, ou seja, os percentuais mais altos de onde “não ajudou”, referem-se à capacidade de lidar com situações inesperadas (21,6%), a se conhecer melhor e entender a sua história (14,8%) e a tomar decisões e resolver problemas (12,5%).

As tabelas com todos os percentuais e sua distribuição pelas unidades encontram-se como Anexos 4 e 5, deste relatório.

Com uma nota de 0 a 10, os jovens ainda avaliaram o quanto a atividade contribui para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Os resultados são bastante significativos em todas as unidades representadas.

Tabela 42. O quanto o PV contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional – Médias ponderadas

	Desenvolvimento pessoal	Desenvolvimento profissional
Araucária	9,33	9,58
Arcos	9,22	9,22
Congonhas	9,30	9,20
Itaguaí	8,64	8,93
Volta Redonda	9,03	9,34
Total	9,08	9,27

Ao serem solicitados a avaliar os seus produtos, praticamente a metade dos jovens declara que o projeto ainda não está finalizado, exceção para os jovens de Arcos e Araucária.

Os que mostram maior satisfação com os produtos elaborados são os educandos de Congonhas, onde 40% dos participantes afirmam que o produto final ficou bom e dentro da realidade. Também relevante, em Araucária e Arcos 1/3 dos jovens se declaram satisfeitos com seus projetos.

Tabela 43. Avaliação do produto final – Projeto de Vida - Jovens

	Araucária	Arcos	Congonhas	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Ainda não está finalizado	41,7	27,8	50	57,1	56,3	47,7
Não ficou como eu queria	8,3	0	0	0	0	1,2
Ficou bom, mas fora da realidade	0	5,6	0	0	0	1,2
Ficou razoável	16,7	33,3	10	14,3	28,1	23,3
Ficou bom e dentro da realidade	33,3	33,3	40	21,4	9,4	23,3
Não respondeu	0	0	0	7,1	6,3	3,5
Total (NA)	12	18	10	14	32	86

Considerando a totalidade dos jovens participantes das atividades de projeto de vida, a maioria (cerca de 63%) declara que o apoio dos educadores foi satisfatório e suficiente para desenvolverem seus projetos. Jovens de Congonhas e Arcos são os mais positivos, afirmando que o apoio foi decisivo no processo de construção, enquanto os de Araucária são os mais críticos – a maioria declara que o apoio foi insatisfatório / insuficiente.

Tabela 44. Apoio na construção do Projeto de Vida

	Araucária	Arcos	Congonhas	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Não tive apoio, construí sozinho	8,3	5,6	0	7,1	0	2,3
O apoio foi insatisfatório / insuficiente	66,7	0	0	0	0	1,2
O apoio foi satisfatório / suficiente	25	61,1	60	57,1	65,6	62,8
O apoio foi decisivo no meu processo de construção	0	33,3	40	28,6	28,1	30,2
Não respondeu	0	0	0	7,1	6,3	3,5
Total	12	18	10	14	32	86

Embora as atividades de construção de projeto de vida ainda não sejam uma realidade para todos os educadores e jovens, os resultados já apurados parecem bastante promissores. Tanto educadores como educandos percebem ganhos relacionados ao desenvolvimento pessoal, social e profissional dos jovens, o que pode impactar sensivelmente nas suas perspectivas e experiências futuras.

6.2.3.1. Mentoria Cidadã

Aliando forças às atividades do Projeto de Vida, uma proposta recente da Fundação em parceria com a CSN é citada pelos coordenadores de Congonhas, Araucária e Itaguaí: o Mentoria Cidadã.

A proposta objetiva atender os educandos mais velhos visando a empregabilidade.

Com 14 anos e seis meses, ele faz o projeto de vida, que é toda essa orientação que ele tem das escolhas profissionais, e com 17 anos ele entra no mentoria cidadã, aí o mentoria cidadã é em parceria com a CSN, e esse educando tem um mentor dentro da CSN, esse mentor tem como atividade contar para o educando sua história de vida, profissional, pessoal, e orientar

ele a buscar caminhos para o mercado de trabalho. Ao final desse mentoria que dura em média 4 meses, ele participa de um processo seletivo, exclusivo pra CSN, aí ele tem a possibilidade de fazer o jovem aprendiz na CSN. (Entrevista com coordenador, Araucária)

E agora a Fundação lançou um programa que tá vinculado ao projeto de vida que é o Mentoria. (...) Começou agora, recente. Então acho que a gente precisa viver mesmo para gente sentir como que vai ser esse aproveitamento dos garotos. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

Os coordenadores entrevistados entendem que o Mentoria preenche uma lacuna que faltava: o Projeto ser a ponte entre o Projeto de Vida e a inserção no mundo do trabalho.

E acho que pra melhorar, no momento, eu acho que chegamos num ponto que era o que precisava, que é o mentoria, que era algo que faltava, que era algo real, que seja um programa que realmente seja a ponte entre o projeto de vida e a empregabilidade, e aí agora temos, então eu acho que era essa a lacuna, que em 2021 a fundação conseguiu sanar. (Entrevista com coordenador, Araucária)

Nesse momento que a gente está vivendo do Garoto Cidadão em 2021, um momento pós pandemia, a gente traz aí implementando o quarto círculo que é a mentoria cidadã, onde eles têm um apoio direto de funcionários do grupo CSN, que vão estar auxiliando para que eles possam estar inseridos no mercado de trabalho, através do Jovem Aprendiz. (Entrevista com coordenador, Itaguaí)

Efetivamente, o Mentoria Cidadã parece chegar para fechar o ciclo dos jovens dentro do Projeto. Além de prolongar o tempo de permanência dos educandos no Projeto, mantendo o vínculo em cidade importante, oportuniza concretamente o ingresso no mundo do trabalho, se assim for a vontade dos jovens.

6.3. Participação

Segundo a maioria dos educadores, as crianças/jovens **sempre participam** das atividades (70,8%), e **sempre assistem** às apresentações de outras linguagens (54,2%), exceção feita a Heliópolis e Congonhas, onde isso ocorre apenas às vezes.

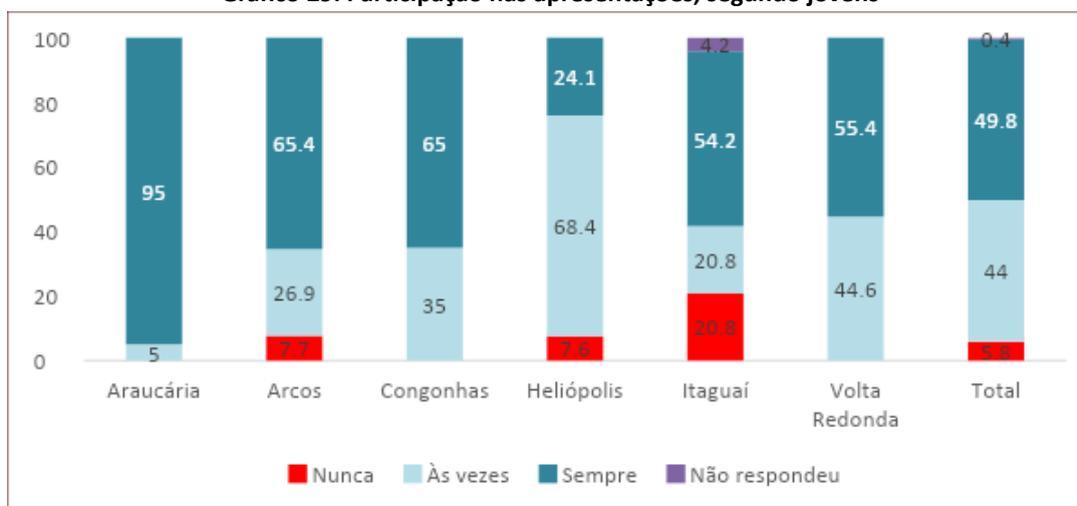
Tabela 45. Participação dos estudantes, segundo educadores

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Participam das apresentações	Às vezes		12,5	25	90		28,6	29,2
	Sempre	100	87,5	75	10	100	71,4	70,8

Assistem as apresentações das outras linguagens	Às vezes	50	37,5	62,5	90		28,6	45,8
	Sempre	50	62,5	37,5	10	100	71,4	54,2
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

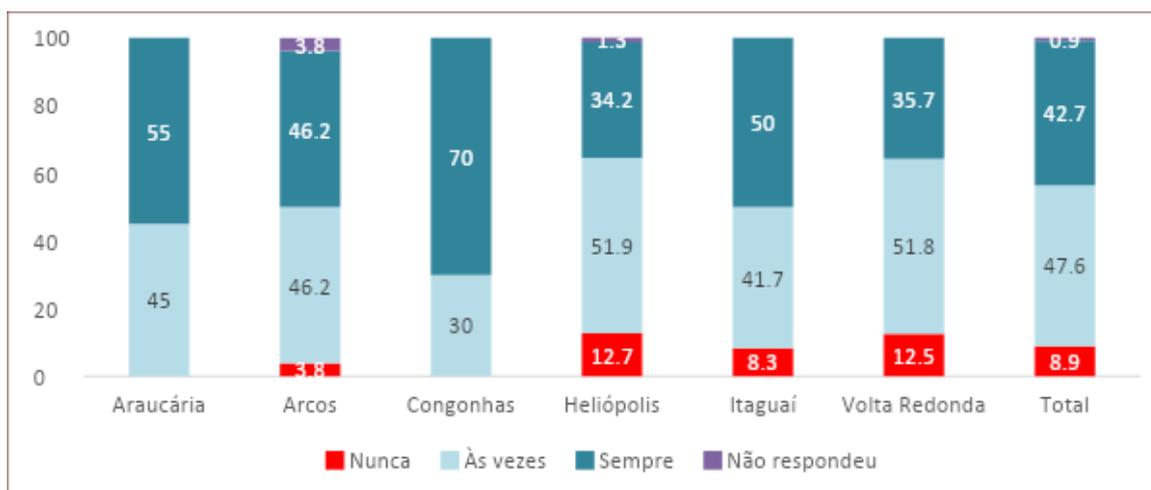
Também entre os jovens a participação nas apresentações merece destaque. A maioria – exceto em Heliópolis – sinaliza participar nas apresentações do projeto com frequência, com maior destaque para Araucária.

Gráfico 29. Participação nas apresentações, segundo jovens



Apesar disso, percentuais bastante significativos de jovens nem sempre assistem as apresentações de seus colegas em linguagens que diferem das que fazem. Heliópolis e Volta Redonda são as unidades em que, aparentemente, alguns jovens menos se envolvem nessas atividades, visto que os percentuais não são significativos.

Gráfico 30. Assiste as apresentações de outras linguagens



Há consenso sobre a boa participação das crianças e jovens nas atividades propostas. Um aspecto que não é similar em todas as unidades diz respeito às atividades interdisciplinares, em algumas mais presentes. O trabalho ainda está sob impacto do período online e a transição para a volta do presencial.

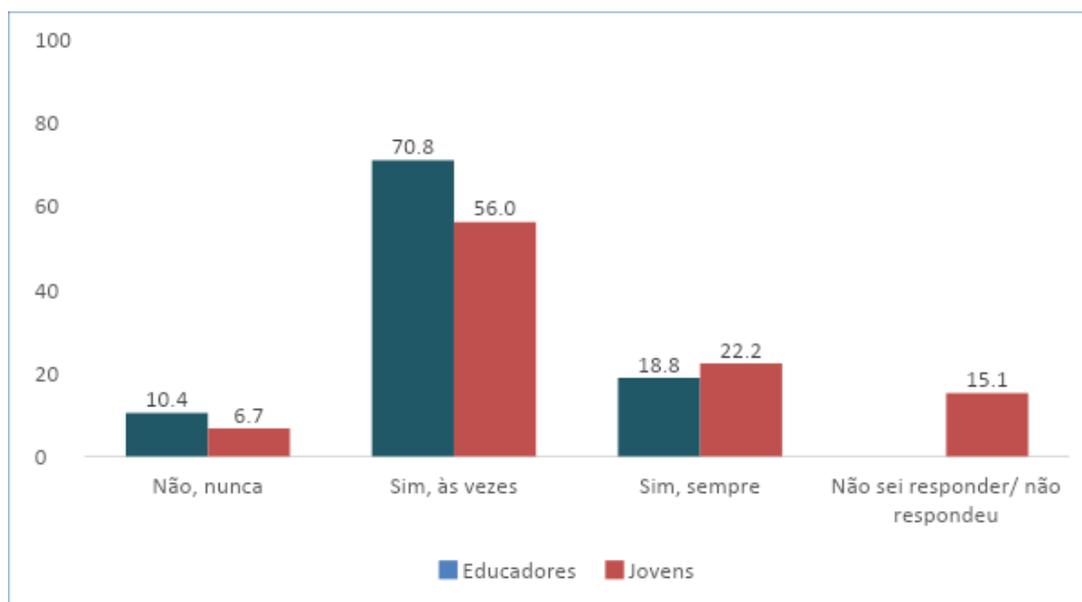
6.4. A relação com as famílias, escolas e comunidades

Um dos objetivos do projeto Garoto Cidadão é justamente garantir que este não se limite aos seus muros e tenha impacto também junto às famílias, escolas e comunidades em geral. Há uma preocupação e intencionalidade na construção dessas interações. Assim, foram levantadas as percepções de educadores, jovens e seus responsáveis sobre essas relações.

6.4.1. Relação com as famílias

Mais da metade dos jovens participantes da pesquisa afirmam que o projeto costuma promover atividades em que os pais / responsáveis são convidados a participar, pelo menos às vezes, o que é confirmado também pela maioria dos educadores e pelos pais.

Gráfico 31. Promoção de atividades que envolvem a participação de pais e responsáveis (%)



A gente sempre recebe convite, bilhete, assinamos e devolvemos, pedem nossa presença sempre que necessário, pedem nossa colaboração psicológica também, porque isso mexe com a gente também. (...) Porque se nós não formos participativos, não adianta nossos filhos estarem aqui, não é só falar, põe na van, quem mora longe, manda para o projeto. Eu tenho que participar também, eu tenho que acordar cedo, eu tenho que cuidar do que eu preciso para que ele possa vir. Quando eles estão aqui, nós ficamos tranquilos, a gente sabe que estão em boas mãos, então é um montante de tudo. O projeto Garoto Cidadão é pra família. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

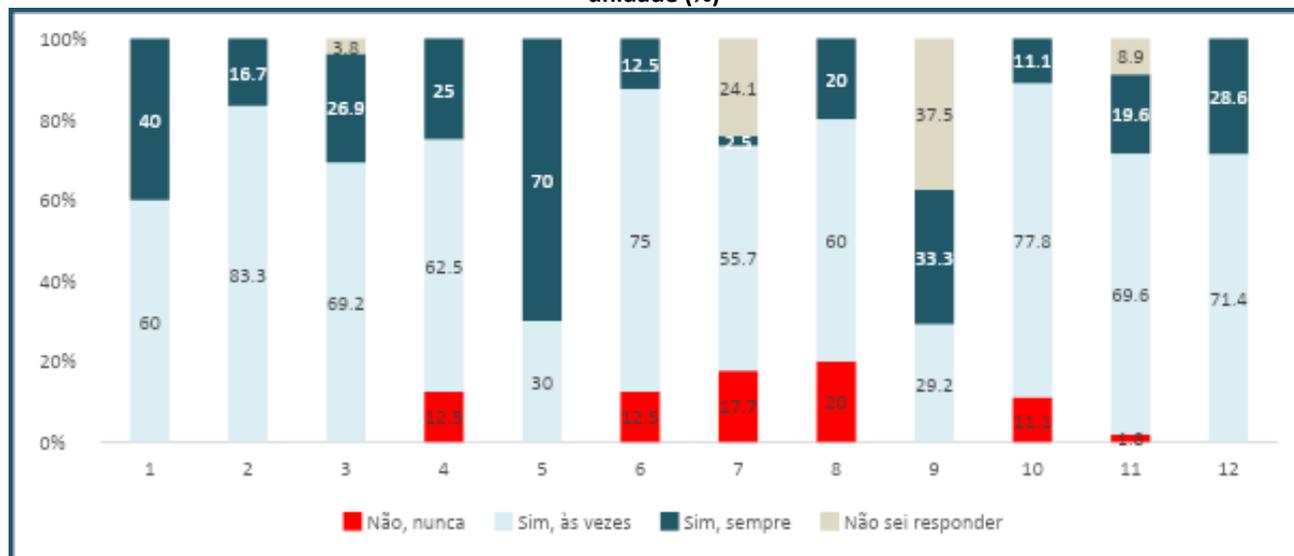
Coordenadores também concordam que existem várias ações que envolvem as famílias.

Desde 2014 temos na unidade várias ações que ou convida a família a estar dentro da unidade, ou nós vamos até a comunidade, então temos atividades chamada de momento cidadão, que várias vezes ao longo do ano, a gente convida essas famílias pra estar aqui conosco. Pra assistir uma apresentação do filho, dialogar sobre temas da comunidade, que a gente pode estar auxiliando de alguma maneira. (Entrevista com coordenador, Araucária)

Ao ampliar essa análise para cada uma das unidades, observa-se semelhança de percepção entre educadores e jovens de Araucária, Arcos, Heliópolis e Volta Redonda, com predomínio da frequência “sim, às vezes”. Em Congonhas, a grande maioria dos jovens (70%) declaram que as atividades nas quais os pais são convidados a participar acontecem “sempre”, diferindo da percepção dos educadores. Chama a atenção, ainda, o percentual de educandos que não soube responder em Heliópolis e Itaguaí (24,1% e 37,5%, respectivamente) e o percentual de jovens e

educadores, em Heliópolis (17,7% e 20%), que afirmam que os pais nunca não convidados a participar das atividades do projeto.

Gráfico 32. Se o projeto costuma promover atividades que pais / responsáveis são convidados a participar por unidade (%)



Segundo a percepção dos jovens, a participação dos pais e responsáveis é bastante significativa em todas as Unidades. Costumam incentivar seus filhos a não faltar às aulas, respondem aos chamados e conversam sobre o projeto. Percentuais um pouco mais baixos (exceção para Araucária e Congonhas) mas ainda expressivos se referem à participação nos eventos e atividades.

Tabela 46. Percepção dos jovens sobre a participação dos pais (%)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda
Incentivam a ir ao projeto e não faltar às aulas?	100	96,2	100	93,7	91,7	98,2
Perguntam sobre o que acontece no projeto?	100	80,8	100	74,7	91,7	83,9
Costumam participar dos eventos e atividades do projeto?	100	73,1	100	62	66,7	71,4
Respondem aos chamados do projeto?	95	100	100	96,2	95,8	100
Total	20	26	20	79	24	56

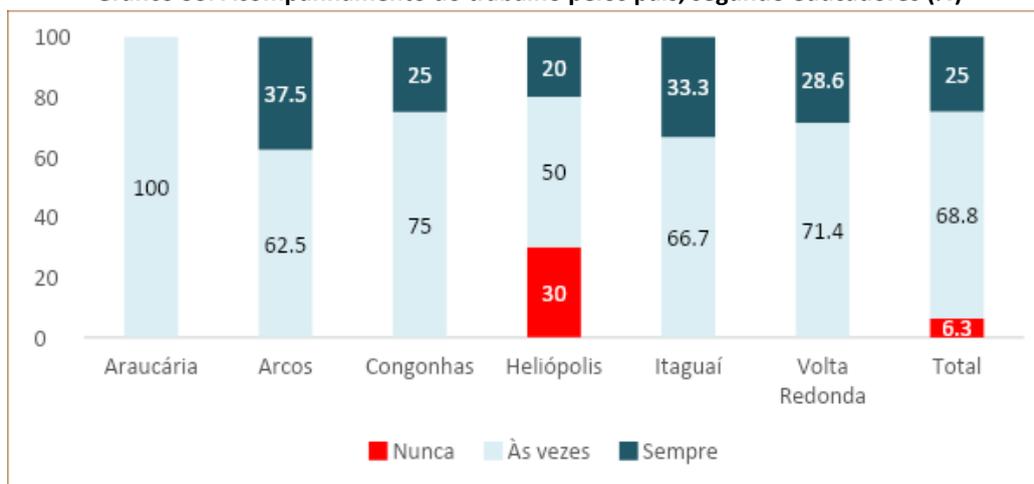
Eles nos ajudam a incentivar nos estudos, a participação, então a gente tem aqui a participação dos meninos muito frequente, porque os pais nos ajudam a cobrar, e quando a gente tem alguma dificuldade, algum desafio, com o seu filho, os pais são os primeiros a vir e nos ajudar a resolver qualquer situação. Então eu acho que esse também é um dos ganhos que mais temos da participação dos pais o incentivo deles nas atividades. (Entrevista com coordenador, Araucária)

Avaliando o engajamento dos pais no acompanhamento cotidiano dos seus filhos e no desenvolvimento das ações realizadas, a maioria dos educadores (68,8%) considera que eles o fazem “às vezes”. Para 25% os pais sempre acompanham, com destaque para as unidades de Arcos e Itaguaí. Em Heliópolis, 30% avaliam que eles nunca acompanham.

Os pais do Garoto Cidadão são muito ativos, todas as apresentações eles estão presentes, eles são participativos nas decisões do Garoto quando a gente convida, quando a gente liga, eles param a gente na rua para conversarem, eles são muito presentes, a nossa unidade tem essa vantagem, a gente tem os nossos pais até mais envolvidos com o Garoto, do que o educando. (Entrevista com coordenador, Arcos)

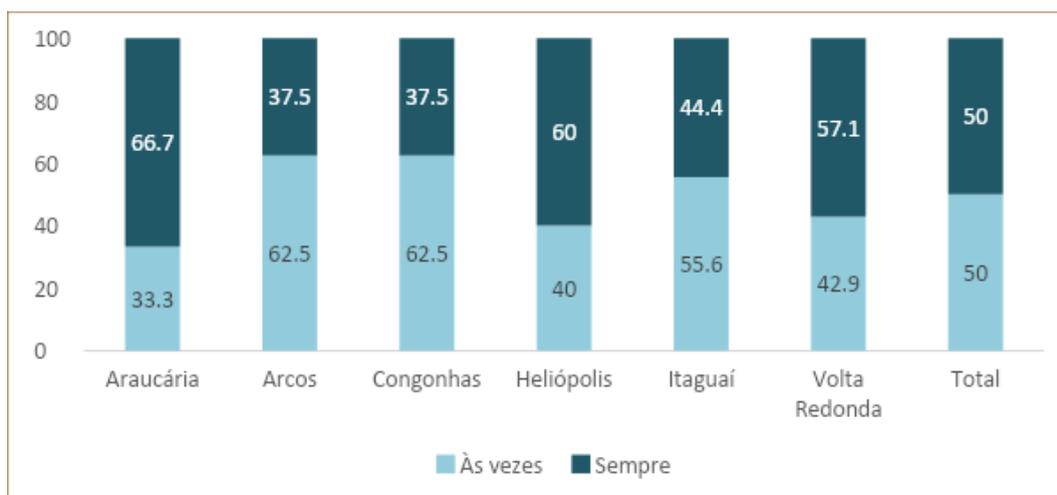
A nossa relação com os familiares e com a comunidade é muito próxima. É como eu brinco com os pais, o Garoto Cidadão é um projeto de portão aberto. (Entrevista com coordenador, Itaguaí)

Gráfico 33. Acompanhamento do trabalho pelos pais, segundo educadores (%)



No que diz respeito ao incentivo dos pais para a frequência no Garoto Cidadão os educadores são mais positivos, com as opiniões divididas entre “sempre” e “às vezes” incentivam.

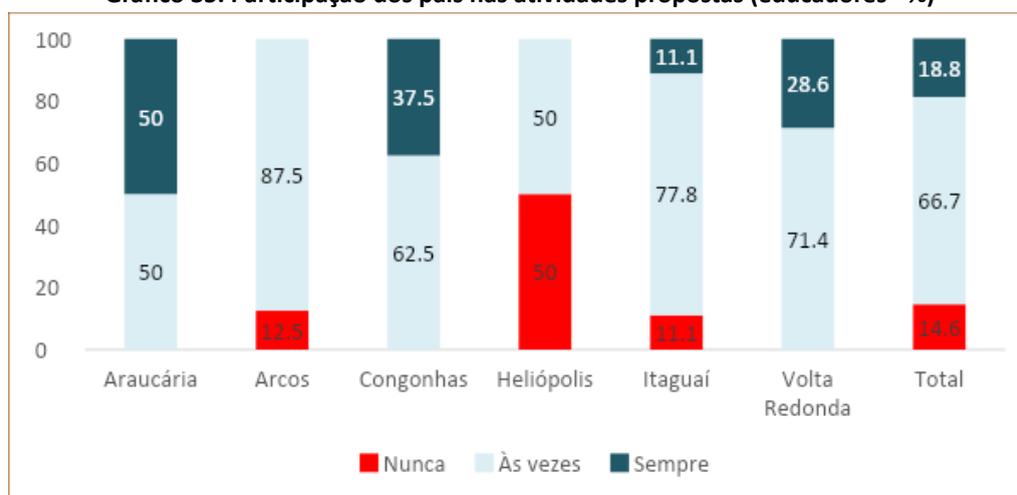
Gráfico 34 - Pais incentivam os filhos a ir ao projeto e a não faltarem às aulas, segundo educadores (%)



O meu papel também é incentivá-los a frequentar... (...) Como eu já conheço o projeto, eu incentivei muito eles, é muito importante esse projeto na nossa cidade, eu acho que tem que vir todos os dias se puder. (...) Eu falo pra eles, é uma oportunidade que vocês têm, de conviver com mais pessoas, de vivenciar outras experiências assim, porque hoje é tão difícil essas oportunidades pra idade deles, pra crianças, e pra adolescentes, ainda mais gratuito, e com tanta coisa boa pra ofertar, eu sempre os incentivo, vai que vale a pena. (Grupo focal com pais / responsáveis, Arcos)

De acordo com a maioria dos educadores, os pais e responsáveis pelas crianças/jovens participam “às vezes” das atividades propostas. Em Heliópolis os educadores se dividem entre participam “às vezes” e “nunca” participam. Em Araucária se dividem entre “às vezes” e “sempre” participam.

Gráfico 35. Participação dos pais nas atividades propostas (educadores - %)



Os educadores entrevistados informam, em todas as unidades, que o grupo de pais e responsáveis não é homogêneo quanto ao envolvimento no Projeto, o que pode explicar a predominância do “às vezes” nos gráficos acima: há sempre um percentual que participa e outro que não, como também salientaram acima em relação ao interesse dos estudantes. Consideram que os pais e responsáveis estão divididos entre um grupo mais “consciente” da importância das atividades para o desenvolvimento das crianças e jovens, e outro com visão mais “assistencialista” (projeto como oportunidade de sair da rua, alimentação, possibilidade de emprego etc.).

Alguns são mais assíduos e se envolvem mais e outros não. Tem pais que entendem o que é o projeto, que estão conscientizados da sua importância para criança, para o adolescente para o desenvolvimento dele como pessoa principalmente, e aí eles cobram dos filhos essa responsabilidade também, (...) e tem pais que ainda é “vai para lá”, entendeu? (Grupo focal com educadores, Congonhas).

Alguns se ressentem porque o filho vai deixar de ajudar na roça, por exemplo, para vir para o projeto dançar. Esse é um pensamento que é real e que é vigente...” não vim porque eu precisei ajudar em casa” e existe sim um déficit aí na compreensão da contribuição da arte, da dança, da educação, da música, do teatro, para o desenvolvimento (Grupo focal com educadores, Araucária).

Tem pais que sequer sabem que atividades estão sendo oferecidas para os seus filhos ali, porque tudo está camuflado, por uma imagem assistencialista do CSN. E que muitas vezes se reduz a isso. As pessoas não têm entendimento de aquele espaço, como espaço de aprender, de convivência intelectual. Muitas vezes - e isso é perfeitamente compreensivo -, o espaço é um local que meu filho vai, porque ele tem o que comer. Ou meu filho vai, porque no final do mês eu tenho uma cesta básica (Grupo focal com educadores, Heliópolis).

A impressão que eu fico é que os pais acham que aqui é uma creche ou depósito, tipo assim: “eu vou matricular meu filho, o ônibus busca, o ônibus leva, tem alimentação, os profissionais vão tomar conta do meu filho, é melhor do que estar na rua, seguro. Mas assim, essa distância com os pais é ruim, até mesmo quando machuca ou passa mal, a gente vai para o hospital e fica sem a família (...), então essa distância com a família sempre existiu e a gente já tentou de todas as formas estreitar os laços (Grupo focal com educadores, Volta Redonda).

Mas existe pai muito ativo, ativo não no sentido de estar na prática aqui, mas em contato com o Projeto, interessado em saber sobre o que acontece com o filho e aí são poucos, não são todos, até porque muitos hoje em dia é aquela coisa da criança ficar muito com o avô ou com a avó e os pais mesmos estão trabalhando (Grupo focal com educadores, Itaguaí).

Um dos aspectos importantes para a aproximação com as famílias é o acesso fácil e direto que podem ter com o educador do Projeto.

E uma das vantagens que eu vejo em questão dos pais, é porque, ao contrário da escola, aqui no Projeto os pais às vezes já vêm direto ao professor e já fala: “Como que está o meu filho? Vai ter uma apresentação agora. “O meu filho vai participar da apresentação? O que ele tem que fazer, quando que ele tem que participar?” Então, é essa aproximação direta com os professores e com os pais, eu acho que é muito positivo também para o Projeto. (Grupo focal com educadores, Arcos)

O projeto sempre procura deixar os pais a par do que está acontecendo, do que estamos propondo e sempre que necessário, a gente está em contato com a família. Conversa com os pais e os pais sempre topam, sempre estão juntos, é bem interessante ver como eles sempre estão juntos e querendo saber o que o projeto faz. (Grupo focal com educadores, Araucária)

O pai não precisa vir aqui solicitar uma audiência, não, ele vai chegar aqui e ele vai ser atendido, se não for por mim, vai ser pela Natalia, que é a nossa agente administrativa, senão for pela Natalia, vai ser pelo o professor que vai tirar um momento da aula par atender, senão for pelo professor vai ser pelo nosso assistente de serviços gerais, então toda a equipe ela conhece 100% do funcionamento do projeto. (Entrevista com coordenador, Itaguaí)

Ainda, avaliam que a pandemia gerou mudanças na relação do Projeto com os pais (para melhor e para pior): dificuldade/facilidade de participar online e ausência das ações mais coletivas.

Acho que a gente teve um déficit aí na pandemia por causa de vários fatores, financeiro, falta de Internet e aí acaba que os pais, por exemplo, o menino só tinha um celular em casa e o pai tinha que sair para trabalhar, não tinha como o pai incentivar, o menino a participar por causa dessas questões, mas presencialmente eu acho que a grande maioria dos pais incentiva sim os meninos a estar, a participar, a apresentar. (Grupo focal com educadores, Arcos)

Eu quero ressaltar duas coisas que a gente teve na pandemia que foi a participação dos pais especialmente com os alunos menores, que acompanharam mais de perto, que às vezes se encontrava na rua, conversava, falava ou às vezes mandava mensagem acerca do processo que o aluno estava vivendo e uma reunião que a gente fez com os pais durante a pandemia que a gente teve uma participação surpreendente e os pais falaram muitas coisas que foram um afago para gente, sabe? (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Entre os tipos de atividade que o projeto costuma promover com a presença das famílias, as apresentações são as que acontecem com a maior frequência, citadas por 46,2% dos jovens e por cerca 37,2% dos educadores. Ainda, os encontros com vivência prática, não acontecem na opinião

de mais da metade dos jovens e as exposições parecem menos frequentes pelas respostas dos educadores.

Tabela 47. Tipos de atividades promovidas com a participação das famílias

		Educadores	Jovens
Reuniões	Nunca	27,9	17,3
	Às vezes	60,5	53,8
	Sempre	11,6	27,1
	NR		1,8
Apresentações	Nunca	7	10,7
	Às vezes	55,8	41,3
	Sempre	37,2	46,2
	NR		1,8
Exposições	Nunca	41,9	28
	Às vezes	48,8	39,1
	Sempre	9,3	29,3
	NR		3,6
Encontros com vivência prática	Nunca	23,3	51,1
	Às vezes	65,1	35,1
	Sempre	11,6	11,1
	NR		2,7
<i>Total</i>		<i>100</i>	<i>100</i>

Detalhando a percepção dos jovens das diferentes unidades, observa-se, especialmente em Congonhas, Volta Redonda e Itaguaí, pelo menos 50% deles indicam que as **apresentações** acontecem “sempre”.

Tabela 48. Tipos de atividades promovidas com a participação das famílias – Apresentações (jovens)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Apresentações	Nunca		7,7		17,7	12,5	8,9	10,7
	Às vezes	65	11,5	10	63,3	25	33,9	41,3
	Sempre	35	80,8	90	17,7	50	57,1	46,2
	NR				1,3	12,5		1,8
<i>Total (NA)</i>		20	26	20	79	24	56	100

Em contrapartida, os encontros com **vivência prática** são os que parecem acontecer com menor frequência, com percentuais mais altos de “nunca” em Heliópolis (77,2%) e Arcos (50%). As

exposições, por sua vez, são mais frequentes em Arcos e Congonhas e, segundo a maioria dos jovens de Araucária elas nunca acontecem.

Tabela 49. Tipos de atividades promovidas com a participação das famílias – Encontros com vivências práticas e exposições (jovens)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Encontros com vivência prática	Nunca	20	50	30	77,2	33,3	41,1	51,1
	Às vezes	70	30,8	50	16,5	29,2	48,2	35,1
	Sempre	10	19,2	20	3,8	20,8	10,7	11,1
	NR				2,5	16,7		2,7
Exposições	Nunca	65	19,2		34,2	20,8	23,2	28
	Às vezes	20	34,6	30	51,9	50	28,6	39,1
	Sempre	15	46,2	70	8,9	16,7	46,4	29,3
	NR				5,1	12,5	1,8	3,6
	Total	20	26	20	79	24	56	100

Por fim, as **reuniões entre pais/responsáveis e educadores** também são indicadas por pelo menos 40% dos jovens de todas as unidades na frequência “às vezes”.

Tabela 50. Tipos de atividades promovidas com a participação das famílias – Reuniões com educadores (jovens)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Reuniões com os educadores	Nunca		38,5	10	27,8	16,7	1,8	17,3
	Às vezes	95	46,2	65	45,6	41,7	55,4	53,8
	Sempre	5	15,4	25	24,1	33,3	42,9	27,1
	NR				2,5	8,3		1,8
	Total (NA)	20	26	20	79	24	56	100

A gente faz encontros periódicos com os responsáveis, aqui na sede, porque é uma possibilidade deles conhecerem o projeto, quando tem a possibilidade, a gente disponibiliza um ônibus pra buscá-los, pra eles não terem desculpa de que não vem, no sentido sempre de promover um encontro gostoso, onde a gente discuta alguns assuntos que eles sugiram, violência, violência doméstica, busca assuntos pra refletir com eles, ou a gente traz uma apresentação cultural, a gente sabe que é um público que não tem muito acesso à cultura, lazer, enfim. (Entrevista com coordenador, Volta Redonda)

Analisando os tipos de atividade promovidas com a participação das famílias, na percepção dos educadores, chama a atenção que, segundo a maioria deles, em Araucária e Heliópolis as exposições nunca são realizadas e, em Heliópolis, também os encontros com vivência prática. Quanto às apresentações, realizadas às vezes e/ou sempre em todas as unidades, Araucária se destaca com 66,7% dos educadores avaliando que elas sempre ocorrem. Em relação às reuniões,

realizadas às vezes ou sempre segundo a maioria em todas as unidades, Arcos chama a atenção com as opiniões divididas entre às vezes e sempre, e nunca são realizadas.

Tabela 51. Tipos de atividade promovidos com a participação das famílias por unidade (educadores - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Reuniões	Nunca	33,3	42,9	12,5	37,5	12,5	28,6	27,9
	Às vezes	66,7	28,6	75	50	75	57,1	60,5
	Sempre		28,6		12,5	12,5	14,3	11,6
Apresentações	Nunca		14,3		12,5	12,5		7,0
	Às vezes	33,3	71,4	37,5	75	37,5	71,4	55,8
	Sempre	66,7	14,3	50	12,5	50	28,6	37,2
Exposições	Nunca	66,7	42,9	12,5	75	37,5	14,3	41,9
	Às vezes	33,3	42,9	62,5	25	62,5	57,1	48,8
	Sempre		14,3	12,5		0	28,6	9,3
Encontros com vivência prática	Nunca	16,7	14,3	12,5	62,5	12,5	14,3	23,3
	Às vezes	83,3	71,4	75	25	75	57,1	65,1
	Sempre		14,3		12,5	12,5	28,6	11,6
	Total (NA de sim)	6	7	7	8	8	7	100

Nos grupos de discussão, a percepção dos jovens e dos educadores sobre a participação dos pais/responsáveis foi abordada em dois momentos: se e como participavam antes da pandemia e o seu papel durante o período sem encontros presenciais.

Há, na fala dos jovens, várias indicações de que Projeto sempre contou com a participação dos pais/responsáveis; e de como a presença deles, sobretudo em **apresentações**, mas também em reuniões e eventos promovidos pelo Projeto, se dava de forma expressiva antes da pandemia.

Quando eu entrei aqui há uns anos atrás, tinha bastante encontro de pais, pra discutirem o que era passado aqui, pra eles tentarem ser mais participativos e saberem o que acontecia aqui dentro. Com a pandemia, claro que isso se perdeu, mas é sempre um lugar que os pais também têm bastante participação.... (Grupo focal com jovens, Araucária)

Eu lembro que tipo, sempre quando tinha alguma apresentação, os pais sempre foram chamados e minha mãe sempre estava presente, sabe. Mesmo quando meu pai não dava pra ir, meus irmãos e tudo mais, minha mãe ia, estava lá na frente, motivando a gente a participar. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Eles participavam em ver as apresentações, esse ano eu acho que vai ter, e sempre tinha apresentação onde a gente mostra para os pais todo resultado do projeto, durante o ano. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

São ações que não devem deixar de acontecer, segundo os educadores

A gente sempre teve eventos e ações aqui dentro que eles eram convidados a participar: mostras finais de processos que a família toda é convidada, e acredito que isso não vai deixar de acontecer. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

A gente já fez apresentações, reuniões com pais. Então assim, atividades do cotidiano também. Gincanas com os pais. A gente tinha eventos, por exemplo, tinha o da pipa, onde os pais participavam com os filhos soltando pipa. (...) Então a gente sempre busca essa aproximação com a família que é o primeiro círculo da criança, que é muito importante eles acompanharem o desenvolvimento da atividade deles aqui no Projeto. (Grupo focal com educadores, Arcos)

...mas que foram impactadas, de forma contundente, pela pandemia:

Então muitos eventos de rua foram cancelados. A gente tem vários eventos, que já é do calendário da instituição, que é uma maneira de potencializar todas as linguagens e abrir para a participação dos pais e comunidade. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Apenas em Heliópolis, os vários jovens fazem referência à dificuldade de participação dos pais, em função de trabalho.

As vezes sim [participavam das atividades], mas por conta que eles trabalhavam muito, eles não conseguiam ir. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

Por conta que eles trabalham, aí eles não têm tempo de ficar com a gente, aí deixa nós aqui. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

Os meus participaram de algumas também, porque eles trabalhavam e não tinham muito tempo, mas sempre que eles podiam, eles vinham. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

Ainda sobre os eventos que os pais / responsáveis participam, os jovens – em Arcos e Congonhas – e os educadores de Araucária e Itaguaí, enfatizam, em particular, aqueles em que os pais são chamados a participar junto com seus filhos: apresentações nas quais os próprios jovens aparecem como protagonistas e coadjuvantes dos educadores na tarefa de mostrar aos pais o que e como aprendem.

Uma vez teve um evento aonde os pais vieram para que seus filhos pudessem estar ensinando a eles alguma atividade, tipo tocar um instrumento. Eu me lembro que fizemos e foi muito bom. (Grupo focal com educadores, Itaguaí).

Nós fizemos um encontro aqui que trouxemos os pais, familiares e educandos, e apresentamos para eles e depois os educandos foram ensinar eles a fazer teatro, a dançar, a ensinar os ensinamentos, então os pais se colocaram no lugar deles, e eles foram os educadores, os alunos. Essa troca foi bem legal, foi bem bacana, aproximou mais ainda. (Grupo focal com educadores, Araucária)

Além da emoção de os verem participando nas apresentações, percebem que os pais / responsáveis, ao passar por essa experiência, conseguem entender melhor o tamanho do esforço e do aprendizado dos filhos e se envolvem mais fortemente com o Projeto.

A gente chamava os pais, pra nós ensinar os nossos pais a tocar o nosso instrumento. Ou a dançar uma dança ou atuar, e no final do dia, juntava todos os pais com os alunos pra fazer uma apresentação, e isso era muito incrível. (...) Eu acho que eles percebiam a dificuldade, que temos, que não é uma coisa tão fácil. Que não é simples assim (...) Depois da primeira vez que minha mãe participou, ela passou a dar mais valor e começar a incentivar mais a gente a estudar, e a praticar mais... (Grupo focal com jovens, Araucária)

Uma apresentação que me marcou foi de dança, aí minha mãe veio pra apresentar junto, e nisso ninguém da minha família sabia, aí a hora que ela entrou pra dançar também, todo mundo olhou, emocionou, todos felizes, isso que motiva mais a gente, da família estar reunida junto com a gente no projeto. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Durante o **período de aulas remotas**, os pais / responsáveis parecem também ter tido um papel essencial, no incentivo dos filhos para manterem-se no Projeto.

Eu estava deixando meu violino um pouco de lado, aí meu pai sentava e falava comigo e falava: olha, não desanima, você sempre quis fazer licenciatura em música, você sempre se esforçou bastante, então pega o seu violino e instiga essa vontade, de você querer tocar as músicas que você sempre gostou. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Interessante a percepção de jovens e educadores sobre como mudou o papel dos pais / responsáveis e de como a sua participação foi ainda mais relevante durante a pandemia do que antes.

Eu acho que na pandemia, meu pai, meu pai não, alguns pais deram mais apoio do que [no período em que participavam] presencialmente, porque tinha que ficar cobrando, já viu a aula? Já fez o exercício? E presencialmente, antes e depois da pandemia, eles também participavam bastante quando o projeto chamava, o projeto tinha que ir até eles, e na pandemia eles tinham que ir até o projeto pra gente não perder o interesse, não desligar, cortar laços. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Também fiz atividades diversas durante o online com a família, tive retornos muito legais da família participando, de dançar junto, de ser um momento de extrema diversão e eu acredito que agora no retorno esse vínculo pode ficar ainda melhor, porque a gente criou um acesso melhor até eles e mesmo a gente já tendo, eu acho que isso foi um ponto muito positivo. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

6.4.2. Relação do Projeto com as escolas

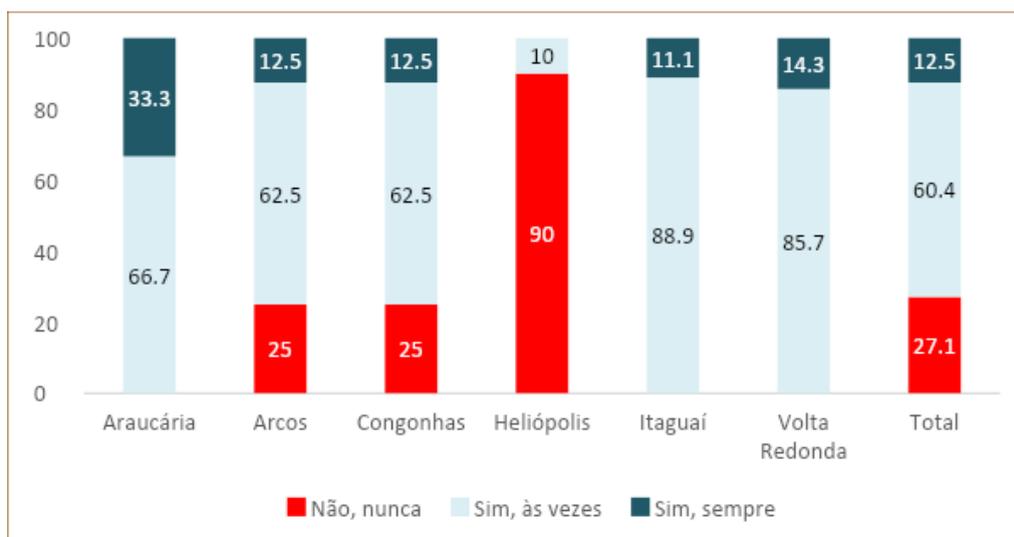
Considerando as respostas da maior parte dos jovens, o projeto também costuma promover atividades com a participação das escolas – sempre (21,3%) ou às vezes (35,1%), com destaque para Araucária, Arcos e Congonhas. No oposto, estão Heliópolis e Volta Redonda, onde a indicação de não participação das escolas é reportada por mais de 60% dos jovens.

Tabela 50. Se o projeto costuma promover atividades com a participação das escolas - Jovens

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total (NA e %)	
Sim, sempre	80	42,3	30	15,2	8,3	1,8	48	21,3
Sim, às vezes	20	42,3	65	20,3	66,7	33,9	79	35,1
Não, nunca		15,4	5	64,6	20,8	62,5	96	42,7
Não respondeu					4,2	1,8	2	0,9
Total	20	26	20	79	24	56	225	100

Já entre os educadores, 60,4% deles afirmam que atividades que envolvem **as escolas** das crianças e jovens como os quais trabalham são propostas “às vezes”. Corroborando a percepção dos jovens, Araucária é a unidade com maior percentual de “sempre realiza” (33,3%) e Heliópolis de “nunca realiza” (90% dos educadores).

Gráfico 36. Atividades com as escolas (educadores)



Nos tipos de atividades promovidas com a participação das escolas, destacam-se, por unidade, os percentuais de “sempre” citados por pelo menos 50% dos jovens:

- Em Araucária: as apresentações musicais, apresentações teatrais, de dança, circo e demais linguagens e as rodas de conversa sobre temas específicos.
- Em Arcos: as apresentações musicais e de dança, circo e demais linguagens.
- Em Itaguaí: as apresentações de dança, circo e demais linguagens

Nas demais unidades, os percentuais daqueles que citam atividades conjuntas “às vezes” ou “nunca” superam a indicação de “sempre”.

Tabela 52 - Tipo de atividade desenvolvidas com as escolas (jovens)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Apresentações musicais	Nunca			15,8	7,1		30	8,7
	Às vezes	5	50	68,4	71,4	61,1	55	52,8
	Sempre	95	50	15,8	17,9	38,9	15	37,8
	NR				3,6			0,8
Apresentações teatrais	Nunca		9,1	10,5	28,6	11,1	15	13,4
	Às vezes	40	54,5	68,4	64,3	50	45	54,3
	Sempre	60	31,8	21,1		38,9	35	29,1
	NR		4,5		7,1		5	3,1
Somente aqueles que responderam sim		20	22	19	28	18	20	100

Tabela 52 - Tipo de atividade desenvolvidas com as escolas (jovens - % continuação)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Dança, circo, demais linguagens	Nunca		9,1	10,5	10,7	5,6	40	12,6
	Às vezes	50	36,4	63,2	67,9	44,4	25	48,8
	Sempre	50	50	26,3	14,3	50	35	36,2
	NR		4,5		7,1			2,4
Intervenção cultural	Nunca		31,8		39,3	44,4	60	29,9
	Às vezes	75	50	57,9	25	33,3	40	45,7
	Sempre	25	13,6	42,1	25	22,2		21,3
	NR		4,5		10,7			3,1
Rodas de conversa sobre temas específicos	Nunca		4,5	15,8	21,4	33,3	35	18,1
	Às vezes	5	54,5	78,9	46,4	38,9	20	40,9
	Sempre	95	40,9	5,3	32,1	27,8	45	40,9
Somente aqueles que responderam sim		20	22	19	28	18	20	100

Nas respostas dos educadores, considerando os percentuais de às vezes e sempre, as atividades dirigidas às escolas, ou em parceria com elas, realizadas com maior frequência, são: as apresentações musicais e as rodas de conversa.

Tabela 53. Tipo de atividade desenvolvidas com as escolas (educadores - %)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Apresentações musicais	Nunca		50	33,3		11,1	28,6	22,9
	Às vezes	33,3	33,3	33,3	100	77,8	28,6	45,7
	Sempre	66,7	16,7	33,3		11,1	42,9	31,4
Apresentações teatrais	Nunca	16,7	50,0	50,0		44,4	14,3	34,3
	Às vezes	66,7	50,0	50,0	100	33,3	42,9	48,6
	Sempre	16,7				22,2	42,9	17,1
Apresentações de dança	Nunca	16,7	16,7	66,7		44,4	42,9	37,1
	Às vezes	66,7	66,7	16,7	100	44,4	28,6	45,7
	Sempre	16,7	16,7	16,7		11,1	28,6	17,1
Intervenção cultural (ex: pintura nos muros da escola)	Nunca	33,3	16,7	50,0		66,7	42,9	42,9
	Às vezes	66,7	66,7	50,0	100	22,2	42,9	48,6
	Sempre	0,0	16,7			11,1	14,3	8,6
Rodas de conversa sobre temas específicos	Nunca	33,3	33,3	16,7		33,3	28,6	28,6
	Às vezes	66,7	66,7	66,7		44,4	57,1	57,1
	Sempre			16,7	100	22,2	14,3	14,3
Apresentações de circo	Nunca	100,0	83,3	100,0		55,6	85,7	80,0
	Às vezes		16,7		100	33,3		14,3
	Sempre				0	11,1	14,3	5,7

Corroborando essas indicações, nos grupos de discussão de jovens, a interação do projeto com as escolas aparece mais fortemente nas unidades de Araucária, Arcos, Congonhas e Itaguaí, com a indicação de apresentações de música, dança e teatro em que mostram seus aprendizados e se veem estimulando a participação de novos estudantes no Projeto.

A gente faz apresentações, a gente vai nas escolas e apresenta pra eles também. Isso é bem legal, porque as vezes colegas da gente falam: 'que massa que vocês fazem isso'. Às vezes eles até entram no projeto por a gente ter ido apresentar na escola. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Mais do que apresentações com foco cultural e lúdico, os jovens dessas unidades citam a oportunidade de levarem para os colegas, temas relevantes que não são trabalhados com frequência nos seus espaços escolares.

A gente sempre vai no 18 de maio, que é uma ação que fazemos todo ano, contra o abuso sexual de crianças e adolescentes. Então, além de ter essa coisa cultural, passa essa mensagem de denunciar, coisa que às vezes na escola mesmo não tem essa informação; e a gente consegue passar essa informação, que é muito importante nas escolas, com a nossa apresentação. (Grupo focal com jovens, Araucária)

A gente também leva vários assuntos para as escolas, que as vezes não é conversado em rodas de conversas nas escolas, através de teatro, dança, da música, e era algo que mexia na cabeça desses alunos e fazia com que a escola fizesse uma roda e conversasse com eles também. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

A coordenadora de Araucária também apontou a boa relação com as escolas do entorno:

Essa escola aqui ao lado mesmo, a gente tem uma parceria maravilhosa, porque a gente atende os meninos da escola. E quando nós trabalhamos com processo de conscientização sobre o 18 de maio, que é o dia nacional de combate ao abuso de crianças e adolescentes, a gente faz um arrastão cultural. Esse arrastão a gente passa durante uma semana por seis ou sete escolas. Fora isso tem conferência da educação na secretaria municipal de educação, a gente participa como produtores de cultura, então a gente leva uma apresentação, mas mostrando aos nossos educandos, para entendam do que se trata o evento e o que isso pode reverberar na vida deles, então a gente tem uma parceria muito próxima com as escolas. (Entrevista com coordenador, Araucária)

Por outro lado, entre os jovens das unidades de Heliópolis e de Volta Redonda, a escola aparece como um universo bastante apartado do projeto. Particularmente, chama a atenção, em Volta

Redonda, a percepção de como a escola e os jovens poderiam se beneficiar com a introdução de atividades diferenciadas e menos tradicionais, que costumam vigorar em muitas das escolas.

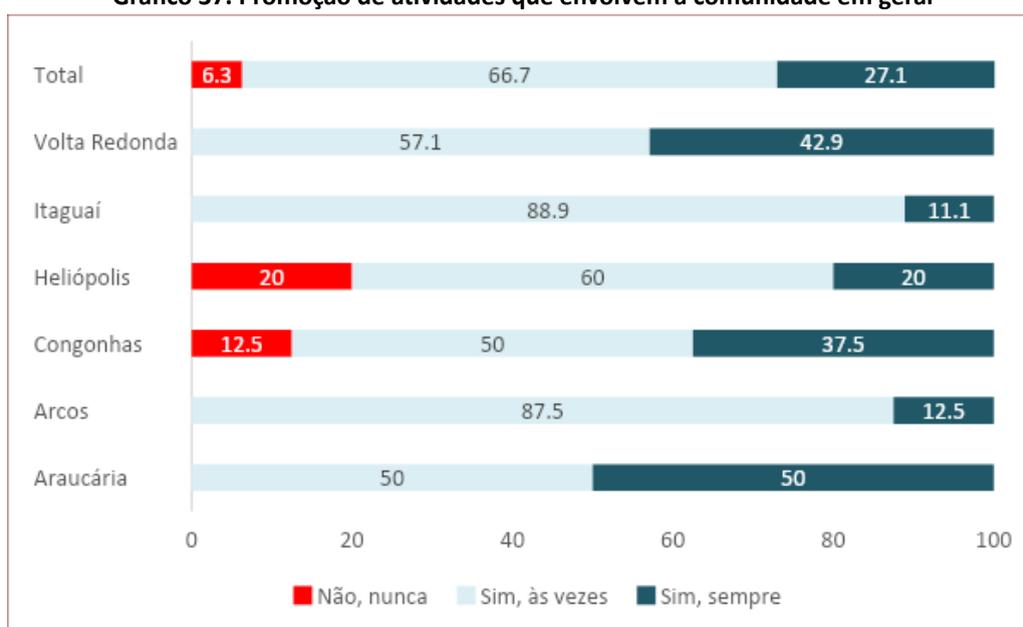
O projeto e a escola é como se fossem âmbitos diferentes, são bem desligados um do outro. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Faltam atividades culturais nas escolas. Escola é uma coisa bem maçante, é matéria, prova, é cansativo, e principalmente pra adolescente, porque tudo pra gente é emoção mais forte, agora, preciso disso pra agora. Eu acho que falta um pouco, nas escolas, eles tentarem amenizar um pouco dessa coisa maçante assim, trazendo cultura. (...) [falta] essa coisa de ter um contato diferente na escola, de não ser só, eu vou na escola pra estudar sempre; [falta] ter uma atividade cultural, ter uma roda de conversa, ter alguma coisa que chame atenção do jovem e traga ele pra escola. Seria muito bom, entende? (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

6.4.3. Relação com a comunidade

Não é perceptível uma distinção clara em relação as atividades dirigidas aos pais (predominantemente eventos e apresentações tratados acima), das que são dirigidas para as comunidades em geral. Para a maioria dos educadores elas são propostas “às vezes”. Se observadas as unidades distintamente, Araucária e Volta Redonda são as que desenvolvem este tipo de atividade com mais frequência.

Gráfico 37. Promoção de atividades que envolvem a comunidade em geral



Tem uma coisa que são as ações: a gente realiza as atividades de vídeo, vai para o centro, aí eles vão apresentar na Lapa ou em Curitiba, mas a prioridade sempre é aqui na comunidade onde eles pertencem. Então eu acho que isso facilita bastante essa relação dos pais, da comunidade, com o projeto. (Grupo focal com educadores, Araucária)

As apresentações culturais são as atividades oferecidas com mais frequência, para mais da metade de educadores de todas as unidades, exceção para Heliópolis onde também parecem não acontecer os concertos itinerantes e as apresentações do caminhão.

Tabela 53. Tipo de atividade – comunidade - Educadores

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Concerto itinerante	Nunca		25	37,5	60	11,1	28,6	29,2
	Às vezes		62,5	50	40	77,8	42,9	47,9
	Sempre	100	12,5	12,5		11,1	28,6	22,9
Caminhão	Nunca		25	50	70	11,1	42,9	35,4
	Às vezes	66,7	50	25	30	66,7	42,9	45,8
	Sempre	33,3	25	25		22,2	14,3	18,8
Apresentações culturais	Nunca		12,5		30			8,3
	Às vezes	16,7		37,5	60	33,3	42,9	33,3
	Sempre	83,3	87,5	62,5	10	66,7	57,1	58,3
	Total (NA)	6	8	8	10	9	7	100

Educadores citam ainda em resposta aberta: atuação nos Conselhos, rodas de conversa em parceria com Fórum da Juventude, apresentações de filmes, eventos em geral.

Os eventos abertos ao público e as apresentações em geral são a principal estratégia para o envolvimento das comunidades, ou convidando para o espaço próprio, ou realizando externamente em parceria com outros atores. Entretanto, a maioria deles foi suspensa durante a pandemia.

Nós temos muitas apresentações, tem ano que a gente tem mais de 30 eventos... (...) tem as apresentações por áreas, a semana da dança, semana da música, apresentações da música, os concertos, tem o festival de talento que abrange todas as áreas, já tivemos festival de

cenar curtas, Sarauê, tem as apresentações individuais e tem as apresentações que a gente faz juntando as apresentações individuais numa apresentação maior (Grupo focal com educadores, Congonhas).

Fazemos parte da programação cultural da cidade, um apoio grande da Secretaria da Cultura. Ano que vem a gente vai pisar um pouco mais no freio, mas não tem jeito, a gente faz e às vezes faz até demais. (Grupo focal com educadores, Congonhas).

Geralmente a gente procura envolver a comunidade nos eventos que a gente faz aqui. O nosso propósito é trazer a comunidade para esse espaço, que vai ser um espaço de um centro cultural, então durante o ano a gente desenvolve apresentações aqui, concertos, chamamos os pais, convida a comunidade, até porque mesmo a comunidade é meio conflagrada, então é difícil ficar circulando com os educandos, então a gente coloca como ponto aqui o nosso espaço cultural para trazer as pessoas para o Projeto (Grupo focal com educadores, Itaguaí).

Envolve a comunidade, porque é aberto ao público, envolve escolas, posto de saúde, CCAA, envolve uma gama enorme de 10, 15, 20 mil pessoas, a Caminhada da Paz, por exemplo. É um momento da visibilidade, de potencializar as linguagens e tudo isso, e também desarticulou. Aí você pensa: o que podemos fazer de teatro, de grafite, de música? Como podemos potencializar isso? Os eventos que temos na comunidade, a pandemia, com todas as restrições, meio que também engessou (Grupo focal com educadores, Heliópolis).

Especificamente o bairro residencial Guálter Monteiro que está localizado bem abaixo da barragem da CSN, que é motivo de muita especulação, da sociedade, da comunidade. Elas têm muito receio... e é um ponto de atrito entre a CSN e a comunidade. Então a gente procura levar ações para lá, inclusive a gente tem um braço do Garoto Cidadão, que é o Garoto da Comunidade, que a gente leva alguns educadores e faz o atendimento in loco com as crianças de lá. E outro local é o Pires, que é um bairro também, bastante impactado pela mineração e a gente também faz esse Garoto Cidadão Pires e já levamos o caminhão para lá também. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

Embora não em todas as unidades, o caminhão itinerante foi também citado como umas das ações que cumpriam o papel de envolver as comunidades e estabelecer parcerias.

Olha o caminhão é muito, muito importante pra gente, porque ele é as rodas do Garoto, é um palco totalmente independente, então a gente tem a possibilidade de fazer tudo que a gente faz no teatro, que é um lugar que infelizmente é elitizado, a gente não atinge todo mundo no teatro municipal aqui, por exemplo, e o caminhão atinge. (Entrevista com coordenador, Arcos)

Normalmente, a gente leva a orquestra. (...) A gente também já convidou parceiros, por exemplo, em uma ocasião a gente já levou o caminhão para Praça da Rodoviária aí a gente levou a Biblioteca Comunitária da Cidade, a gente fez uma praça de leitura e aí depois a gente fez uma atração cultural então a gente consegue também levar parceiros para ocupar o palco do caminhão. (Entrevista com coordenador, Congonhas)

Em parceria com a Prefeitura, tinha apresentações do Garoto Cidadão, mas também de projetos da cidade também. Projeto de dança de escola, da Bamita, que é banda da cidade, da Escola Chiquinha Gonzaga, que é o pessoal de canto e coral. A gente sempre achou proveitosa quando o caminhão esteve aqui, mas não foi proveitosa como poderia ser (...). Nem sempre essa parceria foi aproveitada 100%. Então tiveram vezes que a divulgação não foi tão boa, então o público também não teve muito presente. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

A Fundação tem um caminhão... a gente faz muita apresentação no caminhão e leva e usa isso, com as parcerias. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

E também tem o Caminhão da Fundação, agora está meio parado por causa da pandemia. Rodava as unidades e era uma oportunidade também que a gente tinha para levar as apresentações, levar a garotada para fazer apresentações nas comunidades, tanto aqui dentro da cidade como fora, que também envolvia todas as áreas. E era uma atividade muito bacana, o pessoal gostava bastante. (Grupo focal com educadores, Arcos)

No caminhão Circula Brasil, sim, nós já fizemos o Menino Narigudo, em 2019, depois tivemos a orquestra tocando no caminhão, e aí agora o caminhão não está por aqui por conta da pandemia. (Entrevista com coordenador, Araucária)

Solicitados a falar sobre as apresentações e a relação do projeto com a comunidade nos grupos de discussão, os **jovens** também indicam que as apresentações, no período anterior à pandemia eram frequentes, envolvendo, no geral, mais de uma linguagem.

Antes da pandemia era frequente, a gente fazia quase todo mês. (...) Todo mês tinha apresentação, ou de 15 em 15 dias, sempre fazia alguma coisinha. Tinha mais apresentações, exposições, fazia livros, panfletos, bem legal, eu gostava. (...) Todas as especialidades ensaiam uma temática da apresentação, igual teve o Michael Jackson, aí, no final, junta todas as especialidades e apresenta o espetáculo junto. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

A gente faz [apresentação] de todas as oficinas: circo, música, dança, teatro, mas a gente não faz uma só de dança, ou só de música, é tudo junto e misturado. (...) É, tipo sessões, tem umas que são especializadas em dança, mas aí tipo teatro, no meio de teatro tem dança e música, essas coisas. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

Citam, como exemplos, várias apresentações no “caminhão” e outras atividades como: caminhada da paz, 18 de maio, ‘Foliópolis’ / Heliópolis, ‘subida da ladeira’ / Congonhas, entre outras.

A gente faz também a caminhada da paz, o foliópolis, às vezes também a gente vai para o CEU Heliópolis e faz lá a apresentação. (...) Na caminhada da paz, a gente se apresentou em cima do caminhão. (...) Foi dança e música. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

A gente fez música e um vídeo clipe, sobre o dia 18 de maio, um combate contra exploração sexual de crianças e adolescentes. (...) Foi [legal], porque é pra meio que manifestar e

incentivar as pessoas que sofrem os abusos, a ligar para o 100, disque 100. // É um número de ajuda contra o abuso sexual. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

Tal como os educadores, também conferem um papel relevante às apresentações para o público das localidades. Consideram que esses eventos são uma forma de mostrar o que fazem para pessoas de áreas vulneráveis e com pouco acesso a atividades culturais; e de trazerem, para elas, conhecimentos novos sobre a cultura local.

O projeto já teve apresentações no meu bairro. (...) Eu acho isso positivo no projeto, ele chega em comunidades, chega em lugares assim, porque maioria se você perguntar aqui, mora em comunidade, mora em [lugar de] classe média baixa, e então isso de ter, de conseguir alcançar esses lugares, que são pequenos, mais pobres, que são carentes desse tipo de atividade é muito bom, ele vai até espaços e lugares que realmente precisam. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

[A gente mostra] as culturas que são da cidade. Aí a gente sobe [a ladeira], fazendo apresentações, de teatro, dança, cada pedacinho que anda já tem outra apresentação. (...) Igual teve a que subiu a ladeira da matriz Nossa Senhora Conceição, a gente pegou as histórias de cada morador, que eram muito antigas, e são pessoas conhecidas, que faziam danças, músicas, e a gente fazia uma entrevista com essas pessoas e conhecia melhor sobre elas, e assim formava uma rede cultural muito interessante, a cidade conhecendo ainda mais esses artistas que estão dentro dela, e eles também conheciam a gente. Conhecimento de cultura. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Nesse dia do trenzinho, a coordenadora fez questão de não passar só no centro da cidade, passar dentro da comunidade mesmo, que é onde a gente mora, pra mostrar que esses lugares também são importantes, de levar cultura. Então a gente vai muito na comunidade, eu acho que principalmente a nossa mensagem assim, a nossa arte, passa mais pela comunidade onde a gente mora, do que em lugares mais grandiosos, digamos assim. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Ainda, veem-se trazendo visibilidade ao Projeto e, com isso, dando oportunidade para que novos jovens se agreguem.

É bem bacana as pessoas ficam muito interessadas em saber como funciona, é um sentimento muito bom, de gratidão e é bem legal. (...) Eles fazem muitas perguntas, querendo conhecer, (...) Aí eles perguntam muito, porque o uniforme é azul, de onde é o nome, aí eu falo, pelo amor de deus, chega! (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Aparentemente são os eventos e apresentações culturais o eixo central do trabalho com famílias, escolas e comunidades, o que foi impactado pela pandemia. As demais estratégias possíveis como reuniões, concertos itinerantes, atividades articuladas com o poder público, para citar algumas,

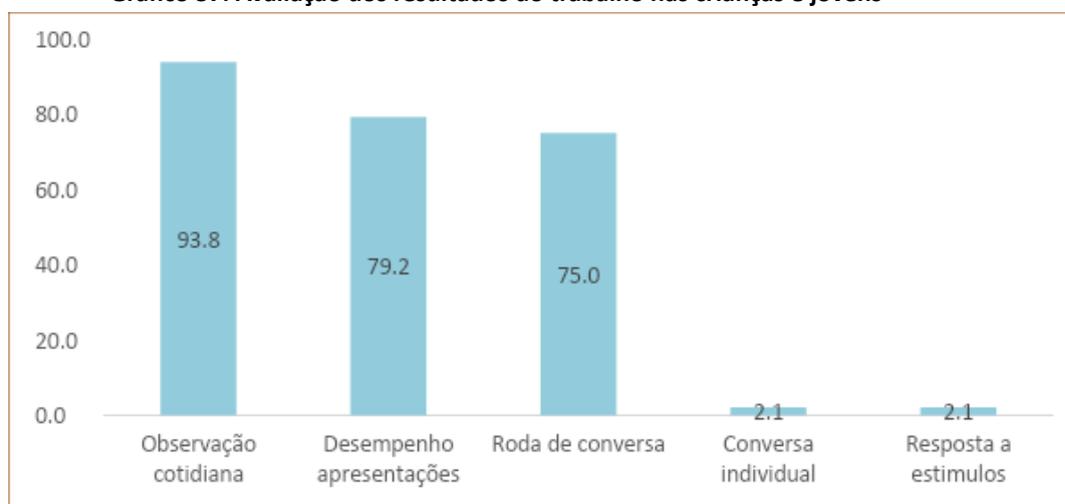
não parecem consolidadas em todas as unidades. As apresentações cumprem diferentes objetivos, além do vínculo com estes atores, impactando no desenvolvimento socioemocional dos estudantes de forma significativa. Algumas unidades relatam avanços no trabalho com as famílias e escolas que poderiam servir de referência para as demais.

7. Processos avaliativos

7.1. instrumentos e usos da avaliação pelos educadores

A maioria dos educadores avalia os resultados do trabalho nas crianças e jovens por meio da observação cotidiana, desempenho nas apresentações e durante as rodas de conversa. Conversas individuais e respostas a estímulos são raramente utilizados como meios de avaliação.

Gráfico 37. Avaliação dos resultados do trabalho nas crianças e jovens

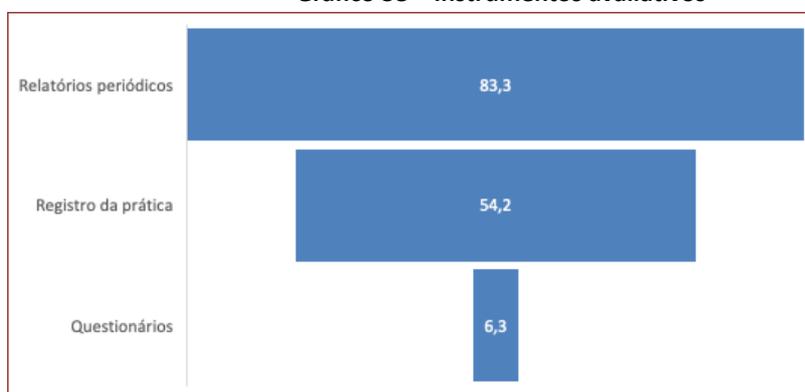


Como instrumentos avaliativos destacam os relatórios periódicos e registros da prática. Instrumentos mais estruturados, como questionários, são raramente utilizados.

É relatório, temos que entregar relatórios que permite você fazer uma avaliação, mediante atividades que você aplicou. Se ela foi desenvolvida, ou que devolutiva teve, e como essa devolutiva se apresentou, eu acho que isso já é um parâmetro de avaliações, e nas reuniões, com a própria coordenação, você faz uma avaliação em alguns casos individualmente bem

especiais, porque exigem um certo olhar devido a um comportamento x, uma necessidade que você sentiu necessidade de falar, eu acho que avaliação vem nesse sentido, formalmente no relatório e verbalmente nas reuniões com o coordenador. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Gráfico 38 – Instrumentos avaliativos



Educadores citam ainda como procedimentos avaliativos o constante diálogo educador/ educando, conversas com responsáveis e com a equipe de educadores, devolutivas das atividades e estudos de caso em reunião de equipe.

Participantes dos grupos focais destacam a importância de uma perspectiva ampla e processual, avaliando o estudante em relação a ele mesmo e o conjunto de suas conquistas.

A avaliação é muito progressiva e ampla, porque cada aluno vai corresponder a uma atividade, um processo, de acordo com a sua experiência, por mais que exemplifiquemos com textos diversos, o aluno vai absorver aquilo de acordo com o cotidiano dele, com a vivência dele. Então especialmente na música como a gente avalia o aluno, é nesse progresso que ele faz dentro do seu instrumento. Se ele por ora pode desenvolver uma parte, retroceder em outra, mas a gente sempre avalia se ele conseguiu compreender e passar por esse processo de uma forma eficaz. Aquilo está sendo solidificado ao longo das

aulas? Isso a gente repensa, a gente discute, conversa e se autoavalia. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

A gente sempre compara o educando só com ele mesmo, isso é bem básico de não botar em comparação, você e o outro, né? Você está vendo como ele está dançando, e ele dança muito melhor, a gente compara com ele no ano passado. Ele com ele no semestre passado, e traz as reflexões que eles mesmos possam se avaliar, e isso sempre funciona de forma mais informal, como não é educação formal, não tem prova, avaliação escrita, trabalho pra entregar, mas a gente trabalha sempre com a pedagogia da roda de olhar no olho, de conversar, fazer roda de conversa, falar sobre o processo. (Grupo focal com educadores, Araucária)

A avaliação é muito complexa porque a gente trabalha num projeto que é um projeto envolvente e oferta para o nosso educando uma variedade de atividades, então a gente vai avaliar o interesse, o desenvolvimento, não apenas o resultado. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Sobre a avaliação, eu posso falar muito como educador também, porque quando a gente consegue ver uma criança quando ela entra no Garoto e quando ela sai do Garoto, e o quanto as ações culturais impactaram. Então eles ganham um senso de responsabilidade muito grande. Eu posso falar por um projeto que eu realizei, por exemplo, que eu não precisava estar junto com eles, para eles realizarem o projeto, eles eram extremamente autônomos. Então eu acho isso muito importante, ele só tem essa autonomia que a gente fala no Garoto Cidadão. É através dos processos de apresentações que realmente eles mostram a autonomia deles, é ali que eles assumem a responsabilidades e a gente fica como coadjuvantes. Então esse desenvolvimento da criança durante as apresentações é um processo, então ali você consegue entender que eles vão se desenvolvendo... (Entrevista com coordenador, Arcos)

Nesta perspectiva processual, atribuem grande importância à autoavaliação tanto do educador, quanto do estudante.

Eu acho muito complicado a gente avaliar a arte de uma forma geral assim. Na parte da música quando você vai avaliar a questão teórica é muito mais fácil, ver se o aluno conseguiu compreender, captar. Mas é ainda mais importante ver se você buscou outras formas de fazer com que ele entendesse. É importante avaliar os processos e se autoavaliar. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

A nossa linguagem ela é muito subjetiva, então ela não é exata como a matemática, então é muito mais um processo de autoavaliação enquanto educador do que realmente avaliação do educando. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Se está desmotivado, vem meu alerta, eu entro em pânico, aí começo a rever o que eu estou fazendo (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Até porque também acho que a própria criança sente. Vamos supor, se ela está fazendo, vou dizer na minha área, está ali cantando um solo e aí ela sente que o outro solista se dedicou mais para aquilo. Ele próprio vai falar: “Ah professora, eu quero fazer outra parte” ou “não estou me sentindo confortável”. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda).

Salientam que a **avaliação no campo das artes**, para além da questão teórica, não é uma tarefa simples, **depende muito da observação do educador**, tanto em relação aos avanços do aluno, quanto em relação ao seu próprio papel na condução das atividades. Destacam que a apresentação final é um momento importante no processo avaliativo.

Nós educadores temos o olhar sobre como está o desenvolvimento de cada um e a gente vê isso também ao longo do tempo, ao longo dos anos. A gente evita algum tipo de constrangimento avaliativo. Então fica muito mais no nosso olhar, então a gente dialoga muito sobre isso e deixa eles também perceberem que está precisando melhorar, mas o tempo inteiro também a gente está – Olha, pode ser melhor. E aí, o que você acha? (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

As nossas oficinas são muito práticas, uma aula prática é uma avaliação a todo instante. E com isso a gente consegue observar e identificar o que a criança já aprendeu. O que ela precisa de um reforço. O que dá para acrescentar a mais de conteúdo. Se dá para ir mais rápido, se dá para ir mais devagar. Então eu acho que isso é um ponto positivo de uma aula de uma oficina prática e não só teórica. (Grupo Focal com educadores, Arcos)

Como a gente não tem série, assim, não tem a graduação, não tem uma avaliação específica. É claro que a nossa observação vale muito para saber, por exemplo, se está apto ou não a frequentar a especialidade, que tem todas as questões, no caso da música, por causa desses meninos que já se tornaram bolsistas a gente tem avaliação mais específica de teoria, de recital e tudo mais, mas eu acho que a apresentação final deles é sempre uma grande avaliação do processo. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

Audição de música, por exemplo, é um processo de avaliação, mas tem a ver com a sua formação como artista, mais do que desempenho. O aluno avança em algumas coisas e retrocede em outras, então é um processo de avaliação constante. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Alguns educadores entrevistados citam instrumentos como o *Google Forms* como adequados para uma avaliação mais estruturada e reiteram a importância das rodas de conversa e dos jogos para a avaliação da parte teórica, destacando a importância dos resultados quantitativos, além dos qualitativos.

Eu gosto de fazer Quizz. É algo que eu gosto muito. No formulário do Google, inclusive um sobre fotografia. Então eu estou sempre fazendo uma avaliação para ver o que eles estão assimilando, pelo menos dessa especialidade eu costumo fazer. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

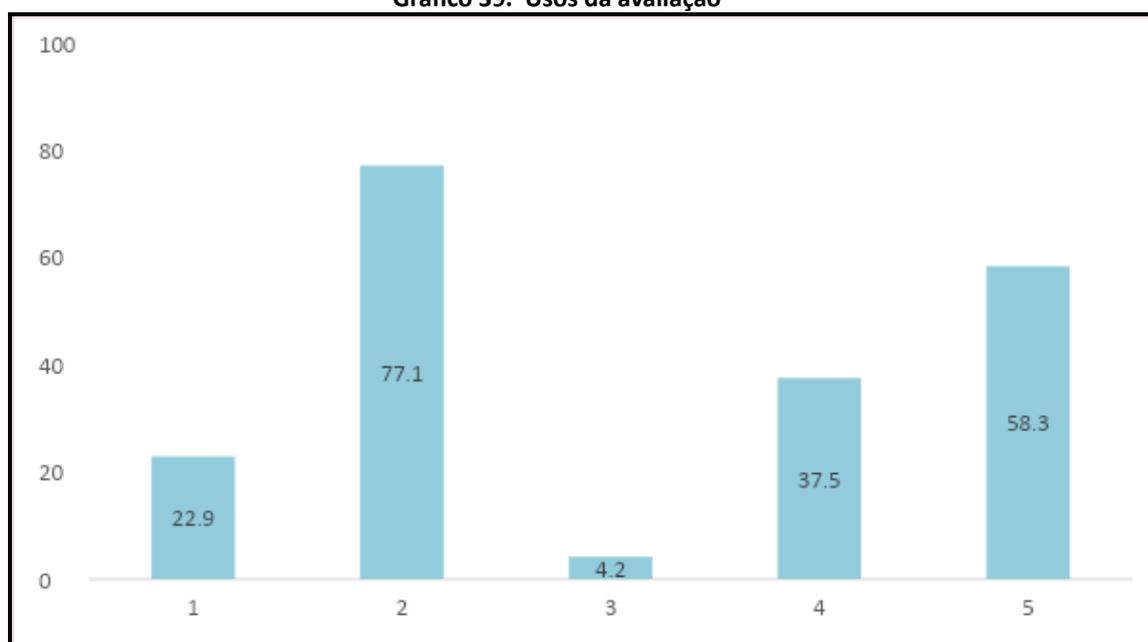
E feita através de debates que a gente faz com Roda de Conversas. (Grupo focal com educadores, Arcos)

E no final de cada módulo a gente fez atividades avaliativas que são bem lúdicas, na verdade. A gente propôs gincanas, jogos para que a gente consiga avaliar essa parte conceitual da criança, essa parte mais teórica, sem que seja essa coisa meio maçante, de

vamos sentar e fazer uma prova, ou seja lá o que for. Mas a proposta é essa, a gente ter também, além dessa avaliação do dia a dia com as crianças, a gente ter uma avaliação mais formal, um momento de avaliação para a gente ter um qualitativo, um quantitativo igual para cada criança, fazer uma estimativa. (Grupo focal com educadores, Arcos)

Sobre os usos dos resultados avaliativos na prática pedagógica, a maioria dos educadores os utiliza para a reflexão sobre o planejamento e a prática pedagógica, e, em menor grau, para discutir com os colegas.

Gráfico 39. Usos da avaliação



Os procedimentos utilizados pelos educadores para avaliar a sua prática educativa e os resultados nos estudantes são essencialmente processuais, o que é coerente com os pressupostos pedagógicos que adotam. Trata-se de observação constante, cotidiana e durante as apresentações finais, tanto sobre os resultados nas crianças e jovens, quanto em relação à própria prática, além de constante diálogo educador/educando. Entre os instrumentos utilizados pela maioria, nota-se

principalmente os relatórios. Há algumas manifestações que sugerem a necessidade de instrumentos mais estruturados que possam contemplar também a dimensão quantitativa da análise avaliativa, bem como a sistematização dos resultados qualitativos. Vale indagar se, em sendo a avaliação pautada pela observação, não seria importante a existência de um instrumento que orientasse o conjunto dos educadores e produzisse resultados mais coletivos, como, por exemplo, um roteiro de observação.

7.2. Autoavaliação dos educadores

Avaliando o próprio papel e desempenho no Garoto Cidadão, a grande maioria dos educadores é extremamente positiva, considerando que possuem a competência necessária, que estão fazendo diferença na vida dos estudantes, que estudantes estão envolvidos nas atividades, e que gestores e pais apreciam o trabalho que realizam.

Tabela 54. Autoavaliação dos educadores (%)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Tenho a competência necessária para este trabalho.	Concordo parcialmente			12,5	20	33,3		12,5
	Concordo totalmente	100	100	87,5	80	66,7	100	87,5
Sinto que estou fazendo uma diferença educacional significativa na vida das crianças/jovens.	Concordo parcialmente	16,7	12,5		10	22,2		10,4
	Concordo totalmente	83,3	87,5	100	90	77,8	100	89,6
Consigo perceber o envolvimento e crescimento das crianças/jovens nas atividades.	Concordo parcialmente	16,7			20	22,2	14,3	12,5
	Concordo totalmente	83,3	100	100	80	77,8	85,7	87,5
Sinto que as crianças/jovens apreciam o meu trabalho e me respeitam como profissional.	Concordo parcialmente	16,7	25	12,5	40		14,3	18,8
	Concordo totalmente	83,3	75	87,5	60	100	85,7	81,3
Sinto que os pais apreciam o meu trabalho e me respeitam como profissional.	Discordo totalmente				20			4,2
	Concordo parcialmente	16,7	12,5	12,5	50	11,1	28,6	22,9
	Concordo totalmente	83,3	87,5	87,5	30	88,9	71,4	72,9
Sinto que o gestor aprecia meu trabalho e me respeita como profissional.	Concordo parcialmente	16,7	12,5		30		14,3	12,5
	Concordo	83,3	87,5	100	70	100	85,7	87,5

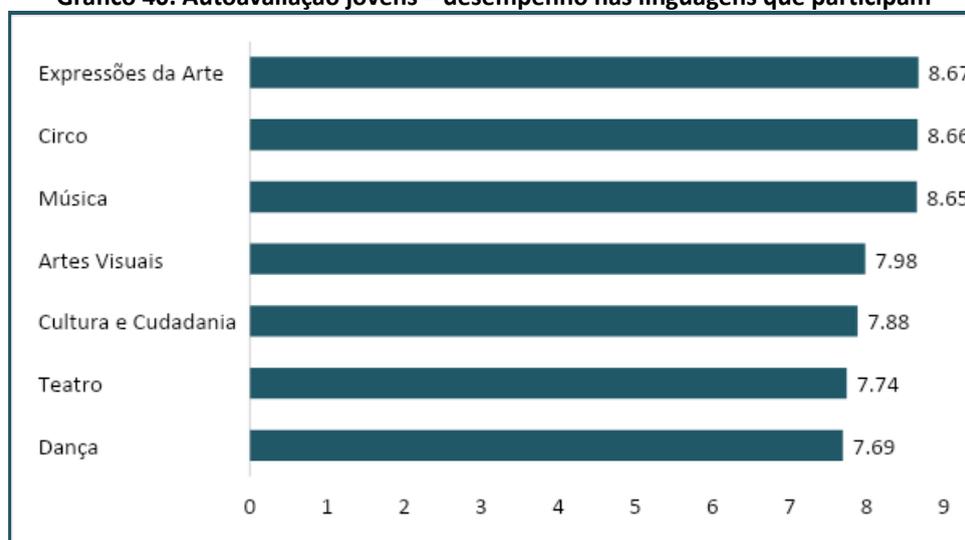
	totalmente							
	Total	6	8	8	10	9	7	100

7.3. Autoavaliação dos educandos

Os jovens atribuem notas aos seus desempenhos no Projeto, avaliando cada uma das linguagens nas quais participam.

As médias das notas, que refletem suas autoavaliações, variam de 7,69, em dança, a 8,67, em expressões de arte.

Gráfico 40. Autoavaliação jovens – desempenho nas linguagens que participam



Os jovens de Heliópolis e Itaguaí são os que avaliam com mais criticidade o seu próprio desempenho, tendendo a influenciar as médias das modalidades de teatro e dança. Nota-se,

ainda, em Itaguaí, na modalidade expressões da arte, a média mais reduzida comparativamente aos demais.

Por fim, especificamente em Congonhas, os jovens também se avaliam com mais criticidade nas modalidades Artes Visuais e Cultura e Cidadania.

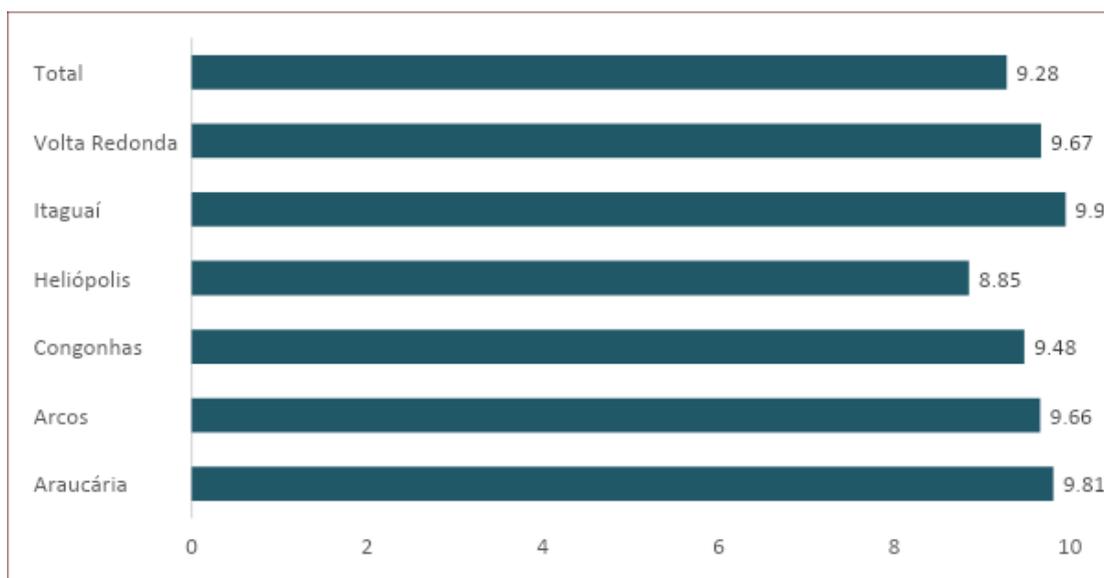
Tabela 55. Autoavaliação dos jovens sobre seu desempenho (médias ponderadas)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Teatro	8,64	7,43	8,79	7,06	7,27	8,79	7,74
Dança	8,55	9,45	9,33	7,38	7,8	8,64	7,69
Música	9,65	9,83	8,65	8,04	8,06	9,09	8,65
Expressões da Arte	8,73	8,29	9,06		6	8,86	8,67
Artes Visuais	9,33	8,83	6,28	7,94	7,5	NR	7,98
Cultura e Cidadania		8	7,54	7,83	7,88	8,19	7,88
Circo					8,66		

7.4. Avaliação dos educadores pelos jovens

A percepção dos jovens em relação aos seus educadores é extremamente positiva e se reflete nas notas de 0 a 10 que atribuem aos seus educadores. Os resultados beiram a excelência.

Gráfico 41. Média das notas dos educadores em todas as unidades



As notas atribuídas aos educadores de cada uma das linguagens distribuídas pelas unidades encontram-se como anexo 6 deste relatório, sendo todas elas superiores a 8,5.

Fica ainda ressaltada a percepção de que os educadores possuem domínio das linguagens que ministram, agregando ensinamentos e valores que levam para toda a vida, entre os quais responsabilidade e respeito à diversidade.

Eu acho que todos eles têm preparação pra lidar com a gente, tanto no sentido pedagógico, como no sentido de conversar, se comunicar e tal, mas eu vejo que todos têm preparação para os que eles ensinam. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Eles ensinam a gente a viver, a ter respeito com todo mundo, ao que acontece lá fora, origem, cultura diferente, eles ensinam várias coisas pra gente. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Eles ensinam várias coisas, em meio de uma especialidade, tipo, no teatro, você aprende a ser comunicativo, eles te ensinam coisas que o mundo não vai te ensinar, que você não vai aprender lá fora, que nem no DHC no avançado, você aprende que tem que ser responsável, que precisa ser compreensivo, aprende não só sobre a área salarial, do seu emprego, do seu futuro, você aprende coisas que o mundo não vai te ensinar lá fora. Então isso é muito bom. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Além dessas, outras qualidades, que ultrapassam o domínio das linguagens, são ressaltadas: paciência, dedicação, persistência...

Eles têm paciência quando a gente não entende alguma coisa, eles voltam e repetem, perguntam se a gente entendeu e tudo mais. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

Eles são persistentes com a gente, eles propõem, pra gente aprimorar mais. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Tipo eles ensinam muito bem, porque eles ensinam com muita paciência, se você tiver dúvida, você pode voltar lá, eles vão explicar quantas vezes for necessário, isso é muito bom, porque não é com todo mundo que você se sente confortável pra poder falar, eu não entendi. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

... e uma boa dose de bom humor, sem que se eximam de levarem a sério o trabalho que fazem e “puxar orelhas”, se necessário.

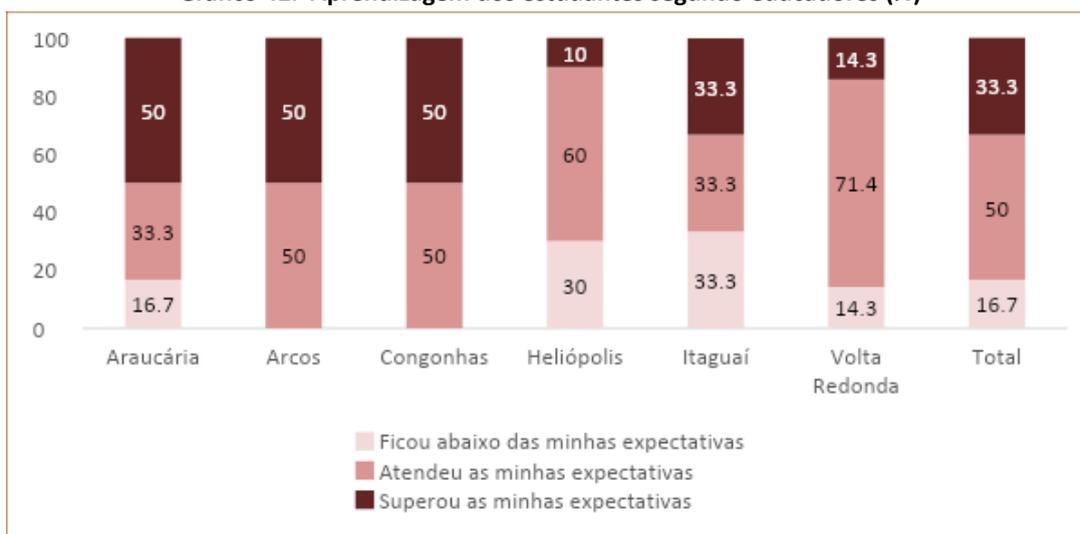
Eles são divertidos também, ao mesmo tempo falam sério, puxam orelha de vez em quando. (...) O pessoal aqui é tudo gente boa, tem o Daniel, Moises, são os dois irmãos, nossa, pensa numa pessoa que brinca com a gente. Eles brincam muito, na hora de falar sério, fala sério, é muito legal. (Grupo focal com jovens, Arcos)

7.5. Avaliação dos jovens: o que gostam e o que não gostam no projeto

Foi solicitado aos jovens que indicassem as duas coisas que mais gostam e que menos gostam no projeto. Entre as que mais gostam estão os educadores, as aulas, as linguagens e as

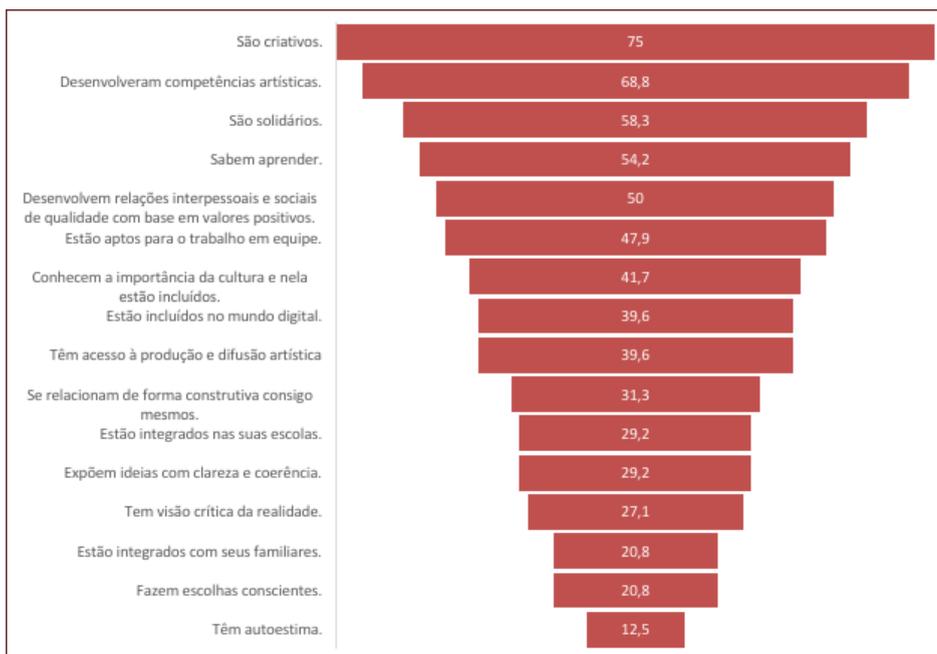
No que se refere ao processo de aprendizagem dos estudantes, de uma maneira geral, metade dos educadores avalia que atendeu às suas expectativas. Entretanto, se observado por unidade, 50% dos educadores em Araucária, Arcos e Congonhas consideram que superou suas expectativas. Em Heliópolis e Itaguaí encontramos os maiores percentuais (30% e 33%) de educadores que avaliam que as aprendizagens ficaram abaixo das suas expectativas.

Gráfico 42. Aprendizagem dos estudantes segundo educadores (%)



A maioria dos educadores considera que apenas **quatro** dos 16 indicadores listados no gráfico abaixo são resultados “sempre encontrados”: as crianças e jovens são criativos, desenvolveram competências artísticas, são solidários e sabem aprender. Os demais ocorrem predominantemente “às vezes”. Chama a atenção o pequeno percentual de “sempre têm autoestima” (17,5%)

Gráfico 43. Resultados nas crianças e jovens segundo educadores (% de sempre)



As tabelas abaixo mostram os mesmos indicadores por unidade. Em relação aos resultados ligados ao autoconhecimento e autoestima, para a maioria dos educadores eles são notados “às vezes”. Os maiores percentuais de “nunca ocorrem” estão em Heliópolis.

Tabela 56. Resultados nas crianças e jovens – Autoestima e autoconhecimento(%)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Se relacionam de forma construtiva consigo mesmos.	Nunca				10			2,1
	Às vezes	66,7	62,5	62,5	80	66,7	57,1	66,7
	Sempre	33,3	37,5	37,5	10	33,3	42,9	31,3
Têm autoestima.	Nunca				20			4,2
	Às vezes	83,3	87,5	100	70	88,9	71,4	83,3
	Sempre	16,7	12,5		10	11,1	28,6	12,5

No conjunto de indicadores ligados ao pensamento crítico e criativo, bem como a capacidade de fazer escolhas conscientes, a maioria em todas as unidades avalia que os estudantes “sempre” são criativos, e “às vezes” fazem escolhas conscientes. Com exceção de Araucária que considera quem

eles “sempre” têm visão crítica da realidade, as demais unidades avaliam que isso ocorre apenas “às vezes”.

Tabela 57. Resultados nas crianças e jovens – pensamento crítico e criativo(%)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Tem visão crítica da realidade.	Nunca	16,7						2,1
	Às vezes	16,7	87,5	75	70	77,8	85,7	70,8
	Sempre	66,7	12,5	25	30	22,2	14,3	27,1
Fazem escolhas conscientes.	Às vezes	83,3	75	87,5	70	88,9	71,4	79,2
	Sempre	16,7	25	12,5	30	11,1	28,6	20,8
São criativos.	Às vezes	33,3	25	37,5	10	22,2	28,6	25
	Sempre	66,7	75	62,5	90	77,8	71,4	75

Considerando resultados relativos à capacidade de trabalho em equipe, à qualidade das relações interpessoais, solidariedade e habilidade na comunicação interpessoal é observável maior diversidade nas opiniões dos educadores entre as unidades: Itaguaí e Volta Redonda apresentam os maiores percentuais de “sempre” para todos os indicadores; Araucária para o trabalho em equipe e solidariedade; Arcos e Congonhas para a capacidade dos jovens de serem solidários. Os menores percentuais de sempre ocorrem são encontrados em Heliópolis.

Tabela 58. Resultados nas crianças e jovens – relações interpessoais e relacionais (%)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Desenvolvem relações interpessoais e sociais de qualidade com base em valores positivos.	Às vezes	50	62,5	50	60	33,3	42,9	50
	Sempre	50	37,5	50	40	66,7	57,1	50
Estão aptos para o trabalho em equipe.	Nunca	16,7			10			4,2
	Às vezes		50	50	80	33,3	57,1	47,9
	Sempre	83,3	50	50	10	66,7	42,9	47,9
Expõem com clareza e coerência suas ideias.	Às vezes	50	75	87,5	70	66,7	71,4	70,8
	Sempre	50	25	12,5	30	33,3	28,6	29,2
São solidários.	Às vezes	33,3	25	37,5	80	33,3	28,6	41,7
	Sempre	66,7	75	62,5	20	66,7	71,4	58,3

Sobre o desenvolvimento da capacidade dos jovens em aprender, o “saber aprender”, nota-se que, para os educadores, ele ocorre “sempre” em Araucária, Itaguaí e Volta Redonda. Nas demais

unidades é observado apenas “às vezes”. Vale destaque que, em todas as unidades, os educadores avaliam que as competências artísticas foram desenvolvidas, entretanto, apenas em Araucária e Volta Redonda, os estudantes “sempre” conhecem a importância da cultura e nela estão inseridos e “sempre” têm acesso à produção e difusão artística.

Tabela 59. Resultados nas crianças e jovens – desenvolvimento de competências (%)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Sabem aprender.	Nunca	16,7						2,1
	Às vezes	16,7	62,5	50	50	44,4	28,6	43,8
	Sempre	66,7	37,5	50	50	55,6	71,4	54,2
Desenvolveram competências artísticas.	Às vezes	16,7	25	37,5	40	33,3	28,6	31,3
	Sempre	83,3	75	62,5	60	66,7	71,4	68,8
Conhecem a importância da cultura e nela estão incluídos.	Nunca	16,7						2,1
	Às vezes	16,7	75	62,5	70	55,6	42,9	56,3
	Sempre	66,7	25	37,5	30	44,4	57,1	41,7
Têm acesso à produção e difusão artística.	Nunca	16,7	12,5	0	0	0	14,3	6,3
	Às vezes	16,7	50	50	90	66,7	28,6	54,2
	Sempre	66,7	37,5	50	10	33,3	57,1	39,6

Por fim, avaliação dos educadores de que o projeto proporciona “às vezes” maior integração dos estudantes com familiares, escolas, e mundo digital (tabela 60). Apenas em Congonhas a maioria dos educadores, apontam que o projeto propicia “sempre” maior integração com as escolas e com o mundo digital.

Tabela 60. Resultados nas crianças e jovens – integração social (%)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Estão integrados com seus familiares.	Nunca				10			2,1
	Às vezes	100	87,5	62,5	80	66,7	71,4	77,1
	Sempre		12,5	37,5	10	33,3	28,6	20,8
Estão integrados nas suas escolas.	Às vezes	66,7	75	37,5	80	77,8	85,7	70,8
	Sempre	33,3	25	62,5	20	22,2	14,3	29,2
Estão incluídos no mundo digital.	Às vezes	50	50	25	90	88,9	42,9	60,4
	Sempre	50	50	75	10	11,1	57,1	39,6

Nos grupos focais, educadores destacam resultados relativos à participação dos jovens nas atividades, postura, comunicação e questões emocionais em geral.

Os professores que eu tenho contato falam que alunos do Garoto Cidadão têm atitudes e são diferenciados dentro das escolas regulares, isso bem antes da pandemia, são diferentes na participação, na postura, nas atitudes e principalmente quando a gente trabalha essas questões do ECA, os professores, diretores relatam que a postura dos alunos que fazem Garoto Cidadão é diferente. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Eu vou falar da posição de ex educando, como a gente aprende a se expressar, a se posicionar também, a entender que temos voz e que ela precisa ser ouvida, que podemos nos colocar e como podemos nos colocar, e isso é feito de uma maneira tão brilhante e tão linda assim, por todos educandos, eu acho que é um dos melhores aprendizados, de participar de todos os processos, de entender o outro como um ser humano que precisa de afeto, que precisa de carinho, entender que eu tenho meus direitos e que eu posso sim falar o que eu quero, se eu souber falar, e eles sabem, isso é muito incrível. (Grupo focal com educadores, Araucária)

Eu trabalho com canto e automaticamente com voz. O que eu percebo é que eles começam a ser muito mais comunicativos. Antes era assim, quando eu perguntava alguma coisa – O que você acha disso? Era sempre a mesma resposta. Era um círculo e – “Eu gostei”. E aí o outro: “Eu também gostei”. “Eu gostei”. “Eu gostei”. “Eu gostei”. “Eu gostei”. Eles não tinham discurso (...) eu percebo melhora deles nessa parte do diálogo. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

Assim, eu conheço maioria das crianças aqui há muito tempo, então depois que o Garoto Cidadão foi introduzido dentro do CCA, houve muitos avanços sim de muitas crianças, crianças introspectivas, inseguras, com a autoestima muito baixa. Crianças que não se comunicavam, não se colocavam, tinham medo de dialogar, de falar o que pensa. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Às vezes a gente não consegue dar a solução, mas dá um caminho. Ou seja, para ele enxergar que tem uma luz no fim do túnel. (Grupo focal com educadores, Arcos)

Essas mudanças aconteceram muito também por conta das atividades que foram propostas aqui pelo Garoto Cidadão. A violência diminuiu muito, aqui era um espaço que não tinha diálogo, era porrada e já era. Então para tudo, roda de conversa, vamos dialogar, o que está acontecendo? Então eu acho que evoluiu muito essas questões emocionais das crianças. Eu não sei avaliar a questão técnica, de fazer um grafite, tocar um instrumento, interpretar um texto, mas comportamento melhorou demais aqui dentro. (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Também nos egressos:

Não falo por mim, eu professora. Mas eu falo pela Arte que eu escolhi, eu falo pelo Teatro. E eu vejo hoje, eu vejo Mariane, eu vejo Duda, eu vejo Jonathan, eu vejo Thaís, eu vejo Vitória, eu vejo Luiza, vários que hoje são pessoas maravilhosas, são pessoas que são destacadas naquilo que elas escolheram para fazer e como que o Teatro foi importante para eles. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

Em relação aos resultados relativos aos objetivos específicos das diferentes linguagens encontram desafios, alguns ligados à falta de recursos e materiais.

Você tem que fazer esse garoto sonhar. Então às vezes eu avalio o meu trabalho como positivo, mesmo que ele não toque uma nota. Mas que eu fiz aquele garoto sonhar alguma coisa e dali ele buscou algo melhor. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

O resultado técnico não é tão bom. E aí quais são os resultados que a gente colhe disso? A desistência, a evasão. O Projeto Garoto Cidadão atende sim à comunidade de forma perfeita e completa porque a consegue fazer isso. Mas a partir do momento que você coloca, por exemplo, uma oficina de percussão dentro de um projeto, parte do princípio que você tem que ter esses equipamentos de percussão para ter essa oficina, e a gente não tem. E aí, da mesma forma nas outras oficinas, a gente tem esses gargalos e isso vai impactar no resultado. Então, a gente tem o resultado? Tem. Atende a comunidade? Atende. Quanto? 100%. Porque o Garoto Cidadão não é um projeto técnico. Agora, o resultado poderia ser melhor? Sim. Quanto? 1000%. Se houvesse esse cuidado de pensar também que o resultado carece de uma questão técnica, você tem as aulas presenciais e os instrumentos não têm corda, por exemplo. Os violinos não têm corda. Então, você tem o professor de Sopro e não tem os instrumentos de Sopro para ele dar aula. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

Por fim, sentem os impactos da pandemia no desenvolvimento e avanços dos estudantes: a defasagem escolar, entre outros.

Na volta, o que nós vimos muito, foram crianças que não tiveram contato com a escola porque com as aulas online a maioria não tem a Internet, não tem computador, não tem uma base e não tem ajuda, apoio em casa, e caíram muito as crianças na leitura, ortografia, matemática. Tem meninos de 11, 12 anos que não sabe 2X3. Defasados demais. As crianças de 6, 7 anos não tiveram contato com o professor porque já foi tudo online. (Grupo focal com educadores, Arcos)

O resultado que a gente alcança com os educandos aqui é extraordinário. A gente de fato influencia e de alguma forma muda a vida dessas crianças e dessas famílias também através das atividades que a gente faz porque a gente educa através da cultura, da Arte. E o resultado é extraordinário. O resultado no geral é 100% positivo, em minha opinião. Se eu for avaliar esse resultado da pandemia, a gente pode colocar em 80%, mas no geral, quando a gente está presencial, na minha opinião o resultado é 100%. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

As unidades de Itaguaí e Congonhas registram certa surpresa ao constatarem os resultados do trabalho online:

Eu consegui ver os alunos no presencial fazer aquilo que eu tinha passado no remoto, de uma maneira difícil, que na minha cabeça eu não estava conseguindo transmitir, mas através do presencial eu vi que foi feito um trabalho no meu dia a dia que trouxe um certo resultado. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

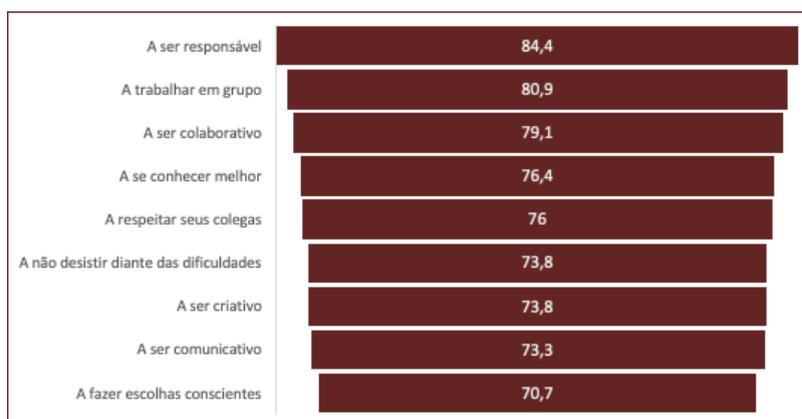
Na parte da música a gente avaliou no início do ano passado que os meninos renderam muito mais no processo de aprendizagem online, não sei se é porque estavam com mais tempo em casa para estudar ou não, não sei avaliar isso, mas a gente percebeu que os meninos que estavam ali fazendo as aulas online, os processos individuais davam um retorno muito melhor do que presencial. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

A conquista de suas expectativas em relação às aprendizagens dos estudantes foi cumprida para metade dos educadores. Nota-se que, entre os resultados listados pela pesquisa, a maioria foi alcançada apenas “às vezes”. Ainda assim, participantes dos grupos focais relatam grandes resultados relativos ao desenvolvimento socioemocional, embora seja possível notar certo desequilíbrio, se comparados estes resultados com os encontrados na dimensão técnica do trabalho.

A avaliação dos jovens e dos pais/responsáveis em relação aos seus aprendizados e desenvolvimento tende a ser mais generosa do que a dos educadores.

Em particular, mais de 80% dos jovens percebem-se mais responsáveis e aptos a trabalhar em grupos; e entre 70% e 80% percebem-se mais colaborativos, conhecendo-se melhor, respeitosos com os colegas, persistentes diante das dificuldades, criativos, comunicativos e conscientes no momento de fazer escolhas.

Gráfico 44 – Competências socioemocionais desenvolvidas e reconhecidas a partir do Projeto, para mais de 70% dos jovens de todas as unidades



Olhando os dados nas unidades, os melhores resultados são referidos pelos jovens de Araucária e Arcos e estão relacionados aos atributos: responsabilidade, trabalho em equipe e colaboração, mencionados por mais de 70% dos jovens em cada uma das unidades.

Volta Redonda e Heliópolis, em contrapartida, apresentam resultados um pouco menos favoráveis, mas ainda bastante positivos.

Tabela 61. Competências socioemocionais desenvolvidas e reconhecidas a partir do Projeto, para mais de 70% dos jovens POR UNIDADE

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
A ser responsável	100	92,3	95	81	70,8	82,1	84,4
A trabalhar em grupo	100	80,8	90	73,4	83,3	80,4	80,9
A ser colaborativo	100	84,6	85	75,9	79,2	71,4	79,1
A se conhecer melhor	95	92,3	100	65,8	79,2	67,9	76,4
A respeitar seus colegas	95	88,5	65	72,2	87,5	67,9	76
A não desistir diante das dificuldades	100	92,3	75	62	75	71,4	73,8
A ser criativo	85	84,6	90	72,2	62,5	66,1	73,8
A ser comunicativo	95	84,6	90	69,6	70,8	60,7	73,3
A fazer escolhas conscientes	80	84,6	80	64,6	66,7	67,9	70,7

Em um segundo bloco, tem-se que 50% a 70% dos jovens indicam que o projeto os “ajudou muito” a ampliar suas amizades, serem solidários, confiantes e sociáveis e a vencer a timidez.

Os melhores resultados são verificados em Araucária, Arcos e Congonhas e os menos favoráveis correspondem a Heliópolis, Itaguaí e Volta Redonda.

Gráfico 45. Competências socioemocionais desenvolvidas e reconhecidas a partir do Projeto, para 50% até 70% dos jovens de todas as unidades

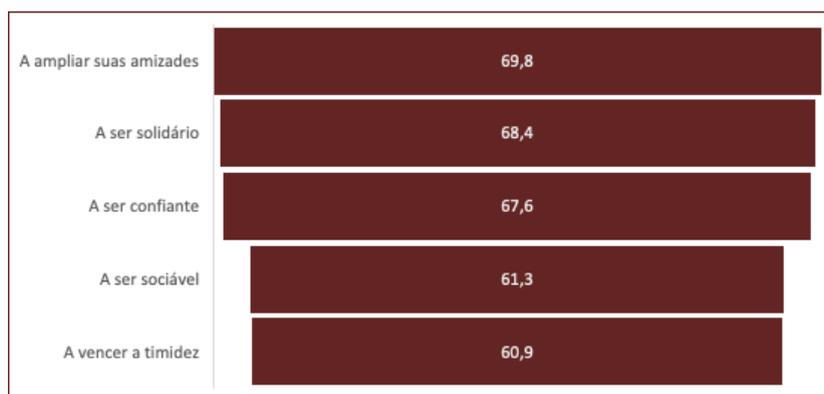


Tabela 62. Competências socioemocionais desenvolvidas e reconhecidas a partir do Projeto, para 50% até 70% dos jovens POR UNIDADES

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
A ampliar suas amizades	90	88,5	100	62	70,8	53,6	69,8
A ser solidário	100	84,6	75	68,4	58,3	51,8	68,4
A ser confiante	100	80,8	65	59,5	75	58,9	67,6
A ser sociável	85	76,9	80	54,4	54,2	51,8	61,3
A vencer a timidez	85	69,2	70	55,7	50	57,1	60,9

Por fim, paciência e criticidade são atributos onde os resultados do Projeto parecem menos evidentes para os jovens. Considerado o conjunto das unidades, menos de 50% deles afirmam que o projeto os ajudou muito nesses aspectos.

Os percentuais que sinalizam que o projeto “não os ajudou” são também expressivos nesses casos: **31,6% afirmam que o projeto não os ajudou a se tornarem mais críticos e 26,7% que ele não os ajudou a serem mais pacientes.**

O olhar sobre cada unidades evidencia que os percentuais mais baixos em relação à ajuda para tornarem-se mais pacientes são de Itaguaí; e em relação a tornarem-se mais críticos encontram-se em Volta Redonda e Heliópolis.

Tabela 63. O projeto me ajudou muito a... (distribuição por unidades - % de sempre)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
A ser paciente	70	61,5	50	45,6	37,5	46,4	49,3
A ser crítico	60	73,1	65	38	41,7	35,7	46,2

As narrativas dos jovens e de seus pais / responsáveis, nos grupos de discussão, corroboram a indicação de que a participação no Projeto trouxe vários ganhos.

Em particular, **pais / responsáveis** reconhecem a oportunidade de aprendizado que a participação no projeto representa para os seus filhos.

Ver os jovens ocupados, tendo oportunidade, é muito gratificante sim e também é muito bom ver ele aprendendo em meio a cultura, porque ele faz sopro, mas aprende na dança, no canto, áudio visual, estão sempre aprendendo. (Grupo focal com pais / responsáveis, Volta Redonda)

Se eu fosse pagar a aula que meus filhos tiveram e os instrumentos daqui, eu não conseguiria para os três. (Grupo focal com pais / responsáveis, Itaguaí)

Eu não teria essa condição pra pagar uma aula pra ela, aqui ela tem essa oportunidade de realizar os sonhos que ela tem. Eu sou muito satisfeita e grata demais ao projeto, por essas oportunidades. (Grupo focal com pais / responsáveis, Arcos)

E trazem indicações sobre como a participação e os aprendizados adquiridos no Projeto se refletem nos ambientes de escolarização formal, uma devolutiva que recebem dos professores, além de serem comentadas pelos próprios jovens.

A professora me chamou e falou do porque ele estava se envolvendo tanto, porque ele não se envolvia, ele não era de grupinho, tinha que fazer trabalho em dois ele fazia sozinho, aí ele contou pra professora ele mesmo, que aqui todos podiam falar, que aqui todos tinham vez de falar, aí ele começou a se enturmar e o aprendizado dele só melhorou. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

A minha mais velha, ela não lia na frente quando pedia pra ler, ela era bem garrada no português. Hoje ela chega na frente, ela e as professoras falam que ela está ótima. Ela hoje vai muito bem, então aqui ela aprendeu a abrir esses horizontes dentro da escola, a se soltar mais. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Mais do que isso, à despeito dos aprendizados e desenvolvimento relacionados às linguagens, tanto os **pais / responsáveis** como as **crianças e jovens**, percebem o projeto como capaz de

provocar amadurecimento e mudanças significativas na forma de pensar e de agir dos participantes.

Eu identifico o projeto como [uma ação] não pra ensinar, pra passar aula de teatro, de qualquer outra coisa, mas eu identifico como formação de caráter, como formação de personalidade. (...) Não dá pra por nomes nessas mudanças, porque é um montante de filhos com a mesma sintonia, cada um na sua casa, mas o amadurecer foi muito nítido. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Ah existe a dedicação, o compromisso, a prioridade, isso eu quero, eu vou correr atras, e amizade, algo que é perceptível, eles são um amigo do outro. De quando eles entraram o crescimento também, é algo bem visível, uma melhora grandiosa. Amadurecimento, é algo bem visível. (Grupo focal com pais / responsáveis, Volta Redonda)

Eu mudei muito eu jeito de pensar, de ser com o projeto, eu mudei totalmente, porque desde quando eu entrei aqui em 2016 e cada vez eu vou evoluindo mais, eu vou aprendendo mais, entendendo mais, sendo mais responsável, mais madura, sendo sabe, o projeto abriu muito minha mente pra infinitos assuntos, eu acho que eu tinha uma mente muito fechada, e aqui eu consegui abrir minha mente, e eu tenho a mente muito aberta hoje. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Eu mudei muito, tanto aparência, quanto mentalidade assim, eu acho que o projeto ajudou muita gente, em evoluir comportamento, pensamento e tal. E eu acho que me ajudou mais a pensar no meu futuro. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Especificamente, ambos os segmentos (pais / responsáveis + crianças / jovens) referem-se fortemente às mudanças atitudinais que percebem. Estão:

- Mais **focados, organizados, envolvidos**; cientes de suas **responsabilidades** atuais e com um olhar para o futuro.

O projeto ajudou muito ele a focar em outras coisas, no estudo da música, ele se tornou muito mais responsável, ele não falta de forma alguma e tem um compromisso muito grande, isso mudou muito, não só nessa parte, mas em todas as outras partes, na escola inclusive, ele se tornou monitor da sala de aula. Eu acredito que o projeto ajudou ele se desenvolver nessa parte, ele também na parte de querer estudar e ampliar outras coisas, ele mudou bastante. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

Leonardo que está com 14 anos, ele está com uma perspectiva muito grande de inserir no mercado de trabalho, de achar que assim, que ele vai ter uma orientação profissional, ele está com muita esperança. (Grupo focal com pais / responsáveis, Arcos)

Mais tranquilidade, entendimento das coisas também, seriedade com o que eu tenho que fazer, porque antes eu não levava nada a sério... (Grupo focal com jovens, Arcos)

Antes de eu entrar, eu não sabia, não tinha vontade de fazer nada, eu dançava antes, mas não via isso como um futuro, e agora que eu vi que isso é pra mim, eu fico muito feliz e sou muito agradecida do projeto. Porque graças ao projeto muitos alunos viram o que querem fazer do futuro. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

- **Menos tímidos, mais sociáveis, autoconfiantes e comunicativos.**

As professoras sempre falavam que ela era muito desenvolvida, mas tinha muita timidez, e depois que veio para o garoto cidadão ela se soltou, se abriu mais e hoje ela é convidada pra muitas outras coisas, se tem uma coisa de dança ela é chamada, teatro ela é chamada, se tem algo na igreja ela é chamada. Então hoje ela consegue se desenvolver mais. (Grupo focal com pais / responsáveis, Itaguaí)

Ela era muito tímida e ela aprendeu a conversar com as pessoas, se soltar mais, na dança ela não dançava, ela começou aqui a desenvolver a ser mais comunicativa e com isso ela começou a se apresentar na dança com mais desenvoltura e ela começou a fazer teatro, que são coisas que tem que gravar falas, coisa que ela tinha dificuldade até no falar. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Eu trabalhei muito a minha timidez aqui no projeto, eu era uma criança muito tímida e eu trabalhei muito bem isso, eu sempre fui insegura, eu até hoje trabalho a questão de me cobrar muito, muito e o projeto me ajudou bastante, nessa questão de me cobrar sabe, e falar: não, fica feio, eu não consigo fazer isso. (...) Eu ainda tenho a cobrança, mas eu falo, está bonito, consegui fazer, então o projeto estabeleceu uma confiança muito grande em mim, sem falar da minha responsabilidade, que cresceu muito também. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Eu quando entrei no projeto eu entrei como uma pessoa que não sabia se comunicar direito, essas coisas. Até hoje eu não sei me comunicar, mas agora eu me vejo tentando socializar com as pessoas, tentando me expressar mais com todo mundo. Melhorou. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

- Mais **respeitosos** e **solidários** com os colegas, família, professores, **cientes das diversidades** e da importância de respeitá-las.

Pra minha menina é uma novidade, ela gosta de vir, e acaba assim, aprendendo a respeitar os limites um do outro, as diferenças um do outro, então assim, a socialização entre eles, tem sido muito importante, porque não tem aqui no projeto o preconceito, barreiras, que, às vezes, em escolas a gente encontra, e aqui não. (Grupo focal com pais / responsáveis, Arcos)

Elas começaram a lidar com crianças diferentes, com cultura diferentes, com educação diferentes, e elas conseguiram se unir, se respeitar, fazer amizades, então eu acredito que a maior mudança do projeto é isso, olhar o outro com um olhar de carinho, com um olhar de amor, saber da dificuldade do outro. (...) E elas acabam sabendo uma da história da outra e uma colhendo a dor da outra e uma ajudando a outra, então eu acho que a maior mudança é essa, é a solidariedade, é se por no lugar do outro, e aprender com o outro. (Grupo focal com pais / responsáveis, Congonhas)

Porque você aprende a ter respeito com as pessoas que não são iguais a você, todo mundo tem o seu jeito e suas características. (...) [Eu aprendi] a ter respeito pelo colega, a ter mais atenção, a gente aprendeu muitas coisas também envolvendo as aulas de música, dança, teatro e essas coisas. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

- Mais **persistentes** e **dedicados**.

Ela tornou-se uma menina, assim, persistente no que ela quer, nos sonhos dela, ela busca, ela semeia, ela é determinada, aprendeu aqui. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

Persistência, pra aprender instrumento tem que ser persistente. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Eu acho que tem que ser muita persistência (...) E muita dedicação também, porque todos nós somos muito dedicados. Se for pra ficar aqui de uma da manhã até sete da noite, vamos ficar, porque temos desempenho e dedicação em tudo. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

- E, até mesmo, mais **pacientes**, uma característica que os jovens, conforme responderam nos questionários, tendem a não reconhecer tanto em si mesmos e que percebem como necessária para avançar nos aprendizados.

Esse meu filho do meio, até hoje é trabalhado um pouco do temperamento dele, ele é bem estressadinho, bem explosivo, mas aqui [no Projeto] ele consegue lidar, entendeu?! (Grupo focal com pais / responsáveis, Itaguaí)

Eu também era muito atentado, dava uma hora, tipo assim, pessoa irritava, dava vontade de bater. Mas eu melhorei. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

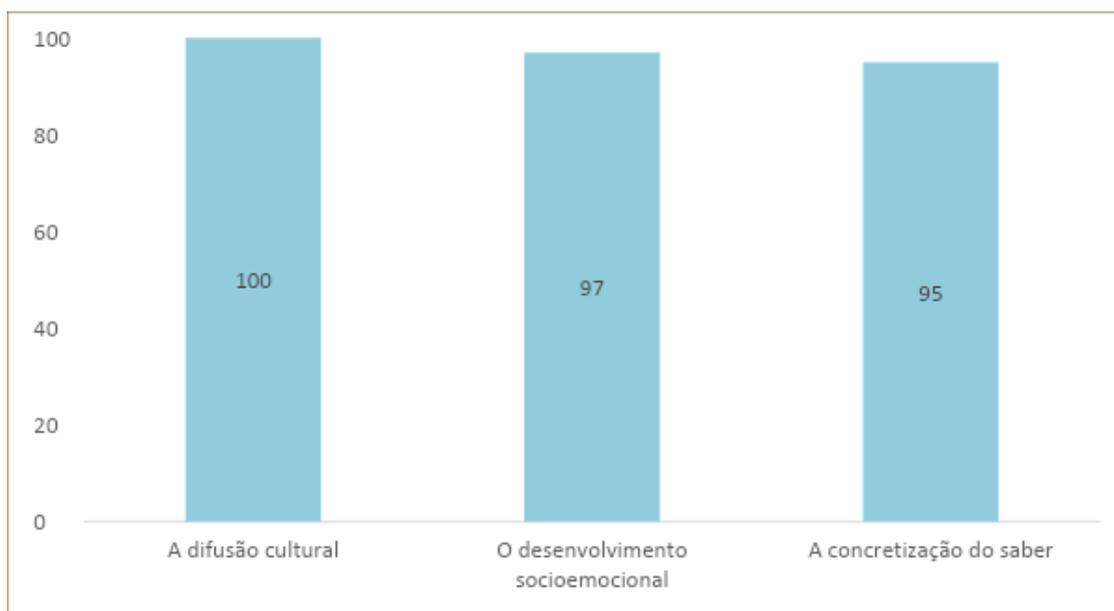
Temos que ser muito pacientes, muito pacientes mesmo, tem que ter muita paciência, porque você está aprendendo, então você tem que ser corrigido, você tem que ouvir, então tem que ter muita paciência, muita paz no coração, entendeu? (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Eu, antes do projeto, era impaciente, gritava, tudo de ruim eu fazia, gritava dentro do ônibus, andava dentro do ônibus, até dentro do projeto mesmo, a partir da idade, deles irem conversando, eu mudei completamente. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

8.2. Aprendizagens relacionadas às apresentações

Avaliando os resultados das apresentações culturais realizadas pelos jovens, os educadores consideram que elas contribuem prioritariamente para a difusão cultural, seguido pelo desenvolvimento socioemocional dos jovens e a concretização do saber.

Gráfico 46. Contribuições das apresentações culturais



Os eventos e apresentações culturais são também valorizados porque representam um produto interdisciplinar.

Então a gente envolvia todas as áreas em um grande espetáculo. Quando eu falo grande espetáculo é de abrangência das áreas. Não é que é estrondoso não. É um grande espetáculo que envolvia todas as áreas em um espetáculo só, geralmente era no final do ano. (Grupo focal com educadores, Arcos)

A gente tinha um processo, outro professor tinha outro processo, eles foram se mesclando, foi o fruto do nosso quintal. A gente tinha todas as linguagens tinha dança, teatro, música, a orquestra entrava e tocava, tinha espetáculo da orquestra, e um de artes cênicas, de repente estava tudo junto. (Grupo focal Educadores, Araucária)

Nos grupos focais os educadores acrescentam que as apresentações têm também o objetivo de provocar uma reflexão no público, abordar uma temática, para além da simples mostra de um produto. Além disso, primam pela qualidade técnica e profissional.

A gente tenta elevar nossas apresentações, levar esses alunos ao palco, exposição, da forma mais profissional possível e a gente vem sendo amparado pela Fundação para poder trazer realmente equipamentos profissionais, no meu caso figurinos, maquiagem, todo tipo de equipamento o mais profissional possível para gente não fazer como se fosse um trabalhinho de escola, porque a gente quer que realmente esses alunos se sintam artistas, se sintam no palco com tudo que um artista tem. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Avaliam que as aprendizagens e resultados das apresentações são inúmeros nos jovens que participam, exatamente pela sua qualidade. Destacam: ampliação das capacidades; empoderamento; desenvolvimento da autonomia; protagonismo; autoestima; aprendizado do trabalho em grupos heterogêneos; e a experiência de “pertencer”.

Como educador e como pessoa, você vê o processo de transformação. Os professores das escolas falam que os nossos alunos são diferenciados e eu acho que é justamente por causa disso, não só da instituição entender que a gente não faz produtos de escolinha, mas de entender que a gente valoriza aquilo, potencializa o que ele traz de melhor e faz a coisa acontecer e mostra para ele que ele é capaz. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Todo mundo pode fazer arte, todo mundo dança, todo mundo faz teatro, todo mundo pode fazer música, todo mundo pode comunicar, se expressar através da arte (...) então eu acho que é isso, a compreensão de que todo mundo é capaz de se comunicar, de produzir através da arte. (Grupo focal com educadores, Araucária)

A primeira coisa, para mim, o que eu vejo neles é o empoderamento de entender – aqui também é o meu lugar. Eu posso estar aqui. Entendeu? É muito mais do que entender, dentro da minha área – Nossa! Olha como eu canto bem. Eu estou cantando. É muito mais do que isso. É entender...– Eu posso estar aqui. É empoderar mesmo desse lugar. E se eu posso estar aqui eu posso estar em qualquer outro lugar. É entender que ele pode. Para mim esse é o aprendizado. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

A autonomia total de chegar, de falar, de ser colocar melhor. Protagonismo, né? (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

E aqui a gente teve durante muito tempo essa coisa da autoestima, das meninas principalmente. Mas depois das apresentações, que a gente falou muito dessa coisa da identidade, elas começaram a andar com os cabelos soltos, se achando lindas. E elas voltaram diferente. Não sei. Para mim ficou muito claro isso, essa coisa da identidade. “Olha como eu sou”. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

Acho que o aprendizado maior que a gente tira de apresentação é a questão de repertório e eu não falo de repertório musical, mas sim de repertório de vida porque cada vez que a gente apresenta ou cada vez que a gente monta alguma atividade, que seja uma apresentação, a gente aprende uma coisa nova. (Grupo focal com educadores, Arcos)

A outra resposta possível para isso, é entender a força do coletivo, que sozinho a gente pode fazer várias coisas, mas que, juntos, a gente pode fazer muito mais com muito mais potência, com muito mais alegria, redobra as forças assim, e todo mundo entende a função de todo mundo, se respeita, se organiza, nossos espetáculos as vezes tem 50 pessoas, agora estamos tentando diminuir, mas não consegue, porque quer botar todo mundo. (Grupo focal com educadores, Araucária)

A experiência de uma criança de 8 anos fazer uma apresentação com um de 18 no mesmo nível e eles se ajudam, eles se ensinam ali, quando um tem dificuldade o outro vai lá e ajuda também. (Grupo focal com educadores, Arcos)

Tem a questão do pertencimento porque eles não estão ali só fazendo aula de Música, uma aula de Dança, uma aula de Teatro, uma aula de Artes Visuais, uma aula de DHC. Quando eles fazem uma apresentação eles se sentem parte do todo e realmente são, eles estão naquele momento. (Grupo focal com educadores, Arcos)

Houve uma crítica de mães em Volta Redonda sobre a participação de somente um grupo seletivo de alunos mais antigos nas apresentações, deixando uma outra parte de lado.

Eu acho que da mesma forma que incentivou esse grupo que está no tambor de aço, hoje, eu acho que tem que incentivar os outros pra poder entrar. Eles tem privilégio que as outras crianças não têm aqui. Minha filha estava na dança, ela falou: eu não vou pra dança, porque a dança não faz nada, a gente nunca apresenta. Aí eu falei, nem em barra mansa? Aí ela falou, mãe eu não queria viajar, eu queria apresentar, porque apresentação é só quando era aqui dentro. Quando era no final do ano, mas era na cidade, eles querem viajar, eles querem conhecer as cidades, como no tambor de aço tem, minha filha quando ela vai, ela fica hospedada em hotel, é coisa muito chique e bom pra eles, mas só eles. As crianças que vem na chuva, no sol, não tem também essa oportunidade. Eu acho que fechou um grupo e olha como só esse grupo que tivesse capacidade. Mas as outras crianças também têm capacidade. Vamos colocar assim, se é garoto cidadão tem que ser oportunidades iguais pra todos, não tem que dividir.

As apresentações impactam ainda, segundo educadores, na valorização da identidade cultural e, por último, no fortalecimento do trabalho do educador.

Faz muito sentido para eles porque dialogam com aquilo que eles trazem, com a bagagem deles, com a vivência deles, com a cultura deles e isso é muito valorizado aqui, então é um dos pontos até que eu acredito muito, nesse processo da valorização da identidade cultural porque eu acho que é daí, então a gente oferta o diferente, mas não dizendo que aquilo que ele tem, aquilo que ele traz não é o certo, é errado, não é bonito. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

A gente não precisava de mais do que o processo que o menino viveu, foi importantíssimo, ele está ali fazendo alguma coisa para família que foi a mãe, avó ou irmão que foi ali assisti-lo e aquilo vai ficar para sempre nele, na gente, na comunidade, mudam totalmente a realidade dessas crianças, dessas famílias. Então no momento dessas apresentações, eu como educadora sinto isso. É que realmente a minha arte, minha dança, serve como ferramenta para o menino ser melhor na vida. (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Nos questionários, em pergunta aberta, sobre o que se apresentar publicamente representa para os jovens, são várias as declarações sinalizam momentos de desafio e superação pessoal...

Mais do que apresentações, foram momentos de evolução individual e de demonstrações de sentimentos a pessoas também. Enfim, representaram superação.

Foi um desafio muito grande, porém foi incrível e muito legal.

... de se sentirem orgulhosos / empoderados com suas aprendizagens...

Fiquei orgulhosa de mim mesma.

Representa várias chances de provar que sou capaz, de enfrentar meus medos e chances de vivenciar novas experiências.

... de compartilhar experiências e de disseminar cultura e suas representações.

Uma forma de expressar e levar alegria, cultura e muito amor para as pessoas.

Sinto que as apresentações são oportunidades de levar esperança e cor para a vida das pessoas que nos assistem.

Conforme apurado nos grupos de discussão, as sensações de ansiedade, nervosismo, vergonha, medo de errar... parecem ocupar plenamente os corações e mentes dos jovens nos momentos que precedem as apresentações.

Dá vergonha, porque tem um monte de gente olhando. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Dá frio na barriga, porque a gente ensaia, aí vai que erra alguma coisa. (...) Tem também a tensão da pessoa observando e te julgar, as vezes você faz até uma coisa errada, porque você está com aquela apreensão, aí você pensa: eu não posso errar aqui! É o medo. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Muito [ansioso], eu nem consigo dormir, quando chega no dia. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Teve algumas que eu estava muito nervosa na hora, coração acelera, dá vontade de correr, se esconder. (Grupo focal com jovens, Heliópolis)

Ao final, porém, os sentimentos, altamente positivos são reiterados e reforçados: alívio, dever cumprido, alegria, satisfação, orgulho, reconhecimento da sua própria capacidade.

[Quando consegue fazer] É alívio, satisfação, missão cumprida. (Grupo focal com jovens, Arcos)

Assim, no início, eu acho que é muito estressante, porque é muita coisa pra decorar, é muita pressão, cobrança, e quando você chega e vê que deu tudo certo, é uma explosão de

sentimentos assim, de felicidade, alegria, emoção, gratidão, dá até vontade de chorar, eu choro bastante. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

Quando acaba dá tranquilidade de ter dado tudo certo, sai a tensão das minhas costas assim. (...) Dá a mesma sensação de felicidade, força e também orgulho, não só da gente como das outras pessoas, pelo esforço que a gente fez, e pelo trabalho que conseguimos fazer dar certo. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

No processo, ficam ressaltados os seus aprendizados: ganho de autoconfiança, lidar melhor com o nervosismo e a timidez...

Graças a essas apresentações, maioria do pessoal perdeu a timidez que tinha, o nervosismo e já consegue atuar, dançar ou até mesmo tocar com mais naturalidade no palco. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

... além de se conhecerem e conhecerem as pessoas no seu entorno – aprendizados que, segundo reconhecem, vai muito além do imediato.

A gente sempre apresentou em muitos lugares diferentes, em muitas situações diferentes, pra muitas pessoas diferentes, as reações das pessoas são diferentes, então é muito aprendizado de como lidar com as pessoas (...) Esses aprendizados são incríveis, até pra levar pra nossa vida profissional, a saber lidar com as pessoas, como lidar com um chefe, com um colega de trabalho, então lidar com o público, as situações. Eu acho que, pra mim, é um dos maiores aprendizados. (Grupo focal com jovens, Araucária)

8.5 Resultados e impactos na relação com as escolas

No que diz respeito à relação do Projeto com as escolas dos estudantes, os resultados são distintos conforme a unidade. Segundo os educadores de duas unidades existe e está consolidada uma relação de ajuda mútua e de parceria com as escolas.

A gente faz muita atividade em escola. A gente tem uma agenda no Projeto, geralmente a gente faz duas semanas em maio, essa é uma agenda que a gente sempre consegue fazer nas escolas, e no CRAS, que é no 18 de maio, que é o Dia de Combate à Exploração de Criança e do Adolescente. Então, a molecada se envolve nessa atividade através da cidadania, de Artes Visuais, de Música e de Artes Cênicas, eles elaboram geralmente uma apresentação. Vai na escola, faz essa apresentação e após essa apresentação um grande bate-papo com os alunos da escola. E geralmente quem articula essas atividades na escola, por exemplo, para essa data 18 de maio, são os próprios educandos, eles mesmos vão lá, combinam com a diretora, organizam toda a questão. A gente tem uma relação bacana. (Grupo focal com educadores, Itaguaí)

A gente tem uma parceria boa com escolas, principalmente nas comunidades que atendemos. Nós já tivemos um projeto que chama “Se essa rua fosse minha”, a gente teve uma participação muito legal dentro das escolas, transformava espaços das escolas junto com os nossos alunos daqui que eram alunos da escola também (...) então essa relação com as escolas é muito aberta (Grupo focal com educadores, Congonhas)

Em outras a relação ainda não está estabelecida ou consolidada:

A gente ficava um pouco frustrada, vamos dizer, eles chamavam a gente para tampar um buraco, sabe? E por mais que a gente tente entrar, a gente chega lá a gente vê o olhar deles... É muito difícil a gente entrar na escola, ser parceiro da escola, promover um projeto. A gente estar lá, eu não sei se eles entendem como uma atividade extracurricular, porque o que a gente faz é diferente da escola formal, então acho que fica um pouco distante sabe. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

Onde eles estudam, a gente montou essa estratégia, só que era barreira... A diretora não comprava, não trazia as escolas, “agora tá em prova”, tal e não sei o quê, a gente tentou, a gente já montou estratégia, mas frustrados né? A gente sempre fica frustrado. (Grupo focal com educadores, Volta Redonda)

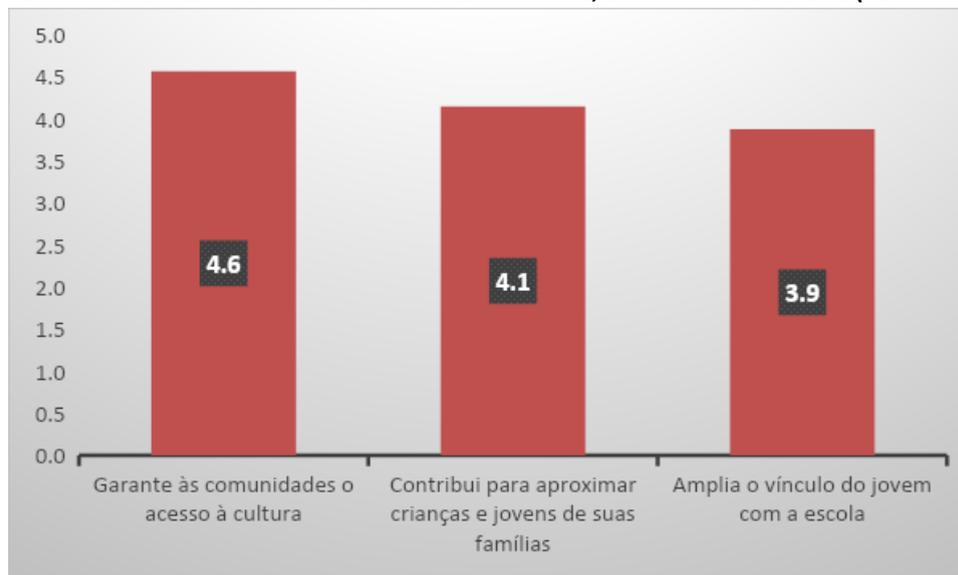
E desarticulou também. Porque quando você tem tudo isso, e agora não pode fazer, por uma questão de pandemia, as pessoas começam também a se distanciar. E distanciou essa comunicação com a comunidade, com a escola. A escola também num processo louco, doido, coitados, sem estrutura nenhuma, tendo que atender também todas as crianças de uma vez só. E lá não teve esse negócio que tem aqui, aqui a conversa foi, mãe você não sente à vontade do seu filho vir? (Grupo focal com educadores, Heliópolis)

Em Arcos, houve uma recente mudança, que poderá refletir na relação com as escolas. A parceria com o Poder Público, antes vinculada à Secretaria de Integração Social, agora possivelmente estará ligada diretamente à Secretaria de Educação, o que pode gerar novos resultados. Existe a intenção do núcleo de Arcos, de levar a sede do projeto para dentro de uma escola. Em um trecho da entrevista com a Secretária de Educação do município, podemos entender essa proposta:

O projeto iniciou dentro da Secretaria de Integração Social e tinha como objetivo absorver as crianças que estavam no PETI, no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, por isso naquele momento a pasta da Assistência Social seria mais indicada para assumir, não que as outras não fizessem parte. Mas agora, a Secretaria de Educação está em negociação com o Garoto Cidadão. Ainda não teve nenhuma reunião para oficializar essa transferência, o que houve foi um interesse da parte dos parceiros do Garoto Cidadão, porque agora a sede deles será em numa escola. Por isso, seria mais interessante estar dentro da Secretaria de Educação, agregando o trabalho de tempo integral. Inicialmente eles vão pegar uma grande parte da escola que será vizinha da sede, então a negociação está começando agora.

Avaliando o resultado deste trabalho com as famílias, comunidades e escolas os educadores consideram que seu impacto maior é na garantia do acesso à cultura para as comunidades.

Gráfico 47. Resultados do trabalho realizado com famílias, comunidade e escolas (notas de 0 a 5)



8.6. Impactos gerais do Projeto

Educadores avaliaram³, com uma nota de 0 a 5, os impactos do Garoto Cidadão em sete aspectos (tabela 64 abaixo) considerados os principais propósitos do Projeto. Todos eles obtiveram notas entre 4 e 5, demonstrando que, na percepção dos educadores, os impactos oscilam entre **ótimo e bom**. Vale ressaltar que as notas menores (entre 4,2 e 4,5) são relativas ao impacto na vida profissional dos educandos, especialmente em Heliópolis, Volta Redonda e Araucária, e na Programação Cultural da Cidade, com destaque para Heliópolis e Volta Redonda.

Tabela 64. Impactos gerais do Projeto (média ponderada)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Na vida emocional e social dos educandos participantes	5,00	4,89	5,00	4,33	4,80	4,86	4,87
Na vida profissional dos educandos participantes	4,40	4,89	4,78	3,00	4,60	4,00	4,45

³ Esta questão foi respondida por 38 educadores, aplicada em um segundo momento.

Na integração crianças, jovens, família	4,40	4,89	4,78	4,00	4,80	4,29	4,61
Na programação cultural da cidade	4,60	4,78	5,00	3,00	4,00	3,14	4,26
Na ampliação da produção e acesso às artes e fontes de cultura na cidade	4,80	5,00	4,89	4,00	4,20	4,29	4,63
No exercício e garantia dos direitos à cultura	5,00	5,00	5,00	4,00	4,60	4,71	4,82
Na regionalização da produção cultural e artística	4,60	4,78	4,89	4,33	4,20	4,43	4,61
Total em Nº Abs	5	9	9	3	5	7	38

Eu acho que na antiga gestão da Prefeitura a gente conseguia... A gente conseguia estar mais presente em diversos espaços e se fazer visto. Mas, por a gente estar no centro da cidade e um pouco isolado também do centro, a gente não é muito conhecido fisicamente. A relação da CSN com a cidade ainda é um pouco complicada, é uma relação meio tóxica (Grupo focal com Educadores, Volta Redonda).

Finalizando, ao completar a frase o projeto é... os jovens destacam palavras bastante simbólicas: especial, essencial, único, importante... A imagem fala por si.

Imagem 3 – O projeto é.... Jovens



Já os educadores entendem o Projeto como uma oportunidade de transformação da vida desses jovens por meio da cultura e da arte, mediada pelo afeto, e resultando em aprendizagens e desenvolvimento.

Imagem 4 – O projeto é.... Educadores



9. Os desafios

Tanto os jovens como seus pais / responsáveis são bastante assertivos e específicos nas pontuações de aspectos que veem como desafios e oportunidades de melhoria no Projeto.

Ambos referem o desejo de ver ampliados os atendimentos:

- Seja com o acolhimento de mais crianças e jovens.

O CRAS tem uma demanda muito grande de adolescentes e crianças que não estão inseridos em projetos e precisa inserir aquele público. (Grupo focal com pais/responsáveis, Arcos)

Pra mim a única coisa que poderia melhorar, seria ampliar, pra poder acolher mais crianças, porque as crianças que estão aqui, elas são crianças assistidas, e nossa região é muito ampla, muito grande e uma boa parte da nossa região, tem pais que não tem o mesmo cuidado, não tem o mesmo zelo, então as crianças elas se perdem, entendeu? (Grupo focal com pais/responsáveis, Congonhas)

É, eu acho que pra outras pessoas conhecerem, porque tem muitas pessoas que não conhecem, então mostrar nos bairros o que é o projeto, isso seria muito legal e traria mais pessoas. (Grupo focal com jovens, Volta Redonda)

- Seja com a ampliação dos dias de projeto e ou da sua carga horária.

Na questão da pandemia agora, o projeto pós pandemia, umentar um dia de vínculo com o projeto, ter mais um dia pelo menos. (Grupo focal com jovens, Araucária)

A gente fica só 4 horas, eu acho pouco. (Grupo focal com jovens, Arcos)

- Seja incorporando jovens em situações específicas de vulnerabilidade, como é o caso daqueles em conflito com a lei, cumprindo medidas socioeducativas.

Tem adolescentes na cidade, meninos em conflitos com a lei, da atenção pra esses meninos também, aí já seria uma parceria com o CREAS, porque eles que acompanham esses meninos. Meninos que cumprem medidas socioeducativas, que as vezes não tem essa oportunidade na vida, a oportunidade que eles têm é o crime. (Grupo focal com pais/responsáveis, Arcos)

- Seja, ainda, estendendo o perfil etário do público-alvo, com o atendimento de crianças mais novas e ou de jovens mais velhos, orientando-os para o mundo do trabalho ou continuidade dos estudos.

Correlata à preocupação com a melhoria das condições de inserção no mercado de trabalho, sugerem que o projeto ofereça cursos profissionalizantes, tanto para os jovens como para os pais.

Isso que a gente quer, por mais que não vão pra CSN, mas que eles tenham um curso profissionalizante, pra eles saberem pra onde vai, pra onde vai seguir, pelo menos vai ter noção do primeiro emprego. (Grupo focal com pais/responsáveis, Congonhas)

Então se o projeto trouxesse algo para os pais, pra fazer algum curso profissionalizante, que dá pra trabalhar em casa, como bordar, costurar, aprender alguma atividade relacionada ao que os filhos estão fazendo, no mesmo período, no mesmo tempo, o que vai acontecer? Vai incentivar mais mães virem pra cá e mais filhos virem para o projeto, porque esse projeto não pode ser pra meia dúzia de pessoa, esse projeto tem que crescer, quanto mais crescer melhor é para o município. (Grupo focal com pais/responsáveis, Itaguaí)

Tanto para viabilizar a expectativa de atender um público maior, como para a aprimorar o atendimento atual, jovens e pais/ responsáveis sugerem também a melhoria das condições

disponíveis, provendo as unidades com infraestrutura mais adequada, materiais didáticos e instrumentos em número suficiente para todos e lanches com mais sustância e qualidade.

Eu também criaria uma estrutura própria pra manter o projeto, melhoraria a qualidade dos instrumentos e colocaria outros que faltam. (Grupo focal com pais / responsáveis, Araucária)

Na área da informática, a gente precisaria de mais computadores pra fazer as atividades, que alguns não estão funcionando, teclado, mouse, um projetor melhor... (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

Seria bom ter mais livros, não só gibis, mais livro de capa dura. (Grupo focal com jovens, Itaguaí)

Tem gente que mora muito longe (...) Eles moram muito longe também, não tem como voltar pra casa, e depois ir pra escola, tem que ficar aqui mesmo, e os pais não têm condições de mandar comida todo dia. (Grupo focal com jovens, Araucária)

Os jovens, por sua vez, manifestam desejos mais relacionados às atividades que desenvolvem: mais atividades envolvendo várias linguagens.

A única coisa que eu acho que deveria mudar, é que muitas vezes as áreas são muito divididas, até mesmo quando você vai fazer uma apresentação, tem muitas vezes que é só dança no lugar, ou só teatro, ou só música, aí quando chega no final do ano que junta tudo pra formar um espetáculo, eu acho que deveria ser unido essas apresentações também, um combinando com o outro, vamos fazer juntos, vamos ser mais unidos, eu acho que falta isso. (Grupo focal com jovens, Congonhas)

Embora reconhecendo os resultados alcançados, educadores levantam desafios em diferentes áreas, parte deles já tratados acima e que podem ser orientadores para um novo planejamento, como segue:

- **Desafios relacionados à pandemia:** as barreiras e distanciamentos necessários na volta presencial; a busca pelos que se ausentaram durante a pandemia; a manutenção da frequência; a mescla entre o digital e o presencial/manutenção do híbrido; a retomada integral do planejamento e dos vínculos; o recomeçar do zero; recuperar as aprendizagens; readaptar os alunos no presencial; e as incertezas da pandemia, seu sentido e consequências sociais.
- **Desafios no envolvimento de pais e comunidade:** trazer um número maior de pais / responsáveis para perto do projeto; promover e ampliar as atividades que incluam a comunidade.

- **Desafios pertinentes à gestão:** aumentar o número de crianças atendidas; conseguir materiais e instrumentos para o desenvolvimento das atividades; suprir a falta de material didático e pedagógico para os estudantes; recuperar instrumentos perdidos; acesso à internet; apoio e estrutura.
- **Desafios relativos aos planejamentos e projetos:** organizar, com antecedência, atividades para todas as faixas etárias; melhorar os projetos virtuais; recriar grupo de teatro; retomar as apresentações culturais; utilizar mais recursos tecnológicos.
- **Desafios relativos aos resultados:** conseguir que os jovens caminhem para a faculdade e o trabalho; consolidação da empregabilidade na totalidade dos jovens; ampliar a difusão da cultura no município.
- **Desafios sobre a metodologia:** consolidação das metodologias elaboradas pelos educadores nas oficinas; desenvolver novo processo de ensino para o híbrido; garantir a interação nos processos pedagógicos de forma saudável; inovar o processo de ensino; construir novas estratégias didáticas.
- **Desafios relativos às aprendizagens socioemocionais dos estudantes:** desenvolver nos jovens a coragem para vencer a timidez; resgatar a autoconfiança nos educandos; estimular ainda mais o processo criativo dos educandos; sociabilização; desenvolver a autonomia; manter a motivação; cuidar do emocional dos educandos; conseguir o brilho nos olhos que não brilham.
- **Desafios nas linguagens:** melhorar o nível técnico e musical da orquestra/ diminuir as defasagens; começar a prática instrumental; trabalhar a linguagem de forma integral.
- **Desafios pessoais e profissionais:** aprimorar o conhecimento; ter mais confiança, ajustar à uma nova equipe; focar nas atividades; lidar com o fazer criativo diante da falta de apoio e estrutura.

10. Considerações finais

É fato que a manutenção da situação pandêmica, em 2021, continuou interferindo nos processos administrativos, operacionais e pedagógicos do Projeto Garoto Cidadão – seja para os jovens e suas famílias, seja para educadores, seja para a própria Fundação. Foi mais um ano de insegurança, superação, aumento de demandas e conseqüente (re)adaptação.

Esse é um contexto que não pode ser ignorado. Embora a pandemia tenha imposto desafios e aprendizagens importantes, como já tratado no relatório anterior, permanecem alguns pontos que merecem atenção nessa etapa de retomada: especialmente a recuperação de aprendizagens específicas a cada uma das linguagens, o (re)conhecimento dos educandos e o acolhimento de suas novas necessidades e demandas.

Ainda, a crise sanitária ampliou e revelou, de forma significativa, as desigualdades sociais e o próprio projeto perdeu alunos em condições socioeconômicas mais difíceis, que não conseguiam acompanhar as atividades. Isso torna as ações do Garoto Cidadão ainda mais relevantes, pois podem, nessa retomada do presencial, reconquistar um público mais vulnerável, contribuindo para a diminuição da desigualdade.

Entre as diversas dimensões analisadas referentes à gestão, destaca-se a importância de se ter instrumentos e sistemas de gestão, facilitando o acompanhamento das ações por todos os envolvidos e gerando aprendizagens intra-unidades. Vale apontar para a importância da criação de um **Sistema de Monitoramento e Avaliação**, distinguindo-se as especificidades locais.

Vale ressaltar que a autonomia de cada unidade (tanto na parte operacional como na gestão orçamentária-financeira) deve ser priorizada, já que seus contextos, demanda e realidades são diferenciados. Ainda que o projeto seja “plural”, é sempre importante considerar políticas claras de inclusão e diversidade.

Nas atividades desenvolvidas, percebe-se a intencionalidade do trabalho com as competências relacionadas às linguagens agregado às socioemocionais, o que possibilita o desenvolvimento integral dos jovens. As apresentações, nesse sentido, são estratégicas já que aproximam as famílias



e comunidades do projeto, disseminam cultura e geram sensação de orgulho e pertencimento, como já explorado nesse relatório.

Outra atividade que merece destaque é o Projeto de Vida, pelo potencial revelado. É nessa dinâmica mediada e intencional que os jovens avaliam suas expectativas, potencialidades e fragilidades para a sequência de seus estudos, inserção no mundo do trabalho e atuação no meio social, sem normatizar comportamentos ou buscar adequar o jovem a um modelo ideal de pessoa. Essa atividade constitui, ainda, uma oportunidade para estreitar o vínculo com as escolas, especialmente aquelas de Ensino Médio.

Alinhado ao Projeto de Vida o Mentoria Cidadã tem potencial para se constituir no “plano de saída” do projeto. Cabe também refletir sobre a pertinência de se ampliar as ações para esses jovens que chegam na idade limite, minimizando a sensação de perda. Cursos profissionalizantes e de desenvolvimento pessoal, encontros e apresentações sistemáticos entre egressos, parcerias com outras instituições para além da CSN, podem ser pensados.

A despeito dos resultados positivos em todas as unidades, Heliópolis merece um olhar atento e exclusivo, visto que sua estrutura é descentralizada e sua implementação recente. Uma coordenação pedagógica que alinhe as ações por meio de um planejamento coletivo e integrado pode auxiliar nesse processo.

Vale ainda destacar que cada unidade se destaca em algum aspecto apresentando resultados mais positivos em comparação com as demais. Seria interessante que a coordenação geral promovesse momentos de troca, orientando-os para o compartilhamento de experiências e soluções exitosas. Sem dúvida, muito se tem a apreender um com o outro.

Por fim, em que pesem todos os desafios e oportunidades de melhoria, a função social do Projeto é absolutamente relevante já que acolhe, oportuniza, transforma, amplia saberes e dissemina cultura em espaços de alta vulnerabilidade.

Anexos

Anexo 1 – Escolaridade dos jovens por Unidade

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total (NA e %)	
4º e 5º ano		15,4	5	32,9		7,1	35	15,6
6º e 7º ano	5	26,9	10	53,2	37,5	25,0	75	33,3
8º e 9º ano	25	19,2	15	13,9	29,2	53,6	61	27,1
Ensino Médio	65	26,9	45		29,2	10,7	42	18,7
Terminei o Ensino Médio	5	7,7	25		4,2	1,8	10	4,4
Não respondeu	0	3,8			0	1,8	2	0,9
Total	20	26	20	79	24	56	225	100

Anexo 2 – Participação dos jovens nas linguagens por Unidade

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total (NA e %)	
Teatro	70,0	26,9	85	92,4	50,0	50,0	151	59,2
Dança	55,0	50,0	75	100,0	41,7	39,3	150	58,8
Música	100,0	69,2	85	93,7	87,5	60,7	184	72,2
Expressões da Arte	55,0	26,9	80		25,0	37,5	61	23,9
Artes visuais	30,0	46,2	50	83,5	45,8	12,5	112	43,9
Circo					33,3		8	3,1
Cultura e cidadania		7,7	75	100,0	41,7	50,0	134	52,5
Total	20	26	20	79	24	56	255	100,0

Anexo 3 – Resultados Projeto de Vida por unidade (educadores)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
A identificar os seus potenciais	Ajudou pouco	50			50	33,3		22,7
	Ajudou muito	50	100	100	50	66,7	100	77,3
A identificar os seus desafios	Ajudou pouco	50	33,3	20		33,3		22,7
	Ajudou muito	50	66,7	80	100	66,7	100	77,3
A identificar os seus interesses	Ajudou pouco	50	33,3			33,3		18,2
	Ajudou muito	50	66,7	100	100	66,7	100	81,8
A se conhecer e entender a sua história	Ajudou pouco	50		20	25	33,3		22,7
	Ajudou muito	50	100	80	75	66,7	100	77,3
A fazer escolhas responsáveis	Ajudou pouco	50	33,3	20	50	16,7		27,3
	Ajudou muito	50	66,7	80	50	83,3	100	72,7
A tomar decisões	Não ajudou	50						4,5

	Ajudou pouco	50	33,3			33,3		18,2
	Ajudou muito	50	66,7	100	100	66,7	100	81,8
A resolver problemas	Ajudou pouco		33,3	20	25	33,3		22,7
	Ajudou muito	50	66,7	80	75	66,7	100	72,7
A lidar com situações inesperadas	Não ajudou	50				16,7		9,1
	Ajudou pouco		33,3	40	25	16,7		22,7
	Ajudou muito	50	66,7	60	75	66,7	100	68,2
A conseguir uma atividade remunerada	Não ajudou				25			4,5
	Ajudou pouco	50	33,3		50	50		31,8
	Ajudou muito	50	66,7	100	25	50	100	63,6
A resignificar suas histórias	Ajudou pouco	50						4,5
	Ajudou muito	50	100	100	100	100	100	95,5
No desenvolvimento pessoal e social	Ajudou pouco	50	33,3		25			13,6
	Ajudou muito	50	66,7	100	75	100	100	86,4
No desenvolvimento profissional	Não ajudou				25	16,7		9,1
	Ajudou pouco	50	33,3			16,7		13,6
	Ajudou muito	50	66,7	100	75	66,7	100	77,3
	Total	2	3	5	4	6	2	100

Anexo 4. O quanto as atividades de PV o ajudou a... (jovens)

		Total	
		NA	%
Identificar seus potenciais	Não ajudou	7	8
	Ajudou pouco	14	15,9
	Ajudou muito	62	70,5
	Não respondeu	5	5,7
Identificar seus desafios	Não ajudou	8	9,1
	Ajudou pouco	10	11,4
	Ajudou muito	65	73,9
	Não respondeu	5	5,7
Identificar seus interesses	Não ajudou	6	6,8
	Ajudou pouco	11	12,5
	Ajudou muito	66	75
	Não respondeu	5	5,7
A se conhecer e entender a sua história	Não ajudou	13	14,8
	Ajudou pouco	13	14,8
	Ajudou muito	57	64,8
	Não respondeu	5	5,7
A fazer escolhas responsáveis	Não ajudou	8	9,1
	Ajudou pouco	10	11,4

	Ajudou muito	65	73,9
	Não respondeu	5	5,7
A tomar decisões	Não ajudou	11	12,5
	Ajudou pouco	13	14,8
	Ajudou muito	59	67
	Não respondeu	5	5,7
A resolver problemas	Não ajudou	11	12,5
	Ajudou pouco	16	18,2
	Ajudou muito	55	62,5
	Não respondeu	6	6,8
A lidar com situações inesperadas	Não ajudou	19	21,6
	Ajudou pouco	17	19,3
	Ajudou muito	46	52,3
	Não respondeu	6	6,8
	Total	88	100

Anexo 5. O quanto as atividades de PV o ajudou a... (por unidade - jovens)

		Araucária	Arcos	Congonhas	Itaguaí	Volta Redonda
Identificar seus potenciais	Não ajudou	8,3	5,6	0	14,3	8,8
	Ajudou pouco	8,3	11,1	30	21,4	14,7
	Ajudou muito	83,3	72,2	70	57,1	70,6
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	5,9
Identificar seus desafios	Não ajudou	8,3	5,6	0	7,1	14,7
	Ajudou pouco	0	0	20	42,9	5,9
	Ajudou muito	91,7	83,3	80	42,9	73,5
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	5,9
Identificar seus interesses	Não ajudou	0	5,6	0	7,1	11,8
	Ajudou pouco	8,3	11,1	0	14,3	17,6
	Ajudou muito	91,7	72,2	100	71,4	64,7
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	5,9
A se conhecer e entender a sua história	Não ajudou	8,3	11,1	10	21,4	17,6
	Ajudou pouco	8,3	16,7	10	28,6	11,8
	Ajudou muito	83,3	61,1	80	42,9	64,7
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	5,9
A fazer escolhas responsáveis	Não ajudou	0	0	10	7,1	17,6
	Ajudou pouco	16,7	5,6	20	28,6	2,9
	Ajudou muito	83,3	83,3	70	57,1	73,5
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	5,9
A tomar decisões	Não ajudou	8,3	11,1	20	7,1	14,7
	Ajudou pouco	16,7	5,6	20	28,6	11,8
	Ajudou muito	75	72,2	60	57,1	67,6
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	5,9
A resolver problemas	Não ajudou	0	0	10	14,3	23,5

	Ajudou pouco	8,3	5,6	30	42,9	14,7
	Ajudou muito	91,7	83,3	60	28,6	55,9
	Não respondeu	0	11,1	0	14,3	5,9
A lidar com situações inesperadas	Não ajudou	33,3	11,1	30	28,6	17,6
	Ajudou pouco	16,7	11,1	20	35,7	17,6
	Ajudou muito	50	66,7	50	28,6	55,9
	Não respondeu	0	11,1	0	7,1	8,8
	Total	12	18	10	14	34

Anexo 6. Notas atribuídas aos educadores pelos jovens por Unidade (médias ponderadas)

	Araucária	Arcos	Congonhas	Heliópolis	Itaguaí	Volta Redonda	Total
Teatro	9,86	9,71	9,46	8,89	10,00	9,82	9,34
Dança	9,73	9,85	9,75	8,58	10,00	9,73	9,14
Música	9,90	10,00	9,71	9,01	9,85	9,68	9,49
Expressões da Arte	9,55	9,57	9,19		10,00	9,10	9,33
Artes Visuais	10,00	9,83	9,38	8,67	10,00	10,00	9,07
Circo					9,88		
Cultura e Cidadania		9,00	9,38	9,10	9,90	9,71	9,32